



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE



PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

NÚCLEO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PSICOLOGIA SOCIAL

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

GABRIEL HENRIQUE PEREIRA DE FIGUEIREDO

**HOMOFOBIA ENTRE GAYS: UM ESTUDO SOBRE A REPRODUÇÃO DE
DISCURSOS E PRÁTICAS HETERONORMATIVAS**

São Cristóvão – Sergipe

Agosto, 2016

GABRIEL HENRIQUE PEREIRA DE FIGUEIREDO

**HOMOFOBIA ENTRE GAYS: UM ESTUDO SOBRE A REPRODUÇÃO DE
DISCURSOS E PRÁTICAS HETERONORMATIVAS**

Dissertação apresentada à banca de defesa de
Mestrado como requisito para obtenção do
diploma de Mestre em Psicologia Social.

Orientador: Elder Cerqueira Santos.

**São Cristóvão – Sergipe
2016**

Ficha Catalográfica Elaborada pelo
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Sergipe

F475h

Figueiredo, Gabriel Henrique Pereira de
Homofobia entre gays : um estudo sobre a reprodução de discursos e
práticas heteronormativas / Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo ;
orientador Elder Cerqueira Santos. -- São Cristóvão, 2016.
133 f. : il.

Dissertação (mestrado em Psicologia Social) - Universidade Federal de
Sergipe, 2016.

1. Homofobia. 2. Preconceitos. 3. Homossexualidade. 4. Identidade gay I. I.
Santos, Elder Cerqueira, orient. II. Título.

CDU 316.62-055.34

COMISSÃO JULGADORA

Dissertação do Discente Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo, intitulada “Homofobia entre gays: Um estudo sobre a reprodução de discursos e práticas heteronormativas”, defendida e aprovada em 22/08/2016, pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Prof. Dr. Elder Cerqueira Santos (orientador)

Prof. Dr André Faro Santos (examinador interno)

Prof. Dr. Ludgleydson Fernandes de Araújo (examinador externo)

*À todas(os) as(os) vítimas da LGBTfobia,
Especialmente às negras, pobres, gordas e de periferia.*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, às minhas mães, as quais me possibilitaram iniciar a empreitada do pouco mais de dois anos desse mestrado. Minha mãe Marina que me deu a vida e nunca mediu esforços a me ajudar, principalmente nos momentos de dificuldade. Minha mãe tia Zil, que sempre acreditou em mim e foi a torcida mais fiel que tive até o momento na vida. Minha mãe madrinha Elza, que sempre se preocupou comigo e ajudou minha mãe a financiar cada gasto que tive durante esses anos. À essas três mães, rosas do meu jardim, agradeço e dedico este trabalho.

Ao meu esposo e companheiro, Jonathan, que apesar de muitas vezes ter sido ausente durante esse processo, também entendeu minhas ausências e se colocou ao meu lado, me incentivando e acreditando em meu potencial.

Ao meu querido amigo e orientador, Elder Cerqueira Santos, pelas orientações, pela paciência, pelo apoio e entendimento das minhas dificuldades, da minha imaturidade.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicologia Social da UFS e seus respectivos professores, especialmente àqueles com os quais eu tive a oportunidade de aprender com estes, André Faro, Daniel Coelho, Eduardo Leal, Rogério Paes e Claudiene Santos.

Aos colegas do mestrado com os quais dividi muitas experiências e momentos de alegria, tristeza, até mesmo desespero, especialmente Bruno Brito, Ariane Brito, Camila Araujo, Marla Matos, Lucas Teixeira, Denise Buhler e Leilane Bonfim.

Ao Grupo de Pesquisa em Sexualidade Humana da UFS – SEXUS, especialmente a Hênio, Aline e César.

Aos amigos e familiares de Cuiabá que mesmo de longe me deram forças e acreditaram em mim, Getulio, Vânia, Samah, Suhayla, Mayara Arruda, Pamela Rocha, Joyce Santos, Tia Rose, Josi Marconi, Xica da Silva, Iasmin Vilela, Viviane Soares, Geni, GERALDA, Genesa, Paula Alves, Gleyca, Cristian, Leihge.

Aos colegas de trabalho e militância, Jane Cotrin, Clovis Arantes, Astrid e Admilson.

Aos amigos que Aracaju me proporcionou, especialmente Miila, Ana Paula e Liginha.

E a todos aqueles que durante o tempo que estive em Aracaju foram me visitar, minha mãe Marina, madrinha Elza, Genesa e Hugo Perez.

LISTA DE QUADROS, FIGURAS E TABELAS

Quadro 1 - Análise descritiva da identificação dos artigos recuperados na íntegra a partir do título, autores, ano de publicação, periódico e tipo de estudo.

Quadro 2 - Análise descritiva das identidades gays a partir da frequência das palavras mais evocadas e descrição das categorias

Quadro 3 - Análise correlacional entre percepção interna, percepção externa, pertença, autodefinição, nível de masc./feminilidade, nível de abertura da sexualidade e identificação com grupo gay (R de Pearson e sig.)

Figura 1 - Análise descritiva da frequência e percentual da variável “nível de escolaridade” (N=254)

Figura 2 - Análise descritiva da frequência e percentual das variáveis de comportamento sexual de risco (N=254)

Figura 3 - Análise descritiva da frequência do nível de conhecimento público da sexualidade a partir das esferas “escola”, “trabalho”, “amigos” e “família”

Figura 4 - Análise descritiva do percentual a partir do nível de abertura da sexualidade em “pouca abertura”, “abertura parcial” e “muita abertura”

Figura 5 - Análise descritiva do percentual das categorizações em “positivo”, “negativo” e “neutro” a partir das palavras evocadas para as identidades gays

Tabela 1 - Análise descritiva da frequência de artigos encontrados, selecionados e recuperados nas plataformas Scielo e Lilacs a partir dos unitermos (descritores)

Tabela 2 - Análise descritiva da frequência e percentual da variável “tipos de relacionamentos” (N=129)

Tabela 3 - Análise descritiva das variáveis “tipo físico” e “tipo de cabelo”.

Tabela 4 - Análise descritiva das variáveis de uso de locais, sites e aplicativos para o público gay.

Tabela 5 - Análise descritiva da frequência e percentual da escala de masculinidade/feminilidade (N=254)

Tabela 6 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de identidade gay

Tabela 7 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de classes sociais

Tabela 8 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de características estéticas

Tabela 9 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de religiões

Tabela 10 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis “afeminado” e “discreto”

Tabela 11 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de posição sexual

Tabela 12 - Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de “velho”, “soropositivo” e “casado”

Tabela 13 – Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis sócio-demográficas (T-students)

Tabela 14 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis nível de abertura e nível de masc./feminilidade (One-way ANOVA)

Tabela 15 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis nível de escolaridade e posição sexual (One-way ANOVA)

Tabela 16 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função das variáveis de evocações das identidades gays (T-students)

Tabela 17 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “pão com ovo” (T-students)

Tabela 18 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “barbie” (T-students)

Tabela 19 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “maricona” (T-students)

Tabela 20 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “drag queen” (T-students)

Tabela 21 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “urso” (T-students)

Tabela 22 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “hipster” (T-students)

Tabela 23 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “fino” (T-students)

Tabela 24 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “afeminado” (T-students)

Tabela 25 - Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “discreto” (T-students)

Tabela 26 - Análise associativa entre evocações e comportamento sexual e nível de masc./feminilidade (X^2)

Tabela 27 - Análise associativa entre evocações e nível de abertura da sexualidade e identificação com grupo gay (X^2)

Tabela 28 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “pão com ovo” (X^2)

Tabela 29 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “barbie”
(X²)

Tabela 30 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com
“maricona” (X²)

Tabela 31 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “drag
queen” (X²)

Tabela 32 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “urso”
(X²)

Tabela 33 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com
“hipster” (X²)

Tabela 34 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “fino”
(X²)

Tabela 35 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com
“afeminado” (X²)

Tabela 36 - Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com
“discreto” (X²)

RESUMO

Esse estudo objetivou compreender a homofobia entre gays, considerando a reprodução do discurso heteronormativo nos grupos de homens que se autoidentificam como gays. Inicialmente, foi realizada uma revisão sistemática da literatura sobre a identidade gay nos estudos sobre homofobia. Em seguida, um estudo empírico foi proposto. Utilizou-se de um formulário disponibilizado virtualmente, respondidos por 254 homens autoidentificados homossexuais, brasileiros com média de 27,17 anos de idade com desvio padrão de 7,94, que observou as características psicossociais; representação acerca das identidades gays; relacionamento intragrupal; pertencimento e reconhecimento da identidade gay e a internalização da homofobia. Os dados foram analisados pelo Software SPSS. Os principais achados revelaram a relevância da abertura da sexualidade na reprodução do preconceito entre gays, especialmente quanto às identidades não-normativas de gênero, idade, classe socioeconômica, padrão de beleza. Concluiu-se que existe uma padronização da experiência de ser gay que possibilita a reprodução do preconceito homofóbico nas relações sociais entre gays, principalmente no que se refere às representações acerca das identidades gays e aos relacionamentos estabelecidos entre gays.

Palavras-chaves: Homofobia; Gay; Preconceito; Estereótipo; Identidade Gay.

ABSTRACT

This study aims to understand homophobia amongst gays, considering the reproduction of heteronormative discourse in groups of men who self-identify as gay. Initially, a systematic review of the literature on gay identity in studies on homophobia was held. Then an empirical study has been proposed. It used a form provided virtually answered by 254 men from all over Brazil , who noted the psychosocial characteristics ; representation of gay identities; intragroup relationships; belonging and recognition of gay identity and the internalization of homophobia. Data were analyzed by SPSS Software (IBM SPSS). The main findings showed the importance of the opening of sexuality in the reproduction of prejudice amongst gay men, especially as non - normative gender identities, age, socioeconomic status, beauty standard.

Keywords: Homophobia; Gay; Prejudice; Stereotype; Gay identity.

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Introdução | 13 |
| Objetivos..... | 19 |
| Capítulo 1 – Da homossexualidade à identidade gay: Uma revisão sistemática acerca da identidade gay nos estudos sobre homofobia no Brasil entre 2010 e 2014..... | 20 |
| Capítulo 2 – Método..... | 47 |
| Participantes..... | 47 |
| Procedimentos e Considerações Éticas..... | 47 |
| Instrumentos | 48 |
| Procedimentos de Análise dos Dados..... | 50 |
| Capítulo 3 – Resultados..... | 53 |
| 3.1 Do perfil dos Participantes..... | 54 |
| 3.2 Das representações acerca das Identidades Gays | 63 |
| 3.3 Dos tipos de relacionamentos | 66 |
| 3.4 Comparação de Média entre os grupos do perfil dos participantes | 74 |
| 3.5 Comparação de Média quanto as representações das Identidades Gays | 78 |
| 3.6 Comparação de Média quanto aos tipos de relacionamentos | 80 |
| 3.7 Associação entre as evocações acerca das Identidades Gays e perfil dos participantes..... | 88 |
| 3.8 Associação entre os relacionamentos com as Identidades Gays e perfil dos participantes..... | 93 |
| 3.9 Correlação entre as características da Homossexualidade e os fatores das Escalas de Identidade e Homofobia Internalizada..... | 104 |
| Capítulo 4 – Discussão | 106 |
| Referências | 117 |
| Anexo 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido..... | 122 |
| Anexo 2 – Questionário de Pesquisa..... | 124 |

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana é foco de pensamentos cobertos por certezas e incertezas nos discursos que nos acompanham ao longo do tempo e da história. Essa dicotomia entre certo e incerto revela os preconceitos que estão por detrás do discurso absoluto e as dúvidas acerca da sexualidade. Em decorrência desta divisão de posicionamentos sobre o saber da sexualidade, evidencia-se a necessidade de se explorar um campo que se revela cada vez mais fértil.

A diversidade da sexualidade é pauta de reivindicação por parte de movimentos sociais bem como a busca pela legitimação da cidadania por parte de sujeitos que não se enquadram ou não se identificam com aquelas identidades sexuais ditas como “normais”. Tal reivindicação luta pela visibilidade das identidades diferentes da homogênea e pelas conquistas de direitos sociais e civis, isso porque o modelo de sexualidade dita como “normal” e “natural” é a heterossexualidade (Welzer-Lang, 2001).

O autor acima citado diz que a naturalização da heterossexualidade faz com que este modelo de orientação sexual seja compreendido como normal, tornando este modelo de vivência da sexualidade como uma norma, excluindo as demais sexualidades e regulando os modos de masculinidade e feminilidade. No entanto, este trabalho parte da importância de se considerar o processo de construção social nas manifestações tanto da orientação sexual quanto do sexo e do gênero. Considerar um processo de construção social do sexo e da orientação sexual faz reconhecer as diversas possibilidades de identificação com as categorias sexuais e de orientação sexual.

Quanto à naturalização e, portanto, normatividade do sexo, Joan Scott (1995) enfatiza que os comportamentos e papéis sociais naturalizados nas identidades Mulher e Homem se tratam de atribuições que foram socialmente construídas. Essa autora ainda conceitua gênero enquanto um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma primeira forma de dar significado às relações de poder. Portanto, o corpo passa a ser pensado como um depositário do gênero.

Para Butler (2000), perceber o gênero como uma construção social que interpela o corpo biológico é compreender este corpo passivamente, como se já houvesse para o sujeito uma predisposição e materialidade para a expressividade tanto da masculinidade quanto da feminilidade e suas ambivalências, ou melhor, como se houvesse um corpo pré-discursivo materializado (Butler, 2000).

O processo de identificação com as possíveis categorias sexuais materializa o corpo. Isso porque a materialidade do corpo ocorre a partir das práticas discursivas acerca deste corpo, não existindo um corpo pré-discursivo (Butler, 2000). Como a heteronormatividade, o sexo é uma norma que regula a materialidade do corpo e, consequentemente, invisibiliza as identidades que a subvertem.

A subversão do sexo enquanto uma norma ocorre a partir da performatividade do gênero, que é a maneira como o corpo se apropria das práticas discursivas, tornando possível a existência dos corpos “descontextualizados” (Bento, 2006). Considerando que sexo e sua performatividade – gênero – são construídos socialmente, embora exista a percepção social de sua “natureza” humana, subverte-se também a naturalização da heterossexualidade bem como sua normatividade.

A homossexualidade é um modelo de orientação sexual que difere da heterossexualidade. Trata-se do desejo sexual e afetivo por pessoas do mesmo sexo e,

consequentemente, com a identificação com esta sexualidade. Ao longo do tempo, a homossexualidade foi sinônimo de sodomia, perversão (Freire & Cardinali, 2012), até ser compreendida como uma expressão da sexualidade como a heterossexualidade conforme relatórios da Associação Americana de Psiquiatria e da Associação Americana de Psicologia (Fry & Macrae, 1985), o que permite não apenas sua legitimação enquanto sexualidade como também sua visibilidade.

Via de regra, todo sujeito quando nasce é instruído a seguir o modelo de orientação sexual heterossexual (Welzer-Lang, 2001). Este fenômeno demonstra o potencial da heteronormatividade, sendo esta a norma da sexualidade que permite a esta orientação sexual o reconhecimento da sua legitimidade em detrimento das demais sexualidades (Louro, 2009).

Com o processo de evidência da homossexualidade, as pessoas que compartilhavam desta orientação sexual passaram a se identificar através de grupos sociais. Estes grupos, então, descobriram-se compartilhando signos e os atribuindo significados culturais. A partir destes aspectos culturais, nota-se a construção de identidades sociais a partir da orientação sexual homossexual, por exemplo, a identidade gay (Pecheny, 2004).

O uso do termo “identidade gay” sugere a identificação com uma cultura *a priori* gay. Segundo Silva e Cerqueira-Santos (2014), a orientação sexual é um critério que constitui os grupos sociais e, portanto, possibilita a identificação e o sentimento de pertencimento a tal grupo. A orientação sexual homossexual masculina se torna, por tanto, o critério base dos sujeitos que se identificam como gay, da mesma forma que a orientação sexual homossexual feminina é o critério fundamental para sujeitos que se identificam como lésbicas. Nesse trabalho deteremos sobre a identidade gay, haja vista

que a pesquisa se refere à identidade sexual da homossexualidade masculina. No entanto, é preciso destacar que esta cultura que constitui a identidade gay também é diversificada. Existe uma infinidade de construtos sociais a partir da linguagem, do corpo e de comportamentos que evidencia a pluralidade da identidade gay (Green, 2000).

Atravessada por diversos componentes biológicos, sociais, econômicos e estéticos, a identidade gay se apresenta enquanto um fenômeno plural. Essa pluralidade evidencia o surgimento de subcategorias sociais, que se apresentam também como identidades gays. Neste estudo, observou-se as identidades “pão com ovo”, “urso”, “hipster”, “maricona”, “drag queen”, “fino” e “barbie”.

Na cultura ocidental hegemônica, não responder à expectativa da heterossexualidade e identificar-se com outra sexualidade como a homossexual e, portanto, identificar-se como gay é estar suscetível a situações de violência, exclusão social e deslegitimação da cidadania (Prado & Machado, 2008). A vulnerabilidade a tais situações pode provocar no sujeito gay problemas nos âmbitos da educação, como a evasão escolar (Borges & Meyer, 2008), da saúde, como a dificuldade de acesso a assistência à saúde em alguns casos (Lionço, 2008), do assédio no emprego (Siqueira et. al., 2009) e problemas de relacionamento e vínculo com a família (Toledo & Teixeira Filho, 2013).

Com o intuito de combater a violência e a discriminação contra LGBTs e a homofobia, foi criado em 2004 o programa *Brasil Sem Homofobia: Programa de Combate à Violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual* (Brasil, 2004), com políticas voltadas para a cidadania LGBT. Este programa é um exemplo de conquistas políticas deste segmento da sociedade. No

entanto, as violações de direitos ainda existem e operam em campos que muitas vezes parecem invisíveis.

As desigualdades que o gay vivencia são compreendidas pelo conceito de homofobia. Segundo Fry e Macrae (1985), o termo surgiu a partir da Rebelião de Stonewall nos Estados Unidos, a qual foi responsável pelo surgimento de organizações civis mobilizadas por grupos de homossexuais que lutavam pelo *coming out* (sair do armário) e, conseqüentemente, pela cidadania gay. O termo “homofobia” se refere à inferiorização da homossexualidade em detrimento da heterossexualidade, protegendo as fronteiras entre estas orientações sexuais e assegurando os privilégios à heterossexualidade (Borrillo, 2010). Neste trabalho, compreende-se a homofobia enquanto preconceito contra as homossexualidades.

O preconceito homofóbico é sutil e sua naturalização prejudica a constatação das conseqüências psicológicas, sociais e afetivas no sujeito que a experiencia (Prado & Machado, 2008), como nos discursos naturalizados que inferiorizam a homossexualidade em detrimento da heterossexualidade e que se justificam como mera opinião e, por tanto, não são julgados como homofóbicos. Tais discursos se apresentam como direito hegemônico daqueles que ainda compreendem a homossexualidade como digna da marginalidade que lhe é conferida. Logo, a naturalização da homofobia dificulta sua localização bem como sua compreensão enquanto prática que segrega e exclui.

Segundo Prado e Machado (2008), o estereótipo é fundamental para a manutenção do preconceito. Ele naturaliza, simplifica e universaliza as homossexualidades, podendo se reproduzir entre os próprios homossexuais (Prado & Machado, 2008). É por conta da naturalização da homofobia que gays podem reproduzir

o estigma da homossexualidade, atribuindo e internalizando avaliação negativa acerca da sua sexualidade (Borrillo, 2010). Trata-se, portanto, da internalização da homofobia, cuja característica principal é a internalização dos valores negativos face à homossexualidade (Pereira & Leal, 2002). Portanto, questiona-se se esta internalização da homofobia não venha também a influenciar os relacionamentos sociais entre gays, tendo em vista os discursos de rejeição a determinadas categorias gays justificados pela preferência sexual. Também questiona-se se esta internalização não possa estar associada à pouca pertença e reconhecimento da identidade gay.

Sendo assim, este trabalho busca compreender como ocorre a homofobia entre gays e sua relação com os aspectos psicossociais da identidade gay. Investigou-se a reprodução de discursos e práticas heteronormativos de homens gays com relação a outros homens gays, considerando que o preconceito é capaz de influenciar nas relações sociais entre os próprios gays.

Dessa forma, a dissertação aqui apresentada é estruturada em 4 (quatro) capítulos que giram em torno do objetivo principal. No primeiro capítulo, apresenta-se uma Revisão Sistemática de Literatura acerca da Identidade Gay nos estudos sobre Homofobia. No segundo capítulo apresenta-se o desenvolvimento metodológico sobre a qual este trabalho será desenvolvido. No terceiro capítulo apresentar-se-á os resultados da pesquisa. Por fim, no quarto capítulo se espera apresentar a discussão da análise dos dados.

OBJETIVO GERAL

Compreender como ocorre a homofobia entre gays e sua relação com os aspectos psicossociais da identidade gay.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1) Compreender que aspectos da experiência da homossexualidade estão relacionados com a reprodução do preconceito homofóbico entre gays.

2) Compreender as formas de construção dos grupos gays a partir de estereótipos e os discursos que operam na hierarquização de tais grupos sociais;

3) Investigar as consequências da hierarquização para os grupos gays referente às relações sociais, como amizade, relações sexuais casuais e relacionamentos estáveis;

4) Avaliar a relação entre o nível de pertencimento e reconhecimento da identidade gay com o discurso acerca das identidades gays bem como os relacionamentos estabelecidos entre gays.

5) Avaliar a relação entre a internalização da homofobia com a representação acerca das identidades gays bem como seus relacionamentos estabelecidos.

CAPÍTULO 1

Da homossexualidade à identidade gay: Uma revisão sistemática acerca da identidade gay nos estudos sobre homofobia no Brasil entre 2010 e 2014. (From homosexuality to gay identity: A systematic review about gay identity in studies of homophobia in Brazil between 2010 and 2014).

Resumo

Este estudo objetivou apresentar uma revisão sistemática da produção científica nacional acerca da identidade gay nos estudos sobre homofobia. A discussão do trabalho apresenta como a identidade gay influencia na homofobia e sua manutenção na cultura ocidental. Realizou-se uma revisão sistemática da literatura nas bases indexadoras Scielo e Lilacs, de 2010 a 2014. Foram selecionados oito artigos, sendo quatro teóricos e quatro empíricos. Os estudos abordam o armário como dispositivo que regula a expressão da sexualidade, reproduzindo homofobia e marginalizando a cultura gay. A escassez de estudos que caracterizem a experiência da homossexualidade em seu caráter cultural evidencia a necessidade de ampliação do conceito da identidade social homossexual.

Palavras-chave: homofobia; preconceito; identidade gay; cultura gay; homossexualidade.

Abstract

This study aimed to present the national scientific production about gay identity in studies of homophobia. The discussion of this paper presents how gay identity influences on homophobia and in its maintenance in Western culture. It was conducted a systematic review of the literature on indexing databases SciELO and LILACS from 2010 to 2014. Eight articles, were selected, four theoretical and four empirical were recovered. The studies address the closet as a device that regulates the expression of sexuality, reproducing homophobia and updating the gay culture. The scarcity of studies that characterize the experience of homosexuality in its cultural character highlights the need to expand the concept of homosexual identity.

Keywords: homophobia; prejudice; gay identity; gay culture; homossexuality.

Conforme levantamento do “Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2013” da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, no Brasil, 5,22 pessoas foram vítimas de violência homofóbica por dia no ano de 2013 (Brasil, 2016). Apesar de pouco preciso, este número é muito preocupante, tendo em vista que os homicídios foram motivados pela orientação sexual das vítimas. Esta situação coloca o Brasil no ranking dos países homofóbicos, sendo considerado o campeão mundial ao tratar-se de homofobia (Mello, 2007).

Estes números revelam que a homofobia é um fenômeno que demanda a intervenção dos meios jurídicos, legislativos e, até mesmo, da comunidade científica, por isso a necessidade de estudos que amplifiquem a discussão é evidente. Segundo Scorsolini-Comin e Santos (2012), a literatura nacional acerca das temáticas LGBT, quando comparada com o contexto internacional, trata-se de um número ainda pequeno,

o que implica na necessidade de investimento na condução de estudos acerca do objeto “homofobia” pelos grupos de pesquisa brasileiros.

A homofobia pode ser considerada como as atitudes de hostilidade com homossexuais, designando-os como inferiores, anormais e desviantes (Borrillo, 2010). No presente estudo, adotaremos a concepção de homofobia por Borrillo (2009, 2010), segundo o qual se refere à intolerância sofrida por homossexuais quando reivindicam sua equivalência à heterossexualidade.

Estudos na área (Prado & Machado, 2008; Ramos & Carrara, 2006) apontam que a homofobia é manifestada e sustentada pelo preconceito. Segundo Prado e Machado (2008), o preconceito social é um dos principais mecanismos que mantem a hierarquização entre os grupos sociais, ou seja, é o responsável por manter a homossexualidade marginalizada.

O estereótipo é responsável pela manutenção do preconceito, haja vista que ele universaliza as características de determinado grupo social e/ou identidade (Prado & Machado, 2008). As características que compõem os estereótipos são os componentes que possibilitam a constituição de grupos sociais, por tanto, a orientação sexual torna-se um critério de composição de um grupo social e, portanto, de uma identidade social (Silva & Cerqueira-Santos, 2014).

Considerando que o preconceito homofóbico pode estar além inferiorização da homossexualidade mas também da cultura que constitui a identidade gay, o presente estudo utiliza do conceito de identidade *gay* para compreender a influência da cultura gay nos casos de homofobia. Objetivou-se, portanto, apresentar uma revisão crítica da literatura nacional acerca da identidade gay nos estudos sobre homofobia.

Método

Delineamento

O presente estudo consiste na revisão sistemática da literatura (RSL), a qual reúne de forma sistemática e criteriosa a produção científica sobre determinado tema. A revisão sistemática da literatura (RSL) é um método, cujo processo objetiva reunir os resultados de diversos estudos a fim de avaliá-los crítica e sinteticamente (Koller, Couto & Hohendorff, 2014).

O método permite apontar como tem sido explorado determinado objeto de investigação no cenário científico, possibilitando a averiguação das áreas produtoras, suas perspectivas teóricas e epistemológicas, seus tempos de produção, bem como as lacunas e limitações de uma área referente à outra.

Com o propósito de delimitar este levantamento no cenário nacional sem priorizar determinada disciplina, optou-se pela utilização de artigos indexados nas bases de dados Scielo e Lilacs, as quais são referências quanto ao armazenamento da produção brasileira.

Os critérios de inclusão utilizados na coleta dos dados priorizaram além da produção nacional, o período entre os anos de 2010 e 2014, período entre o qual foi aprovada no Supremo Tribunal Federal a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277, a partir da qual a união estável para casais do mesmo sexo foi reconhecida, provocando resistência dos setores conservadores e uma amplificação da discussão sobre o tema “homofobia”.

Os artigos foram selecionados sem restrição do idioma, no entanto, priorizou-se a produção no contexto brasileiro. A área científica também não foi restrita, pois se buscou dialogar distintas percepções, possibilitando uma análise multidisciplinar acerca

do objeto. Foram excluídos resenhas, resumos publicados em anais de congressos, monografias, dissertações, teses, livros e capítulos de livros. Apenas artigos publicados em periódicos com avaliação por pares entraram na seleção.

Procedimentos

O levantamento de artigos através das plataformas Scielo e Lilacs ocorreu durante o mês de outubro de 2014. Num primeiro momento, optou-se pela combinação de descritores em pares a fim de refinar a busca e selecionar o máximo de estudos sobre homofobia que destacassem a reflexão acerca da “identidade gay”.

Os descritores utilizados foram: homofobia, *homophobia*, preconceito contra homossexuais, preconceito contra homossexualidade, *attitudes toward homosexuality*, violência contra homossexuais, preconceito sexual. A escolha dos descritores deu-se a partir de um levantamento realizado na base de dados de terminologias da APA (Associação Americana de Psicologia).

Num primeiro momento, foi realizada a leitura dos resumos de todos os artigos encontrados a partir da busca pelos unitermos. Priorizou-se no conteúdo dos resumos a referência ao conceito de homofobia e uma aproximação ao de “identidade gay”. A partir da leitura dos resumos, os artigos selecionados foram recuperados e lidos na íntegra. Esta leitura objetivou destacar a caracterização do(s) homossexual(is), principalmente nos objetivos e resultados de cada trabalho. Esta caracterização permite correlacioná-la à noção de uma identidade social homossexual (gay).

A Tabela 1 demonstra as etapas do procedimento da coleta dos dados, por meio da seleção dos resumos e recuperação dos artigos na íntegra, a partir das palavras-chave utilizadas em cada base indexadora, sendo que os artigos que se repetiram não tiveram

seus resumos selecionados. A partir da aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados para análise dos dados oito artigos.

Tabela 1 Análise descritiva da frequência de artigos encontrados, selecionados e recuperados nas plataformas Scielo e Lilacs a partir dos unitermos (descritores)

| Unitermos | Encontrados | | Selecionados | | Recuperados | |
|-------------------------------------|-------------|--------|--------------|--------|-------------|--------|
| | Scielo | Lilacs | Scielo | Lilacs | Scielo | Lilacs |
| Homofobia | 31 | 15 | 11 | 3 | 5 | 1 |
| Homophobia | 21 | 14 | - | 1 | - | - |
| Preconceito contra homossexualidade | 2 | 3 | 1 | - | - | - |
| Preconceito contra homossexuais | 3 | 4 | - | - | - | - |
| Violência contra homossexuais | 1 | 2 | 1 | - | 1 | - |
| Preconceito sexual | 8 | 37 | - | 2 | - | 1 |
| Attitudes Toward Homosexuality | 5 | - | 1 | - | - | - |
| Total | 146 | | 20 | | 8 | |

Primeiramente, foram recuperados 20 resumos de artigos, a partir dos títulos, resumos e descritores. Posteriormente, a partir da leitura na íntegra dos artigos completos, 12 trabalhos foram excluídos por não apresentarem a noção de identidade gay ou por ter objetivos distantes da referência ao conceito de homofobia. Por tanto, foram selecionados oito artigos para uma releitura e análise do conteúdo apresentado

por estes. O material coletado foi analisado por dois juizes, que utilizaram os critérios de inclusão e exclusão, a fim de garantir a qualidade, validade e fidedignidade do presente estudo.

O Quadro 1 apresenta a amostra dos artigos recuperados em termos de título, autores, ano de publicação, título do periódico e tipo de estudo. Conforme mostra a Tabela 2, a partir dos critérios de inclusão e exclusão, o ano de 2013 foi o único durante o qual não houve publicações pertinentes ao problema de pesquisa apresentado neste estudo, enquanto o ano de 2012 teve mais publicações. Os periódicos *Educar em Revista* e *Sexualidad, Salud y Sociedad* concentraram as publicações, com duas cada uma. Outro dado que a Tabela 2 demonstra é que não houve discrepância quanto ao tipo de estudo dos artigos. Foram recuperados quatro artigos empíricos e quatro teóricos.

A partir desta releitura criteriosa, organizada através dos objetivos e principais resultados, os artigos foram categorizados nos seguintes eixos de análise: “Ampliação do conceito de homofobia”, “Da Identidade homossexual à Identidade gay” e “O armário”. Na categoria de análise “Ampliação do conceito de homofobia”, apresenta-se um desenvolvimento do conceito de homofobia, considerando o preconceito contra a cultura gay. A cultura gay será objeto de reflexão para a proposição da noção de Identidade gay, que será abordada na categoria “Da Identidade homossexual à Identidade gay”. Por fim, “O armário” será a categoria que abordará o coming out como fenômeno na constituição da Identidade e Cultura gay.

Quadro 1 Análise descritiva da identificação dos artigos recuperados na íntegra a partir do título, autores, ano de publicação, periódico e tipo de estudo

| Título | Autores | Ano | Periódico | Tipo de estudo |
|--|---------------------------------------|------|---------------------------------|----------------|
| <i>O preconceito sexual internalizado por Homossexuais Masculinos</i> | Nunan, Jablonski, Féres-Carneiro | 2010 | Interação em Psicologia | Teórico |
| <i>Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/ Brasil)</i> | Borges, Passamani, Ohlweiler, Bulsing | 2011 | Educar em Revista | Empírico |
| <i>Homofobia e educação: quando a omissão é signo de violência</i> | Dinis | 2011 | Educar em Revista | Teórico |
| <i>Insensatos afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira</i> | Scorsolini-Comin, Santos | 2012 | Barbarói | Teórico |
| <i>Homofobia e Sexualidade em Adolescentes: Trajetórias Sexuais, Riscos e Vulnerabilidades</i> | Teixeira, Rondini, Benini, Santos | 2012 | Psicologia: Ciência e Profissão | Empírico |
| <i>O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia</i> | Freire, Cardinali | 2012 | Sexualidad, Salud y Sociedad | Teórico |
| <i>Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade</i> | Soliva, Silva Junior | 2014 | Sexualidad, Salud y Sociedad | Empírico |
| <i>Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays</i> | Perucchini, Brandão, Vieira | 2014 | Estudos de Psicologia | Empírico |

Resultados e Discussão

Os artigos em geral objetivam problematizar a homofobia em diversas instâncias. Foram enfatizados a comunicação da orientação sexual ou a revelação da homossexualidade, incluindo a relação entre homossexuais e a família a partir deste momento, a (re)produção da homofobia nos contextos educacionais, a homossexualidade na atualidade, tanto no âmbito político quanto nos meios de comunicação e a internalização da homofobia pelos homossexuais.

Quanto à apresentação da homossexualidade no âmbito político, Freire e Cardinali (2012) apresentam o modo como as pautas do movimento homossexual evoluíram nos últimos anos, os argumentos prós e contras a criminalização da homofobia e os projetos de lei existentes. O estudo de Scorsolini-Comin e Santos (2012) apresenta a homossexualidade através dos meios de comunicação. Os autores investigam como a temática homossexual tem sido retratada na telenovela brasileira *Insensato Coração*, veiculada no ano de 2011.

Borges et. al. (2011) e Dinis (2011) discutem a (re)produção da homofobia nos contextos educacionais. Borges et. al. (2011) problematizam a questão da homofobia nas escolas de Santa Maria (Rio Grande do Sul) a fim de buscar as raízes do pensamento e das práticas homofóbicas. Dinis (2011) busca discutir, a partir do conceito de “amolador de facas”, alguns aspectos da violência contra estudantes LGBTT (Lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) e a omissão da diversidade sexual e de gênero no currículo escolar.

A pesquisa relatada por Teixeira et. al. (2012) apresenta as experiências de adolescentes de três cidades do oeste paulista. Os autores buscam compreender a

percepção dos sentidos e as variações do *sair-do-armário* em adolescentes e as suas relações com marcadores sociais como raça, gênero e classe social.

Soliva e Silva Junior (2014) e Nunan et. al. (2010) abordam a relação entre os homossexuais e seus familiares diante da homossexualidade de um membro da família. Soliva e Silva Junior (2014), a partir da análise das tensões entre jovens homossexuais e suas famílias durante a descoberta da homossexualidade dos primeiros, apresentam a relação entre pais e filhos em face de situações de ocultação e revelação da homossexualidade. O trabalho de Perucchi et. al. (2014) analisa as situações de homofobia no âmbito das relações familiares vividas por jovens lésbicas e gays e os aspectos psicossociais das rupturas e afastamentos temporários ou permanentes do vínculo com a família por jovens homossexuais.

Por fim, articulando conceitos da Psicanálise e da Psicologia Social, Nunan et. al. (2010) procuram discutir o conceito de *preconceito sexual internalizado*, bem como seus modos de aferição, manifestações clínicas e possíveis modos de redução.

Quanto aos resultados e discussão dos artigos selecionados nesta revisão, Freire e Cardinali (2012) contextualizam o percurso desde o Brasil Colônia, quando a homossexualidade era conceituada por sodomia, representando pecado e crime, passando pelo conceito de homossexualismo – referente ao caráter patológico da sexualidade – e uranismo – quando foram propostas pela medicina a cura e higienização dos homossexuais. Sob o título “Os homossexuais saem do armário”, os autores apresentam o surgimento no Brasil, em meados de 1970, de grupos de militantes no período de abertura política no fim da ditadura militar e suas conquistas iniciais, como a retirada do homossexualismo do rol de doenças do Instituto Nacional de Previdência Social.

Segundo os mesmos autores, a sexualidade adquire “uma função identitária que gira em torno não apenas de práticas sexuais, mas da construção de uma subjetividade”, produzindo uma representação singular que pode ser compartilhada com outros indivíduos. Por fim, os autores trazem a luz o surgimento do conceito de homofobia a partir da epidemia de HIV/Aids, no início dos anos 1980, a qual provocou uma forte reação de intolerância contra a homossexualidade.

A pesquisa trazida por Teixeira et. al. (2012) contou com 2.282 adolescentes de ambos os sexos, dos quais quatro não declararam seu sexo e 10 não declararam sua orientação sexual. Dos que declararam o sexo e a orientação sexual, 95,2 % (2.159) são heterossexuais e 4,8 % (109) são não-heterossexuais. 93,2 % declararam ter sentido atração apenas por pessoas do sexo biológico diferente. Dos que declararam ter sentido atração por pessoas do mesmo sexo biológico, 65,2 % disseram ter conversado com alguém sobre o assunto, sendo que destes 25 % são heterossexuais. Das justificativas para não contar a ninguém, “achar que fosse passageiro” destacou-se no grupo de heterossexuais, enquanto “sentir medo de não ser compreendido” e “ainda não ter certeza sobre os seus sentimentos” destacou-se no grupo de não heterossexuais.

De um total de 100 adolescentes não heterossexuais, 54 disseram ter assumido sua sexualidade para alguém. A pesquisa também revela que dos bissexuais que responderam sobre já ter sofrido algum constrangimento/agressão por causa da sua sexualidade, 54,5 % disseram que sim, enquanto 80 % dos gays e lésbicas também sofreram agressão. No entanto, de um total de 86 jovens vítimas de agressão, 28,6 % declararam que gostariam de mudar de sexualidade, se possível.

O ensaio apresentado por Borges et. al (2011) apresenta a experiência de 20 professoras. Algumas delas relataram ter dificuldades em tratar o tema homofobia no

contexto escolar. Segundo o relato dos autores, algumas não consideram brincadeiras como práticas homofóbicas, mas reflexos de discriminações homofóbicas da sociedade. Foi unânime nas entrevistas o discurso de que há a necessidade de uma formação específica para os professores.

Os autores também destacam não haver em nenhuma das escolas participantes da pesquisa um plano específico para lidar com situações que envolvem gênero e sexualidade. Uma das entrevistadas relatou um caso de uma ex-colega professora que foi afastada de suas funções pela direção da escola por conta da reação das famílias. O motivo seria um trabalho solicitado aos alunos sobre abuso sexual e pedofilia.

Borges et. al. (2011) descrevem o primeiro contato com uma das escolas, no qual, durante a apresentação da pesquisa ao diretor, este disse que a pesquisa era muito importante, pois na escola havia alunos que *afrontavam* os colegas com seus comportamentos – meninos iam vestidos de meninas, por exemplo. Segundo os autores, para o diretor estas situações eram para chamar atenção e a escola não tinha nada a ver com a sexualidade dos alunos e com o que eles faziam fora da escola.

Soliva e Silva Junior (2014) descrevem o momento da descoberta da homossexualidade de jovens por seus pais, revelando a intolerância, a frustração e os medos manifestados em agressões, ameaças e outros tipos de violência. Os relatos dos participantes da pesquisa são caracterizados por discursos produzidos pelos pais, tais como: “preferiria que você fosse bandido”, “que usava drogas”. Os autores abordam a vida dos participantes antes da revelação/descoberta da homossexualidade. Os depoimentos revelam que as primeiras experiências desses jovens com a homossexualidade ocorreram através do silêncio e da vergonha. A primeira ida aos espaços de sociabilidade gay quase sempre é feita sem o conhecimento dos pais.

A pesquisa também revela a experiência de um “namoro heterossexual” como estratégia para fugir dos questionamentos e cobranças que a família exerce por conta dos indícios da homossexualidade que vão percebendo. A revelação da homossexualidade é descrita por vários jovens como um momento de desespero insuportável, a partir da qual quase todos os jovens experienciam violência física, associada por grande parte dos relatos a uma série de problemas que vieram a enfrentar, tais como isolamento social, problemas de saúde, baixo desempenho escolar etc. Os autores também relatam a recorrência da violência psicológica nas situações de revelação da homossexualidade, manifestada através de interdições, punições, controle cotidiano etc.

Scorsolini-Comin e Santos (2012) apresentam a temática da homossexualidade na novela *Insensato Coração*, na qual vários personagens homossexuais são retratados, desde o personagem caricato até o advogado “que não dá pinta”. Os personagens vivem situações como a crise enfrentada até reconhecer-se gay. O personagem em questão tem um envolvimento heterossexual frustrado, seguido de uma aproximação com pessoas do mesmo sexo, passando por uma “crise de identidade”, pela aproximação ao universo gay, pelo desejo de “sair do armário”, até a revelação da homossexualidade.

O núcleo homossexual, segundo Scorsolini-Comin e Santos (2012), é retradado em termos de espaços de sociabilidade gay, como também de locais não direcionados a este público. Acerca destes espaços, a telenovela aborda a questão da homofobia enquanto crime e violação de direitos vivenciada pelos homossexuais. Duas cenas da novela exploram esta abordagem. Numa, dois casais de gays sofrem discriminação por parte de um garçom de um bar, em outra, um personagem gay foi assassinado num quiosque em Ipanema, o qual ouviu dos agressores antes da morte a expressão: “Te ensinar a ser homem”.

Em *Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência*, Dinis (2011) destaca que a homofobia se expressa no contexto escolar através de agressões verbais e/ou físicas sofrida por alunas (os) gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais, caracterizando estas formas de violência como bullying homofóbico.

Segundo o autor, o bullying homofóbico tem resultado na evasão escolar e, até mesmo, nas tentativas de suicídio, devido o preconceito e a discriminação sofrida no espaço escolar. Dinis (2011) também revela o silenciamento e ocultamento da sexualidade na situação de estudantes gays e lésbicas, caracterizando como formas de violência. Este silenciamento é compartilhado pelos professores, que evitam discutir o tema da diversidade sexual e gênero.

A partir do conceito de “amolador de facas”, Dinis (2011) denuncia a cumplicidade social com a violência nas situações em que professores compartilham do silenciamento. As justificativas de que as identidades sexuais pertencem ao domínio da vida privada e que a escola só deva discutir assuntos universais, segundo o autor, revelam o preconceito presente no pacto com a violência exercida contra estudantes não heterossexuais.

O trabalho teórico de Nunan et al. (2010) conceitua preconceito sexual internalizado como a aceitação pelos homossexuais das características negativas atribuídas pela sociedade em relação à homossexualidade. Segundo os autores, o preconceito sexual internalizado produz sentimento de vergonha e culpa, caracterizado pelos questionamentos sobre o valor pessoal até o ódio contra si mesmo. Depressão, baixa autoestima, isolamento social, comportamento sexual de risco, ansiedade e insegurança são algumas apresentações do fenômeno em questão.

Ao apresentarem modos de aferição do preconceito internalizado, os autores abordam o surgimento de escalas, inventários e questionários e algumas de suas limitações devido ao próprio preconceito, como o ocultamento da orientação sexual no preenchimento dos questionários. Nunan et al. (2010) destacam que esta tipologia de preconceito surge muito cedo na vida de homossexuais, devido à exposição aos valores preconceituosos na cultura desde crianças, levando futuramente ao sentimento de vergonha e o desejo de se esconder. Tal fato levaria muitos homossexuais a viverem como se fossem heterossexuais. Esta negação da sexualidade, os autores categorizam como defesas psíquicas, bem como a vida dupla, tendo relacionamentos homo e heterossexuais, e a formação reativa, que seria a identificação com o agressor e, portanto, reprodução do preconceito dirigida a outros homossexuais.

Outra defesa apresentada por Nunan et al. (2010) seria o encobrimento, a qual se revela como uma estratégia utilizada por homossexuais enquanto ainda não são capazes de assumir sua orientação sexual. Concluindo, os autores relatam que a experiência de assumir-se homossexual, bem como a participação de espaços de sociabilidade homossexual tendem a reduzir o preconceito internalizado.

Os relatos dos participantes da pesquisa de Perucchi et al. (2014) revelam o surgimento de conflitos entre jovens lésbicas e gays com seus familiares diante da saída do armário. Os relatos revelam que ainda que considerem estarem fora do armário, os jovens continuam dentro do armário ou construindo novos armários a depender da situação na qual a sexualidade é questionada ou solicitada.

Os dados apresentados por Perucchi et al. (2014) destacam o impacto negativo nas relações familiares, culminando em situações de violência. No caso de Julio, ressaltado pelos autores, a violência homofóbica resultou na expulsão da casa de seus

pais, além da rejeição por parte da mãe a qual impediu o filho aparecesse em sua cidade natal, para evitar que a população pudesse saber da homossexualidade deste.

Alguns dos participantes não reconhecem as piadas, o tratamento diferenciado e os deboches em reuniões familiares como práticas homofóbicas. Além do mais, quando a família não assume uma postura violenta para reprimir a homossexualidade, ela utiliza de estratégias de invisibilidade e de forma de silêncio, como pode-se perceber na fala da participante Joana: “E o meu pai é muito tranquilo ele não fala sobre o assunto, é como se não existisse” (Joana, 27 anos).

Em linhas gerais, os artigos problematizam a homofobia no cenário nacional a partir de diversos ângulos, que permite uma ampliação do conceito de homofobia e das suas manifestações enquanto preconceito e prática discriminatória, bem como um delineamento da concepção de identidade gay e a compreensão do dispositivo do “armário” na experiência da homossexualidade. Por conta destes achados, foi possível analisá-los em três categorias distintas que serão exploradas a seguir.

Ampliação do conceito de homofobia

A homossexualidade ocupou, durante muito tempo, espaços marcados pela inferioridade, como os períodos nos quais foi reconhecida como pecado e doença (Freire & Cardinali, 2012; Fry, 1982). De pecado ao seu reconhecimento como uma expressão “legítima” da sexualidade, a homossexualidade ocupou diversas posições.

A prática sexual com pessoas do mesmo sexo era reconhecida como pecado e as medidas que deveriam ser tomadas com relação aos “pecadores sodomitas” – expressão utilizada por Freire e Cardinali (2012) – eram de responsabilidade das instâncias religiosas e jurídicas. É preciso destacar que a homossexualidade só pôde ser

conceituada a partir da superação do modelo de sexo único (Louro, 2009). Segundo Laqueur (2001), até o Séc. XVII havia a compreensão de que a mulher era uma incompletude do homem e sua ontologia era marcada pela força insuficiente para externar seu órgão genital. Sob esta ótica, aquele que hoje podemos compreender como homossexual não existia – ou melhor, não poderia ser conceituado, pois a homossexualidade só pode ser localizada a partir da diferença entre sexos biológicos masculino de feminino. Com a diferenciação sexual, a homossexualidade passou a estar sob domínio do campo médico-biológico, no qual foi compreendida como doença por não corresponder às funções reprodutoras dos órgãos genitais (Laqueur, 2001).

Somente em 1973, a homossexualidade deixa de ser reconhecida como doença pela Associação Americana de Psiquiatria (Fry & Macrae, 1985). A retirada da homossexualidade dos manuais de doenças possibilitou seu reconhecimento enquanto expressão “legítima” da sexualidade. No entanto, ainda que se considere como um avanço, a visibilidade das não-heterossexualidades ocorre de maneira subalterna (Prado & Machado, 2008).

Prado e Machado (2008) revelam que o preconceito contra as homossexualidades é recorrente e continua violando direitos civis desta categoria, levando-a a ocupar espaços marginalizados. Freire e Cardinali (2012) diferenciam o preconceito da discriminação que não-heterossexuais vivenciam. Segundo os autores, o preconceito é um juízo de valor que ocorre no pensamento íntimo dos sujeitos, enquanto a discriminação é a exteriorização por meio de comportamentos que levam ao tratamento diferenciado, sendo a segunda uma forma derivada do preconceito. As práticas discriminatórias contra homossexuais revelam a intolerância, que territorializa compulsoriamente a homossexualidade nos lugares ocultos.

As discriminações e agressões motivadas por preconceito contra as homossexualidades levaram o movimento homossexual brasileiro caracterizar esse tipo de violência através da expressão “homofobia” (Ramos & Carrara, 2006). Os trabalhos analisados (Perucchi et. al., 2014; Borges et. al., 2011; Teixeira et. al, 2012; Freire & Cardinali, 2012) utilizam a definição de homofobia por Borrillo (2009, 2010), segundo o qual, a homofobia pode ser caracterizada como a atitude de hostilidade a homossexuais. Para o autor, a homofobia é “uma forma de inferiorização, consequência direta da hierarquização das sexualidades, que confere à heterossexualidade um *status* superior e natural” (Borrillo, 2009, p. 17).

A homofobia enquanto preconceito e prática discriminatória contra homossexuais está embasada na normatividade da heterossexualidade, por isto ela protege as fronteiras não-hetero/heterossexuais. A heteronormatividade é o processo que produz e reitera a heterossexualidade enquanto sexualidade legítima, que corresponde ao alinhamento entre sexo, gênero e sexualidade (Louro, 2009). O alinhamento sexo-gênero-sexualidade corresponde à naturalização dos seus espectros. O sexo biológico dita a performance de gênero e terá como função de seu órgão sexual a reprodução, portanto, o sujeito deverá ter práticas sexuais com o sexo oposto. Esta alinhamento compulsório materializa o que Butler (2000, 2003) chamou de corpos inteligíveis. É por este alinhamento que a homossexualidade é confundida enquanto uma questão de gênero e não de orientação sexual. Como destaca Guacira Lopes Louro (2009):

Basta lembrar o quanto é comum atribuir a um homem homossexual a qualificação de “mulherzinha” ou supor que uma mulher lésbica seja uma mulher-macho. A transgressão da norma heterossexual não afeta apenas a identidade sexual do sujeito, mas é muitas vezes representada como uma “perda” do seu gênero “original”. (2009, p. 91)

Não só a heteronormatividade é fundamental para a constituição daquilo que se propõe chamar de homofobia. A dominação masculina também funciona como um alimentador da homofobia na cultura ocidental (Welzer-Lang, 2001). Ela produz um ideal de masculinidade e uma identidade masculina caracterizada pela reprodução do preconceito e da violência. Neste sentido, a homofobia se aproxima de outra forma de discriminação – o machismo, atuando como um mecanismo que protege as fronteiras sexuais e de gênero (Blumenfeld, 1992 citado por Perucchi, 2014).

A transgressão do ideal de masculinidade e da heterossexualidade leva o não-heterossexual a vivenciar a homofobia (Borrillo, 2010). No entanto, esta transgressão é mensurável e por isto existe uma hierarquização do não-heterossexual. Como afirmam Borges e Meyer (2008), “parece ser mais aceitável um casal homossexual, seja feminino ou masculino, se ambos os parceiros comportam-se dentro das expectativas de gênero de seu sexo [...]” (2008, p. 66).

Os resultados de Perucchi et. al (2014) permitem afirmar que o conceito de homofobia ainda é considerado nos aspectos físicos da violência. Mas, em geral, os artigos apresentam a pluralidade de formas da violência homofóbica. Embora os trabalhos ressaltem a diversidade de manifestações da homofobia, pouco se explorou nas descrições conceituais a relevância da identidade *gay*, priorizando a intolerância à homossexualidade enquanto prática sexual. O que este trabalho anseia discutir é o surgimento de uma cultura homossexual, que se tornou alvo da homofobia.

Os artigos também apresentam modalidades específicas de homofobia. Borges et. al. (2011) falam de homofobia institucionalizada. A carência de políticas públicas afirmativas que garantam a cidadania da população LGBT demonstra não apenas a negligência do Estado, mas também o preconceito que ainda rege as práticas políticas.

Outra modalidade específica de homofobia que os resultados apontam é a homofobia internalizada (Nunan et al., 2010) que é a internalização dos juízos heteronormativos pelos próprios homossexuais. A homofobia internalizada não ocorre apenas no plano subjetivo de cada indivíduo, mas também na reprodução dentro dos próprios grupos sociais e homossexuais (Prado & Machado, 2008).

A homofobia pode estar articulada a outras formas de preconceito, potencializando, muitas vezes, as manifestações de violência. A classe social pode ser um aspecto identitário que potencialize tais práticas discriminatórias, como afirma Marsiaj (2003), “homofobia e discriminação social se cruzam e gays e lésbicas de classes mais baixas carregam o maior peso dessa realidade violenta”. Ao articular a homofobia com outros marcadores sociais como raça/etnia, gênero e classe social, evidencia-se a complexidade do fenômeno “homofobia”. Para pensarmos sobre esta complexidade da homofobia, precisa-se entender como a cultura homossexual (gay) se revela como um importante localizador da homossexualidade na contemporaneidade e como ela se tornou alvo do preconceito contra as homossexualidades.

Delineando a identidade gay

O que distingue um homossexual de um gay? Seria todo gay um homossexual? Ou melhor, seria todo homossexual gay? Para responder estas questões, é preciso entender o conceito de “identidade”, que segundo Hall (2000), é o processo que rege a política de localização e que utiliza dos recursos da linguagem, da cultura e da história para produzir aquilo que nos tornamos. Ela não é estável ou fixa, pois está sempre em construção e não é um ponto que delimita e explica seu fenômeno, ou seja, não é reduzido a um conceito universal. Por isto, não se pretende abordar o conceito de

“identidade” enquanto um aspecto que delimita o indivíduo, ou seja, não parte-se de uma visão essencialista de humano, mas de uma visão socio-histórico-construcionista.

A identidade garante o sentimento de pertencimento cultural que é mutável. Ela é construída ao longo de discursos e práticas que estão sempre em movimento, em processo de mudança e transformação (Hall, 2000). A identidade homossexual é, portanto, o conjunto de recursos que localizam o indivíduo como parte de um grupo que compartilha o sentimento de atração por pessoas do mesmo sexo. Não significa que isto é o que define o homossexual, pois como veremos adiante a política do “armário” também possui aspectos que pluraliza a vivência da homossexualidade. Esta política está marcada pela invisibilidade da homossexualidade e sugerimos que seja esta a principal diferença do homossexual para o gay.

A identidade homossexual é construída a partir do encontro com pares que compartilham a homossexualidade. Portanto, ela está embasada na orientação sexual, ou seja, nas práticas sexuais. Então, o que definiria os limites da identidade gay?

Em *Identidades discretas*, Pecheny (2004) diferencia os substantivos e adjetivos “homossexual” de “gays” e “lésbicas”. Segundo o autor, os últimos referem-se aos homossexuais que assumem com certo grau de publicidade sua orientação sexual. Neste sentido, o *coming out* (assumir-se) é uma das características do gay.

Por outro lado, a identidade gay é muito mais complexa do que se imagina. Ela inclui uma série de códigos de linguagem e comportamento, gostos musicais e referências literárias. Quanto à linguagem, existem expressões ou gírias que são compartilhadas pelos gays. “Aquê”, para referir-se a “dinheiro” é um exemplo de palavra ou expressão que faz parte da cultura gay. No entanto, nem todo homossexual compartilha da identidade gay, pois o jovem homossexual é ensinado a reproduzir a

lógica heteronormativa (Teixeira et al., 2012), sendo muitas vezes machista e homofóbico. Esta reprodução da heteronormatividade é a ferramenta a qual o homossexual muitas vezes utiliza para manter sua sexualidade longe da ordem pública. Segundo Pecheny (2004), “la discreción pública es la característica principal de la mayor parte de los individuos homosexuales”.

Os espaços de sociabilidade entre homossexuais são muitas vezes marcados pela clandestinidade. Saunas, parques, redes sociais privadas, são os guetos da homossexualidade. Estes espaços muitas vezes são considerados locais gays, mas são regidos pela política do armário. Enquanto os locais que podemos considerar, de fato, gays não são utilizados para esconder algo, mas para construir laços de sociabilidade e arranjos da cultura gay. Como destacam Soliva e Silva Junior (2014), existem espaços de convivência que são “responsáveis pela transmissão de códigos culturais, estratégias de proteção, estilos corporais, técnicas para obtenção de parcerias sexuais etc.” (2014, p. 135).

O gay utiliza dos espaços invisíveis e os homossexuais também utilizam dos espaços que (re)produzem a cultura gay, mas ambos utilizam com finalidades distintas. São estas finalidades que localizam as identidades dos indivíduos.

Como destaca Teixeira et al (2012), pouco se tem avançado nos estudos sobre identidades homossexuais, especificamente, no campo da Psicologia. Segundo os autores, a identidade é atravessada por diversos marcadores sociais, como a classe social, raça/etnia, sexualidade etc. Sua marca não está apenas na dimensão individual, mas também na dimensão social.

Como dito anteriormente, o *coming out* é um dos principais fatores que distinguem identidade gay de identidade homossexual. A identidade homossexual por

não compartilhar da publicidade da homossexualidade e dos arranjos culturais gays compactua com a homofobia, pois é por receio de ter sua integridade violada que homossexuais decidem manterem-se no armário. A homofobia é, portanto, o que motiva e leva homossexuais a se esconderem em guetos.

Apesar de ser freqüente a associação da homofobia ao preconceito contra a homossexualidade, como verificou-se nas análises anteriores, a homofobia é carregada de preconceitos contra a cultura homossexual. O silenciamento da política do armário evidencia a homofobia internalizada, ou seja, o armário inibe a localização e o pertencimento a um grupo que compartilha a cultura gay. A violência que representa o armário e suas conseqüências também são características que o universo homossexual pode compartilhar no silenciamento e ocultamento da homossexualidade.

Perucchi et al. (2014) destacam a importância que amigos e/ou amigas têm para os homossexuais que saem do armário quando estes revelam sua sexualidade e não têm a família como rede de apoio. Muitas vezes, o conflito com a família após a saída do armário é o primeiro momento que o homossexual tem para a construção deste grupo social do qual participará. Soliva e Silva Junior (2014) realçam que este momento é como um rito de passagem que constroem as sociabilidades gays. A seguir, explora-se a análise desse dispositivo na experiência homossexual.

O armário

A experiência de *sair do armário* é marcada por ansiedade, sofrimento e violência. Ela é acompanhada por manifestações homofóbicas, que surgem exatamente no momento quando o não-heterossexual declara sua sexualidade, seja através da

comunicação direta, como no ato de “assumir-se”, seja pela vivência liberal da expressão de sua identidade social sexual e/ou sexualidade.

É possível pensarmos em dois principais momentos das homossexualidades: o privado, que se refere ao “estar no armário” e o público, quanto ao “fora do armário”. O armário, como afirma Sedgwick (2007), faz parte da vida dos não-heterossexuais, consistindo enquanto uma estrutura da opressão gay, ou seja, o armário é fenômeno social que, como um mecanismo de controle, sustenta a heteronormatividade e exclui as não heterossexualidades do cenário público.

A política do armário rege as homossexualidades em todos os momentos e em todas as instâncias. Pode-se dizer que todo homossexual viveu um dia dentro do armário, inclusive é possível dizer que muitos dos quais já se assumiram pra família ou no ambiente de trabalho, dentre outros espaços do cotidiano, constantemente sentem-se obrigados a voltar para o armário. Mas nem sempre há esta obrigação para que o homossexual volte ao armário, pois muitas vezes isto acontece como um processo natural, devido a naturalização da homofobia. Como destaca Sedgwick (2007):

Cada encontro com uma nova turma de estudantes, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição (2007, p. 22).

O *sair do armário* é um processo de reconhecimento dos afetos e sentimentos homossexuais ou de pertencimento a outro gênero, que traz uma série de implicações, como negociações e posicionamentos (Teixeira et. al., 2012). Estas consequências do *sair do armário* é produto da homofobia, pois esta ocupa sua função de “trancar” o homossexual no armário toda vez que as integridades física, psicológica, política e

moral forem ameaçadas. É por este motivo que nem sempre o *coming out* é uma libertação da opressão, pois novos armários podem surgir (Sedgwick, 2007).

Assumir a homossexualidade, *sair do armário* ou *coming out* é um processo muito importante na afirmação de uma identidade gay, no entanto, existe um momento antes da “revelação”, marcado muitas vezes pela solidão, pela dúvida e pelos questionamentos. Este momento também é responsável pela construção tanto da subjetividade quanto da identidade de homossexuais. A família utiliza muitas vezes da estratégia do armário para evitar a exposição da homossexualidade do membro de casa, valendo-se do controle e da vigilância (Toledo & Teixeira Filho, 2013).

As experiências homossexuais, tanto a nível individual quanto a social, constituem-se como elementos identitários de grupos sociais (Prado & Machado, 2008). Estas experiências estão a todo o momento sob a política do armário, controlando principalmente a manifestação da identidade gay. No entanto, a cultura gay surge como um fenômeno que transgride o armário.

O caráter marginal ou ausente da discussão sobre a diversidade de orientações sexuais ainda é muito presente (Borges & Meyer, 2008) e revela a institucionalização do armário. Deve-se atentar que o armário não é a homofobia, mas o processo pelo qual o preconceito contra homossexuais se instaura, proibindo e tapando a livre expressão da sexualidade. Este preconceito contra as homossexualidades – a homofobia – afeta as expressões públicas da homossexualidade como o afeto, o amor ou o compromisso entre homossexuais (Pecheny, 2004).

Notadamente, enquanto a homofobia for uma instituição presente nos valores sobre a sexualidade, ou seja, enquanto houver preconceito sexual contra homossexuais,

o armário existirá como um dispositivo de regulação de vida (Sedwick, 2007) de gays, lésbicas, bissexuais, panssexuais, assexuais, travestis, transexuais etc.

O caráter de “confissão” na situação de revelação da não-heterossexualidade a uma espécie de “autoridade superior” demonstra que as homossexualidades são inferiores à heterossexualidade (Soliva & Silva Junior, 2014). No entanto, é preciso considerar que a heterossexualidade é uma norma que regula os sexos e gêneros – heteronormatividade, e, neste sentido, o *sair do armário* revela-se como um ato político não apenas de visibilidade da diversidade de orientações sexuais como também de cidadania na busca por direitos de ser e existir.

Considerações Finais

Em linhas gerais, a presente revisão sistemática da literatura apresentou os estudos acerca da homofobia que surgiram posterior à determinação do Supremo Tribunal Federal por meio da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4277, a qual reconhece a união estável para casais do mesmo sexo no Brasil. Buscou-se analisar os parâmetros utilizados por estes estudos no que se refere às estruturas metodológicas – objetivo, ano, periódico, autores – e suas perspectivas analíticas para o fenômeno “homofobia” e sua relação com a identidade gay.

Esse estudo possibilita a ampliação da noção do preconceito contra homossexuais e, principalmente, contra a cultura gay. Pode-se perceber que ainda há muita tarefa para os profissionais e militantes sociais que lutam diariamente para combater o preconceito, pois a homofobia ainda é compreendida nos aspectos físicos da manifestação da violência homofóbica e há pouca consideração do preconceito contra a cultura gay.

A identidade gay é fortalecida pela cultura gay em diversas circunstâncias, no entanto, com esta busca pela invisibilidade dos arranjos culturais gays pela cultura heteronormativa, a identidade gay ocupa cada vez mais espaços marginalizados, sobressaindo-se nos guetos, onde a vulnerabilidade à violência torna-se um fenômeno comum. Como os trabalhos apresentados sugerem, o armário consiste no fenômeno social responsável por sustentar a marginalidade da orientação sexual, no entanto, a transgressão do armário pode ser compreendida na constituição de uma cultura gay.

A partir desta revisão sistemática da literatura, espera-se contribuir para a reflexão acerca da importância desta amplificação da noção de homofobia, pois a cultura gay também é alvo das práticas discriminatórias. Espera-se contribuir também para o fortalecimento das redes de apoio e da militância social, em geral, para que a cultura gay possa ser discutida e entre na agenda dos movimentos sociais para que, futuramente, profissionais de diversas áreas voltem à atenção para este fenômeno tão importante para a constituição da subjetividade de homossexuais gays.

CAPÍTULO 2

MÉTODO

O presente estudo intitulado “Homofobia Intra grupal: a reprodução de discursos e práticas heteronormativos nos grupos gays” busca explorar a homofobia entre e dentro dos grupos gays. Investigar-se-á a reprodução de discursos e práticas heteronormativos de homens gays com relação a outros homens gays.

Trata-se de um estudo quantitativo transversal e exploratório.

2.1 Participantes

O estudo foi realizado com 254 participantes maiores de 18 (dezoito) anos de idade, residentes no Brasil, auto identificados homens homossexuais.

2.2 Procedimentos e Considerações Éticas

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário de Aracaju da Universidade Federal de Sergipe através do parecer consubstanciado Nº 1.365.345 conforme Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Após a aprovação, foi construído seu formulário On-line através da plataforma Google Docs, que foi disponibilizado virtualmente anexado à autorização prévia do participante que não constou com sua identificação. Para a participação da pesquisa, o candidato à participante da amostra teve que concordar em participar da pesquisa através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para recrutar os participantes da pesquisa, esta foi divulgada amplamente nas redes sociais através de

links disponíveis com um texto-convite. O texto conteve a informação da duração da pesquisa, que é de 20 minutos (Ver anexo I).

Para ser considerado participante da pesquisa, o candidato teve que corresponder aos critérios de inclusão, sendo estes: ser maiores de 18 (dezoito) anos de idade, residentes no Brasil, auto identificados homossexuais. Considerando a impossibilidade de realizar cálculo amostral por indeterminação do total da população estudada, foi utilizado o critério item/sujeito (número de itens da maior escala por 10). Calculou-se que era necessário obter 270 participantes com todas as respostas válidas. Responderam ao formulário da pesquisa 312 participantes entre os dias 21 de dezembro de 2015 e 13 de janeiro de 2016. Do total de respondentes, 258 correspondiam aos critérios de inclusão, sendo que houve 3 participantes com respostas duplicadas, por tanto, a pesquisa contou com 255 participantes. Porém, ao analisar a idade dos participantes, foi necessário excluir um participante cuja idade – 65 anos – estava distante dos demais participantes, podendo comprometer a análise dos resultados.

2.3 Instrumentos

Para a coleta de dados, foi utilizado um questionário que avaliou cinco dimensões referentes aos participantes da pesquisa (Ver anexo II):

1) Características psicossociais: mapear-se-á o perfil sociodemográfico, aspectos sexuais e afetivos como comportamento sexual (Ativo, passivo, versátil/flexível), histórico de relacionamento, dentre outros.

2) Representação acerca das identidades gays: foram apresentadas 8 categorias de identidades gays e foram solicitadas cinco primeiras palavras que vêm a mente do participante quando pensam estas categorias.

3) Relacionamento Intragrupal. Para isso, foi construída uma tabela contendo diversas características de gays (fenótipo, nível de instrução, beleza, tipologia grupal, comportamento sexual) que foram correlacionadas com o interesse do participante quanto ao tipo de relacionamento (amizade, relacionamento sério, sexo) que se estabelece com outros gays que possuem tais características. O participante podia não marcar nenhum item ou marcar mais de um item.

4) Análise psicométrica da experiência da homossexualidade. Para isso, foram utilizados dois instrumentos de escalas:

a) Escala de Mensuração da Necessidade Individual de Identificação “Need for identification”: esta escala procura investigar as diferenças individuais na propensão para se identificar com grupos sociais, por meio das crenças dos indivíduos sobre um grupo se tornar autoreferencial e autodefinidor das características dos sujeitos que o integra. É uma escala Likert composta pelos pontos “Concordo totalmente”, “Concordo na maior parte”, “Nem concordo, nem discordo”, “Discordo na maior parte”, “Discordo totalmente”, sendo o Alpha de Cronbach de 0.76, composto por uma estrutura bifatorial de 6 itens que avaliam a autodefinição do sujeito e 5 itens que acessam questões relativas ao pertencimento em grupos (Mayhew, Gardner & Achkanasy, 2010).

b) Escala de Mensuração da Homofobia Internalizada de Ross e Rosser (1996): esta escala procura medir a homofobia internalizada de gays por meio de quatro dimensões: identificação pública como sendo gay, percepção do estigma associado ao ser gay, grau de conforto social com outros gays, crenças em relação à aceitação religiosa ou moral da homossexualidade. Trata-se de uma escala de tipo Likert composta por 26 itens. Cada item é avaliado pelos pontos “Discordo totalmente”, “Discordo”, “Concordo”, “Concordo totalmente”, sendo o Alpha de Cronbach de 0,74,

composto por uma estrutura bifatorial de 19 itens que avaliam a percepção interna do estigma associado à homossexualidade e 7 itens que avaliam a percepção externa do estigma associado à homossexualidade (Pereira & Leal, 2005).

Para a amostra desse estudo, o Alpha de Cronbach foi de 0,81, sendo que por subescala 0,79 de interno e 0,84 de externo.

5) Pertencimento ao grupo gay: foi questionado com qual grupo o participante se identifica e se sente pertencido.

Por fim, foi dado espaço para que os participantes escrevam abertamente sobre a vivência da homofobia e o pertencimento ao grupo gay. Tal espaço era incentivado pela seguinte pergunta disparadora: “Como é ser gay na ‘comunidade’ gay?”

2.4 Procedimentos de Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados através do Software SPSS Versão 20. Foram construídas inicialmente 6 (seis) variáveis de acordo com itens do formulário, sendo eles: dois índices de Homofobia internalizada – homofobia interna e homofobia externa; dois índices da necessidade de identificação – pertencimento e autodefinição; o nível de masculinidade/feminilidade, construído através da escala de masculinidade/feminilidade a qual tinha os índices entre 0 (masculino) e 10 (feminino), sendo que de 0 a 4, o participante foi considerado masculino, 5 foi considerado neutro e de 6 a 10 foi considerado feminino. Por fim, foi construída a variável nível de abertura da sexualidade.

Após a construção das variáveis acima mencionadas, foi construído um mapa dos perfis dos participantes a partir das informações sociodemográficas, que consiste na

primeira parte da análise descritiva deste estudo. A segunda parte dessa análise foi realizada com a descrição das representações acerca das identidades gays. A fim de compreender as formas de construção dos grupos gays a partir de estereótipos e os discursos que operam na hierarquização desses grupos sociais, as palavras evocadas nesta sessão do formulário foram avaliadas quanto suas frequências e foi construído um quadro das palavras com maiores frequências e a partir do sentido destas palavras foi construído uma descrição para cada identidade. O conjunto das palavras evocadas também foi categorizado entre evocações positivas, negativas e neutras. Para isso, utilizou-se de dois juizes para a qualificação das 5 palavras evocadas para cada variável. Por fim, para investigar as conseqüências da hierarquização para os grupos gays no que se refere às relações sociais, como amizade, relações sexuais casuais e relacionamentos estáveis, foi construído a análise descritiva dos tipos de relacionamento para cada identidade gay e também para as variáveis afeminado e discreto.

Posteriormente, foram feitas as análises bivariáveis. Inicialmente, as análises trataram-se das comparações de médias entre os grupos das variáveis desta pesquisa. Para isso, foram usados dois testes: t-students para amostras independentes e ANOVA one-way com o teste post-hoc de Tukey. O primeiro foi utilizado quando objetivava-se comparar a média entre dois grupos para os fatores de cada Escala utilizada nesta pesquisa – Escala da Necessidade Individual de Identificação e Escala de Homofobia Internalizada, enquanto que o segundo teste foi utilizado quando objetivava-se comparar a média de três ou mais grupos para os fatores de cada escala. Ambos testes possibilitaram avaliar a relação entre o nível de pertencimento e reconhecimento da identidade gay bem como a internalização da homofobia com o discurso acerca das identidades gays bem como os relacionamentos estabelecidos entre gays.

A fim de compreender que aspectos da experiência da homossexualidade estão relacionados com a reprodução do preconceito homofóbico entre gays tanto no discurso quanto nas práticas, utilizou-se do Teste de Associação Qui-Quadrado e o Correlação de Pearson. O primeiro buscou avaliar a existência da associação entre as variáveis que compõem a experiência da homossexualidade – nível de abertura da sexualidade, nível de masculinidade/feminilidade, posição sexual e identificação com grupos gays – e as evocações acerca das identidades gays bem como os tipos de relacionamentos estabelecidos com cada identidade gay. O segundo buscou avaliar a correlação – se positiva ou negativa – entre estas mesmas variáveis.

CAPÍTULO 3

RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se os resultados desta pesquisa. A apresentação e análise dos resultados dar-se-á de duas formas distintas: as análises descritivas e as análises bivariadas. As três primeiras sessões correspondem às análises descritivas desta pesquisa. Na primeira seção, restringe-se ao perfil dos participantes que compõem a amostra, considerando que todas as respostas válidas do formulário correspondem aos critérios de inclusão desta pesquisa, sendo estes o sexo masculino, a orientação sexual homossexual, a idade a partir dos 18 anos e a localidade brasileira. Na segunda sessão, apresenta-se as representações acerca das identidades gays em frequência e qualificação entre evocações positivas, negativas e neutras. Por fim, a terceira sessão finaliza as análises descritivas com o panorama dos tipos de relacionamento, que possibilita uma compreensão da preferência para relacionamentos entre gays.

A quarta sessão inicia as análises bivariadas com a comparação das médias para os fatores das escalas de identidade e de homofobia internalizada com relação as características dos perfis dos participantes. As quinta e sexta sessões comparam as médias dos fatores de tais escalas com relação às qualidades das representações acerca das identidades e dos tipos de relacionamentos, respectivamente. A sétima e a oitava sessão deste capítulo apresenta a associação entre as características do perfil dos participantes com a representação acerca das identidades gays e o tipo de relacionamento, respectivamente.

3.1 Do perfil dos participantes.

O formulário desta pesquisa disponibilizado virtualmente e divulgado através de redes sociais contou com questões sociodemográficas que possibilitaram desenhar o perfil dos participantes a partir de variáveis que serão apresentadas a seguir. A média da idade dos participantes da pesquisa é de 27,17 anos com desvio padrão de 7,94 (Mínima 18 anos, máxima 60 anos). Houve a participação de homens que se autodeclararam como gays de todas as regiões do Brasil, porém as regiões Sudeste e Nordeste foram as que mais se destacaram com a composição da amostra de, respectivamente, 93 e 82 participantes.¹

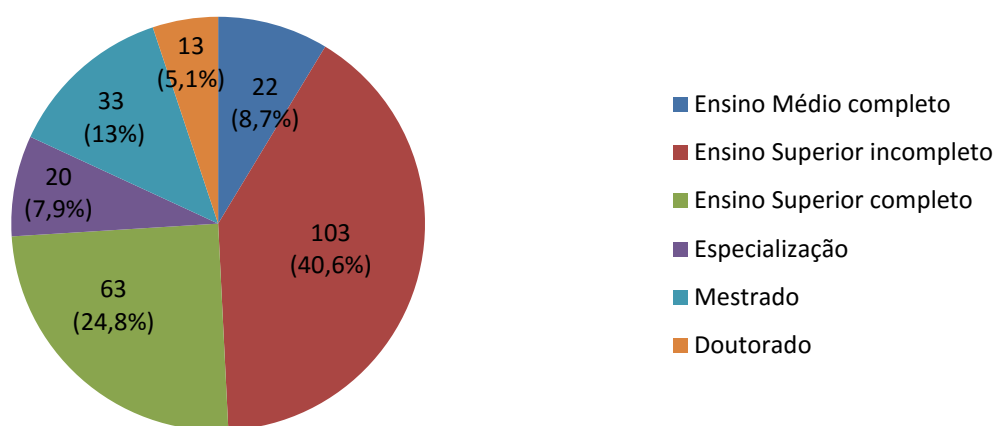


Figura 1 Análise descritiva da frequência e percentual da variável “nível de escolaridade” (N=254)

Quanto ao grau de escolaridade (Ver Figura 1), 22 participantes possuem Ensino Médio completo, o que corresponde a 8,7% do total; 103 possuem Ensino Superior incompleto, o que corresponde a 40,6% do total; 63 Ensino Superior completo, que

¹ Região Norte AM: 1; PA: 1; RR: 1. Região Nordeste BA: 19; CE: 4; MA: 3; PB: 4; PE: 5; PI: 3; RN: 3; SE: 41. Região Centro-Oeste DF: 21; GO: 7; MS: 2; MT: 16. Região Sudeste ES: 10; MG: 20; RJ: 16; SP: 47. Região Sul PR: 10; SC: 7; RS: 13.

corresponde a 24,8%; 20 Especialização, sendo 7,9%; 33 Mestrado, que corresponde a 13%; e 13 possuem Doutorado, que corresponde a 5,1% do total. Estes números revelam que 26% da amostra possuem pós-graduação e que 50,8% possuem formação de nível superior.

Do total de participantes da amostra, 150 (59,1%) trabalham, enquanto 104 (40,9%) não trabalham. A ocupação dos que trabalham em sua maioria é a de professor, enquanto os que não trabalham são estudantes em maioria. A média da renda individual foi de R\$ 3.733,19 (DP=4.281,29), enquanto a renda familiar mensal foi de R\$ 6.934,94 (DP=6.698,47).

Quanto a religião, a maioria, que equivale a 66,1% (168) dos participantes não possuem religião, enquanto 33,9% (86) possuem religião. As religiões que se destacaram foram o Catolicismo (27), o Espiritismo (16) e o Candomblé (10).

Sobre estar em relacionamento, 126 (49,6%) participantes declararam estar em algum tipo de relacionamento e 128 (50,4%) declararam não estar em nenhum tipo de relacionamento. No entanto, 131 participantes selecionaram algum tipo de relacionamento.

Do total da amostra, a maioria (65; 50,4%) namoram, enquanto 26 (20,2%) moram junto, 4 (3,1%) são casados oficialmente, 12 (9,3%) estão em união estável, 13 (10,1%) estão em relacionamento aberto e 9 (7%) estão em relacionamento casual (Ver Tabela 2).

Tabela 2 Análise descritiva da frequência e percentual da variável “tipos de relacionamentos” (N=129)

| Variável | N | % |
|------------------------|----|------|
| Tipo de relacionamento | | |
| Namoro | 65 | 50,4 |
| Mora junto | 26 | 20,2 |
| Casado oficialmente | 4 | 3,1 |
| União estável | 12 | 9,3 |
| Relacionamento aberto | 13 | 10,1 |
| Relacionamento casual | 9 | 7 |

Com relação a práticas sexuais e uso de preservativo (Ver Figura 2), 197 participantes da amostra que equivale a 77,6% do total declararam que costumam usar preservativo durante as relações sexuais, enquanto 57 (22,4%) declararam que não costumam ter relações sexuais com camisinha. Já com relação ao costume de fazer testagem de DST/Aids, 152 (59,8%) responderam que costumam fazer o teste e 102 (40,2%) não costumam fazê-lo. Foi questionado se havia a pretensão em fazer o teste, 234 (92,1%) disseram que sim e 20 (7,9%) disseram que não. E com relação à sorologia, 14 (5,5%) declararam ser soro positivos, 205 (80,7%) declararam não ser soro positivos e 35 (13,8%) desconhecem sua sorologia. Com relação a fazer uso de drogas durante as relações sexuais, 62 (24,4%) participantes já fizeram o uso, enquanto 192 (75,6%) não fizeram.

Quanto ao comportamento sexual com outro parceiro, 74 (29,2%) participantes são exclusivamente passivos nas relações sexuais, 53 (20,9%) são exclusivamente ativos e 120 (47,4%) são flexíveis (versáteis). Do total da amostra, 7 (sete) participantes declararam ter outros tipos de comportamentos sexuais, destacou-se o sexo sem penetração.

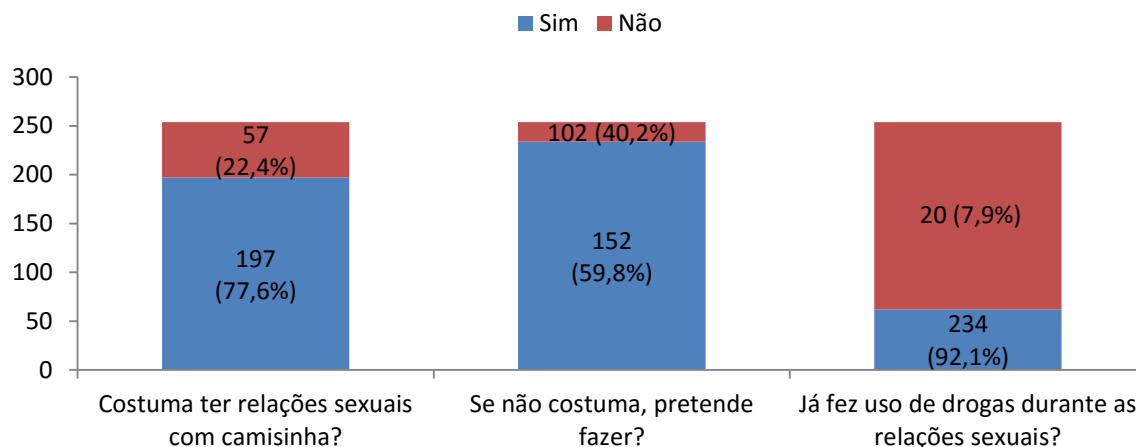


Figura 2 Figura 2 - Análise descritiva da frequência e percentual das variáveis de comportamento sexual de risco (N=254)

Com relação à autodeclaração do tipo físico dos participantes, 125 (49,2%) são magros, 77 (30,3%) são gordos, 6 (2,4%) são sarados (“bombados”) e 4 (1,6%) são obesos. 42 participantes não responderam quanto ao seu tipo físico. Enquanto com relação ao tipo de cabelo, 39 (15,4%) têm cabelos crespos, 78 (30,7%) têm cabelos lisos, 78 (30,7%) ondulados, 29 (11,4%) cacheados e 25 (9,8%) são carecas. 5 participantes não responderam quanto ao seu tipo de cabelo.

Tabela 3 Análise descritiva das variáveis “tipo físico” e “tipo de cabelo”

| Variável | N | % |
|----------------|-----|------|
| Tipo físico | | |
| Magro | 125 | 49,2 |
| Gordo | 77 | 30,3 |
| Bombado/Sarado | 6 | 2,4 |
| Obeso | 4 | 1,6 |
| Tipo de cabelo | | |
| Crespo | 39 | 15,4 |
| Liso | 78 | 30,7 |
| Ondulado | 78 | 30,7 |
| Cacheado | 30 | 11,4 |
| Careca | 25 | 9,8 |

Quanto frequentar locais destinados ao público gay, 177 (69,7%) participantes disseram que frequentam e 77 (30,3%) disseram que não frequentam. Do total de participantes, 37 (18%) sempre vão a estes locais, enquanto 145 (70,7%) disseram que vão às vezes. Sobre frequentar saunas gays, 42 (16,5%) disseram que sim, enquanto 212 (83,5%) disseram que não. Sobre utilizar sites ou aplicativos para conhecer outros homens, 42 (16,5%) participantes nunca os utilizaram, enquanto 52 (20,5%) sempre utilizam, 80 (31,5%) utilizam às vezes, 2 (0,8%) utilizam apenas feriados e fins de semana, e 78 (30,7%) já utilizaram, mas não utilizam mais (Ver Tabela 4)

Tabela 4 Análise descritiva das variáveis de uso de locais, sites e aplicativos para o público gay

| Variável | N | % |
|--|-----|------|
| Frequenta locais para gays | | |
| Sim | 177 | 69,7 |
| Não | 77 | 30,3 |
| Se costuma frequentar locais para gays, com que frequência | | |
| Sempre | 37 | 18,0 |
| As vezes | 145 | 70,7 |
| Frequenta sauna gay | | |
| Sim | 42 | 16,5 |
| Não | 212 | 83,5 |
| Com que frequência utiliza sites ou aplicativos para conhecer outros homens? | | |
| Nunca | 42 | 16,5 |
| Sempre | 52 | 20,5 |
| Às vezes | 80 | 31,5 |
| Apenas fins de semana e feriados | 2 | 0,8 |
| Já utilizei, mas não utilizo mais | 78 | 30,7 |

Do total da amostra, 163 (64,2%) dos participantes já fizeram sexo em local público, enquanto a minoria de 91 (35,8%) participantes não fizeram. Dos locais que

houve a prática de sexo em espaços públicos, 28% dos participantes (71) fizeram em parques, 31,5% fizeram em banheiro público (80), 21,7% fizeram na praia (55) e 26,4% fizeram na rua (67).

Foi perguntado aos participantes desta pesquisa com qual grupo de gays estes pertenciam, a fim de saber sobre as identidades gays destes. Do total, 0,8% dos participantes se declarou “Barbie” (2), 5,9% se declarou “Discreto” (15), 0,4% se declarou “Drag Queen” (1), 3,1% se declarou “Fino” (8), 7,5% se declarou “Hipster” (19), 3,9% se declarou “Poc Poc” (10), 15% se declarou “Urso” (38) e 63,4% não declarou identidade gay. Nota-se que apenas 36,6% da amostra disseram se identificar com algum grupo de gays, sendo que dentro deste percentual 5,9% se identificam como “discretos”.

Foi questionado aos participantes a abertura (nível de conhecimento público) da vida sexual e afetiva em quatro esferas, sendo elas da família, dos amigos, do trabalho e da escola. Esta abertura foi avaliada em cinco níveis, sendo estes: ninguém sabe, poucos sabem, alguns sabem, muitos sabem e todos sabem. Para as esferas do trabalho e da escola, foi possibilitada o nível “não se aplica”, caso o participante não trabalhasse ou estudasse. Na esfera da família, 35,8% (91) dos participantes declararam que todos sabem da sua vida sexual e afetiva; enquanto 23,2% (59) que muitos sabem; 11% (28) que alguns sabem, 19,3% (49) que poucos sabem e 10,6% (27) que ninguém sabe. Na esfera dos amigos, 63% (160) dos participantes declararam que todos sabem da sua vida sexual e afetiva; enquanto 24,4% (62) que muitos sabem; 5,5% (14) que alguns sabem; 6,3% (16) que alguns sabem e 0,8% (2) que ninguém sabe. Quanto à esfera do trabalho, 35,4% (90) declararam que todos sabem; 15,4% (39) que muitos sabem; 11% (28) que ninguém sabe; 8,7% (22) que alguns sabem e 7,9% (20) que poucos sabem. Do total, 21,7% (55) selecionaram a opção “não se aplica”. Por fim, quanto à esfera da escola,

39% (99) declararam que todos sabem da orientação sexual; enquanto 14,2% (36) que muitos sabem; 9,4% (24) que poucos sabem; 9,1% (23) que alguns sabem e 4,3% (11) que ninguém sabe. Do total, 24% (61) dos participantes selecionaram a opção “não se aplica” (Ver Figura 3).

Para obter o índice de abertura da sexualidade do total da amostra desta pesquisa, foi calculado a média do índice de abertura ($M= 13,9$; $DP= 4,42$), considerando os valores para cada nível, sendo que para a opção “ninguém sabe” o valor correspondeu a “1”; para “poucos sabem”, o valor “2”; para alguns sabem, o valor “3”; para “muitos sabem”, o valor “4” e para “todos sabem”, o valor “5”. Para as esferas “escola” e “trabalho”, foi permitida a opção “não se aplica” caso o participante não trabalhasse e/ou estudasse, a qual teve como valor “0”. Sendo assim, ao considerar que são quatro esferas, o total mínimo do índice possível é o de valor “2” para o participante que selecionasse “ninguém sabe” para as esferas “família” e “amigos”, bem como “não se aplica” para as esferas “trabalho” e “escola”; e total máximo de “20” para aquele que selecionasse “todos sabem” para todas as esferas.

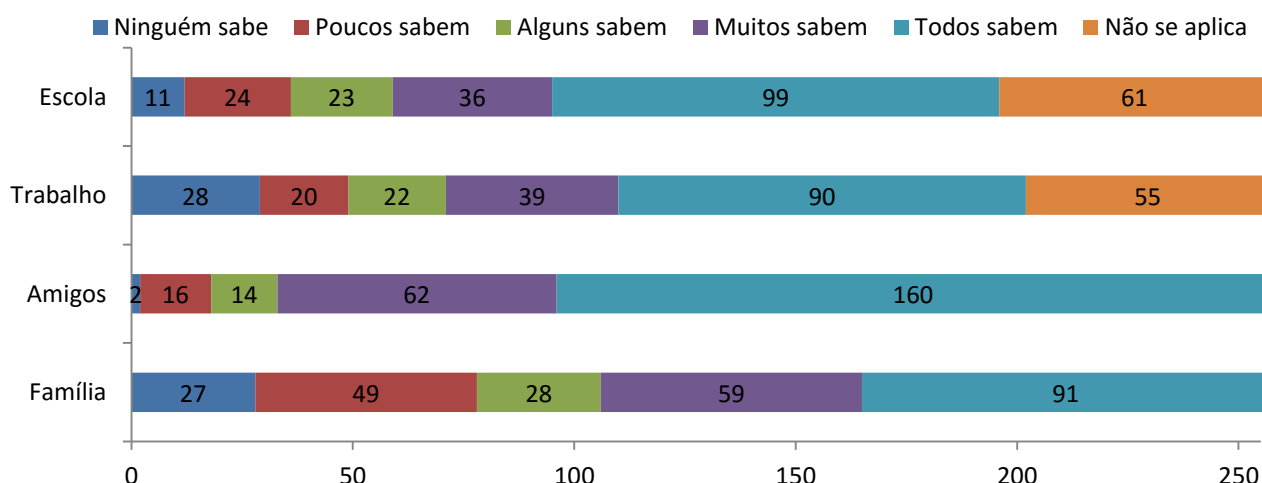


Figura 3 Análise descritiva da frequência do nível de conhecimento público da sexualidade a partir das esferas “escola”, “trabalho”, “amigos” e “família”

Os índices de abertura foram categorizados em níveis de abertura. Sendo que os índices entre 4 e 8 foram categorizados como o nível de “pouca abertura”, entre 9 e 15 como o nível de “abertura parcial” e entre 16 e 20 como o nível de “muita abertura”. No entanto, considerando que os participantes puderam selecionar a opção “não se aplica” para as esferas “escola” e “trabalho”, para estes casos o nível de abertura foi calculado de forma diferenciada. Para os participantes que selecionaram “não se aplica” nas duas esferas – trabalho e escola – os índices entre 2 e 4 foram categorizados como “pouca abertura”, entre 5 e 7 como “abertura parcial” e entre 8 e 10 como “muita abertura”. E para os participantes que selecionaram “não se aplica” para apenas uma esfera – trabalho ou escola – os índices entre 3 e 6 foram categorizados como “pouca abertura”, entre 7 e 11 como “abertura parcial” e entre 12 e 15 como “muita abertura”.

Sendo assim, do total de participantes (Ver Figura 4), 10,6% destes pertence ao grupo que possui pouca abertura (27), 25,2% pertence ao grupo com abertura parcial (64) e 64,2% pertence ao grupo com muita abertura (163).

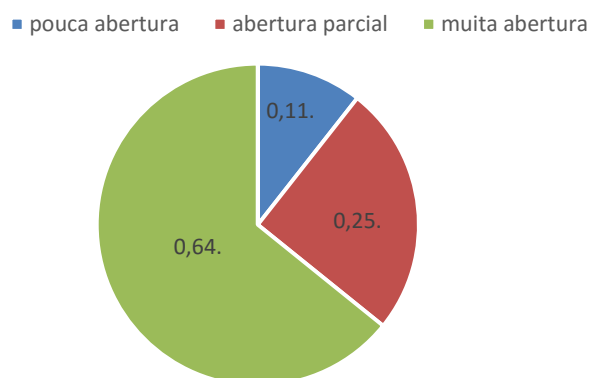


Figura 4 Análise descritiva do percentual a partir do nível de abertura da sexualidade em “pouca abertura”, “abertura parcial” e “muita abertura”

Foi questionado aos participantes, como eles se consideravam quanto à masculinidade e à feminilidade numa escala de 0 a 10, quando 0 era muito masculino e 10 era muito feminino. A seguir, apresenta-se os valores da escala, a frequência de respostas e o percentual, considerando que a média desta escala foi de 4,56 (DP = 1,95) (Ver Tabela 5).

Tabela 5 Análise descritiva da frequência e percentual da escala de masculinidade/feminilidade (N=254)

| Escala | N | % |
|--------|----|------|
| 0 | 4 | 1,6 |
| 1 | 9 | 3,5 |
| 2 | 27 | 10,6 |
| 3 | 42 | 16,5 |
| 4 | 24 | 9,4 |
| 5 | 81 | 31,9 |
| 6 | 25 | 9,8 |
| 7 | 23 | 9,1 |
| 8 | 14 | 5,5 |
| 9 | 4 | 1,6 |
| 10 | 1 | 0,4 |

Neste momento, os índices desta escala serão divididos em três níveis, sendo eles de 0 a 4, para mais identificação com características consideradas masculinas, 5 para neutros e de 6 a 10 para características consideradas femininos. Do Total, 41,7% (106) estão entre os gays masculinos, 31,9% (81) estão neutros e 26,4% (67) estão entre os gays femininos.

3.2 Das Representações acerca das Identidades Gays.

Nesta seção apresenta-se as representações sobre as Identidades Gays apresentadas no questionário desta pesquisa.

Quadro 1 Análise descritiva das identidades gays a partir da frequência das palavras mais evocadas e descrição das categorias

| Identidade | Palavras com maior frequência de evocação (N) | Descrição |
|-------------|---|---|
| Gay | Alegria (41); Amor (40); Felicidade (31); Homem (50); Homossexual (40); Liberdade (39); Preconceito (77); Sexo (67). | Ser gay é: Homem, homossexual, que vive sua orientação sexual com liberdade. Por isto, está mais “suscetível” ao preconceito, porém o enfrenta com alegria, enfrentamento. |
| Fino | Dinheiro (88); Elegante (31); Metido (40). | Ser Fino é: Gay com situação econômica favorável. |
| Hipster | Alternativo (36); Barba (31); Estilo (46); Moda (55); Óculos (28); “Não sei” (42). | Ser Hipster é: Gay estiloso, alternativo, ligado à moda. |
| Urso | Barba (79); Fofo (33); Forte (24); Gordo (139); Grande (32); Peludo (210); Sexo (28). | Ser Urso é: Gay gordo, peludo e masculinizado. |
| Drag Queen | Alegria (25); Arte (63); Brilho (21); Diversão (29); Divas (22); Glamour (46); Luxo (21); Maquiagem (55); Performance (37); Peruca (27); Ru Paul (30); Show (42). | Ser Drag Queen é: Gay artista e performático que se apresenta em casas de show para o público gay. |
| Maricona | Afeminado (63); Bicha (28); Idade (30); Preconceito (60); Velho (91). | Mariconas: Gay de idade mais avançada. |
| Barbie | Academia (56); Bombado (101); Boneca (50); Forte (27); Futilidade (28); Musculoso (51), Padrão (25). | Ser Barbie é: Gay malhado. |
| Pão com ovo | Afeminado (59); Discriminação (18); Escandaloso (19); Feio (19); Magro (18); Pobre (96); Preconceito (92). | Ser Pão com ovo é: Gay com situação econômica desfavorável e afeminado. |

Conforme o mesmo, apresentou-se aos participantes 8 (oito) palavras indutoras para os participantes, a partir das quais os mesmos evocaram as cinco primeiras palavras que lhes vinham a mente. A partir destas palavras evocadas, foi possível desenhar um perfil para cada identidade desta, inclusive a identidade “gay”, ou seja, pôde-se construir um perfil que se aproxima do conjunto de características que compõe a representação destas identidades (Ver Quadro 2).

Conforme pode-se ver no Quadro 2 acima, as identidades gays são constituídas a partir de cinco esferas, sendo estas as esferas gênero, estética, econômica, de idade e cultural. A esfera econômica compreende as identidades “pão com ovo” e “Fino”. A esfera de idade compreende a identidade “maricona”. A esfera estética compreende as identidades “barbie” e “urso”. A esfera cultural compreende a identidade “drag queen”. A identidade “hipster” pode ser compreendida a partir das esferas cultural e estética. Nota-se que a categoria de hipsters apresentou um número expressivo de evocações que demonstra que ela ainda não é muito conhecida. Este dado sugere o motivo pelo qual ela não está clara em um tipo de esfera. As identidades “pão com ovo”, “maricona” e “drag queen” também se encontram dentro da esfera gênero. Nota-se que as duas primeiras tiveram expressivamente a evocação “afeminado” como uma das palavras frequentes e a última possui dentro das suas características performáticas o aspecto de gênero. Todas as palavras foram categorizadas entre evocações positivas, negativas e neutras. A seguir, demonstra-se a frequência e o percentual da qualificação destas palavras evocadas para cada identidade gay apresentada (Ver Figura 5).

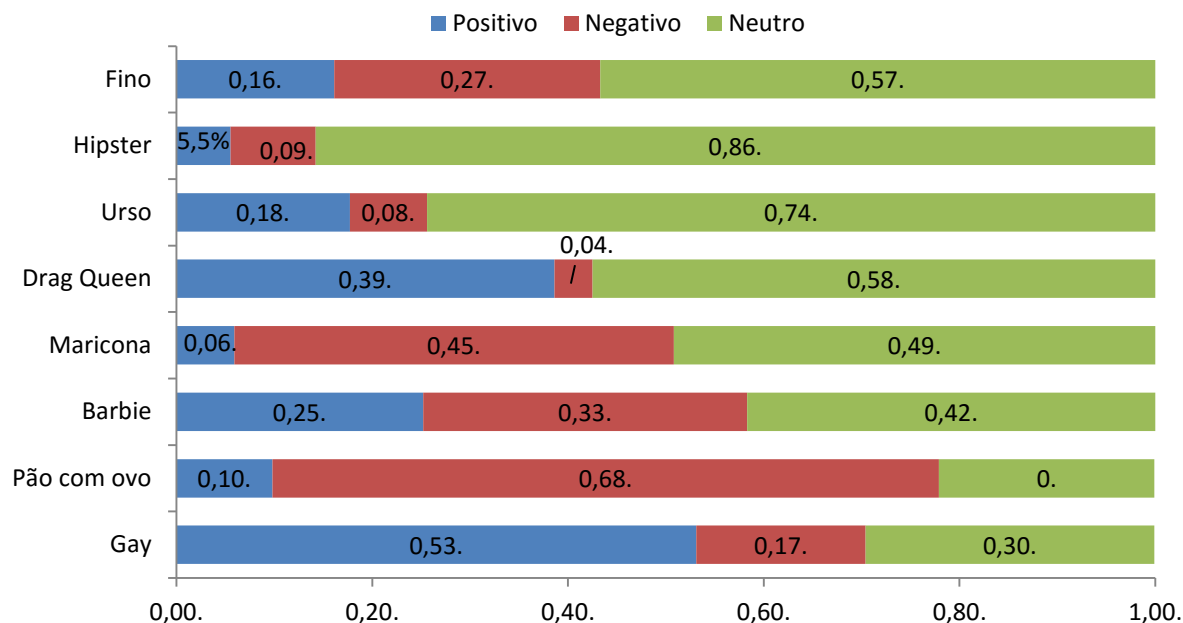


Figura 5 Análise descritiva do percentual das categorizações em “positivo”, “negativo” e “neutro” a partir das palavras evocadas para as identidades gays

De acordo com a Figura 5, todas as categorias, exceto “gay” e “pão com ovo”, tiveram representações neutras expressivamente maiores que representações positivas ou negativas. Dentre elas, apenas as categorias “urso” e “drag queen” teve mais representações positivas que negativas. Ou seja, as categorias “fino”, “hipster”, “maricona” e “barbie” tiveram mais representações negativas que positivas. A categoria “pão com ovo” teve expressivamente mais representações negativas, seguido de representações neutras e, por fim, de representações positivas. Enquanto a categoria geral “gay” teve mais representações positivas, seguido de representações neutras e, por fim, de representações negativas.

No geral, as categorias que mais tiveram representações positivas foram, respectivamente, “gays”, “drag queen” e “barbie”. As categorias que mais tiveram representações negativas foram, respectivamente, “pão com ovo”, “maricona” e “barbie”. As categorias “hipster”, “urso”, “drag queen” e “barbie” foram, respectivamente, as que mais tiveram representações neutras.

3.3 Dos tipos de relacionamento.

Nesta seção, apresenta-se a descrição da terceira dimensão do instrumento desta pesquisa, que contém os tipos de relacionamento que se estabelece com as categorias. A descrição será apresentada a partir da frequência (N) e o percentual (%) de respostas. Para uma análise criteriosa dos resultados, as categorias serão apresentadas em modalidades distintas, sendo elas: identidade gay, classe social, estética, religião, afeminação/discricção, comportamento sexual e demais.

Das identidades gays:

Tabela 6 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de identidade gay

| Categorias | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|-------------------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Bicha pão com ovo | 64 (25,2) | 195 (76,8) | 87 (34,3) | 50 (19,7) |
| Barbie | 76 (29,9) | 168 (66,1) | 142 (55,9) | 44 (17,3) |
| Maricona | 63 (24,8) | 197 (77,6) | 80 (31,5) | 41 (16,1) |
| Drag Queen | 75 (29,5) | 228 (89,8) | 76 (29,9) | 29 (11,4) |
| Urso | 167 (65,7) | 196 (77,2) | 151 (59,4) | 11 (4,3) |
| Hipster | 152 (59,8) | 193 (76) | 141 (55,5) | 40 (15,7) |
| Fino | 105 (41,3) | 190 (74,8) | 118 (46,5) | 43 (16,9) |

Tanto o gay “bicha pão com ovo” quanto o “drag queen” e “maricona” têm o percentual de relacionamento “amizade” maior que os demais tipos de relacionamento. As demais categorias o tipo de relacionamento amizade também se mantém acima dos demais tipos, no entanto, não há a diferença como nestas categorias.

Apenas “urso” e “hipster” possuem maior percentual para “namoro”, próximo de amizade. Enquanto para “sexo”, as categorias “barbie”, “urso” e “hipster” são as que tiveram os números mais expressivos, aproximando-se do tipo de relacionamento “amizade”. Já quanto a rejeição para estabelecer algum tipo de relacionamento, destaca-se a categoria “bicha pão com ovo”.

Os números sugerem que não há critérios rígidos para se estabelecer amizade com as identidades gays, no entanto, “urso” e “hipster” se destacaram. Já quanto ao namoro, os dados sugerem que gays têm maior preferência para namorar com “urso” e “hipster”, enquanto “pão com ovo”, “maricona” e “drag queen” são as categorias com as quais os gays menos têm preferência para namorar, bem como fazer sexo.

Considerando as representações da sessão anterior e os relacionamentos estabelecidos com estas categorias de gays apresentados acima, nota-se que os gays mais afeminados, de condição econômica desfavorável (pobres), fora do padrão de beleza tal qual a categoria “barbie” possui e de idade mais avançada são qualificados de forma negativa e, por tanto, menos visados para namorar e fazer sexo. Ou seja, existe maior preferência para se namorar e fazer sexo com gays padronizados do tipo malhado como o “barbie”, masculinizados como o “urso” e mais favorecidos econômico e socialmente como o “hipster” e o “fino”.

Da classe social

Tabela 7 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de classes sociais

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|--------------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Rico | 211 (83,1) | 215 (84,6) | 190 (74,8) | 14 (5,5) |
| Pobre | 212 (83,5) | 220 (86,6) | 190 (74,8) | 9 (3,5) |
| Graduado | 240 (94,5) | 220 (86,6) | 195 (76,8) | 9 (3,5) |
| Não graduado | 211 (83,1) | 221 (87) | 196 (77,2) | 7 (2,8) |
| Desempregado | 192 (75,6) | 218 (85,8) | 196 (77,2) | 11 (4,3) |
| Empregado | 237 (93,3) | 222 (87,4) | 199 (78,3) | 7 (2,8) |

Quanto a classe social, não existe discrepância das categorias, no entanto, pode-se dizer que o gay graduado e empregado é mais visado para namorar que os demais.

Da estética

Tabela 8 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de características estéticas

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|-----------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Negro | 216 (85) | 211 (83,1) | 211 (83,1) | 9 (3,5) |
| Branco | 236 (92,9) | 217 (85,4) | 196 (77,2) | 7 (2,8) |
| Amarelo | 218 (85,8) | 221 (87) | 178 (70,1) | 9 (3,5) |
| Pardo | 235 (92,5) | 216 (85) | 193 (76) | 7 (2,8) |
| Gordo | 149 (58,7) | 229 (90,2) | 138 (54,3) | 14 (5,5) |
| Magro | 217 (85,4) | 226 (89) | 183 (72) | 7 (2,8) |
| Sarado | 173 (68,1) | 217 (85,4) | 192 (75,6) | 11 (4,3) |
| Obeso | 45 (17,7) | 226 (89) | 50 (19,7) | 22 (8,7) |

Quanto ao tipo de cor de pele, os gays brancos e pardos foram mais selecionados para namorar, enquanto para amizade foi o amarelo, ainda que com pouca diferença dos demais, e para sexo o negro se destacou das demais categorias.

Quanto ao tipo físico, para namorar, os gays magros e sarados se destacaram, seguido do gay “gordo”. O percentual do gay “obeso” para namorar foi bem inferior que os demais. Para amizade, não houve discrepância, mas as categorias “gordo” e “obeso” tiveram percentual maior que os demais. Quanto ao sexo, destacaram-se o gay sarado e magro, respectivamente; enquanto o obeso teve o percentual bem inferior que os demais. A rejeição a qualquer tipo de relacionamento se destacou para o gay obeso.

Estes dados também reforçam o quanto a questão estética é importante nas relações entre gays e demonstram a padronização do corpo gay nos modelos estéticos existentes na sociedade.

Da religião

Tabela 9 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de religiões

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|----------------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Católico | 164 (64,6) | 216 (85) | 166 (65,4) | 18 (7,1) |
| Evangélico | 81 (31,9) | 178 (70,1) | 133 (52,4) | 57 (22,4) |
| Umbandista | 176 (69,3) | 217 (85,4) | 179 (70,5) | 16 (6,3) |
| Espírita | 206 (81,1) | 223 (87,8) | 189 (74,4) | 11 (4,3) |
| Candomblecista | 174 (68,5) | 220 (86,6) | 178 (70,1) | 12 (4,7) |

Quanto à religião, os gays espíritas foram os mais selecionados para namorar, enquanto que para ter amizade não houve discrepâncias entre as religiões, exceto dos

gays evangélicos que teve um percentual inferior pouco significativo. Para sexo, a discrepância também foi para os evangélicos. No entanto, a rejeição para se estabelecer qualquer tipo de relacionamento foi significativa também para o grupo de gays evangélicos.

Da afeminação/discrição

Tabela 10 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis “afeminado” e “discreto”

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|-----------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Afeminado | 131 (51,6) | 226 (89) | 141 (55,5) | 20 (7,9) |
| Discreto | 163 (64,2) | 203 (79,9) | 179 (70,5) | 21 (8,3) |

Os gays discretos são mais visados para namorar que os afeminados bem como para relações sexuais. No entanto, para amizade os gays afeminados foram mais selecionados. E a rejeição de relacionamentos com ambas categorias não houve diferença significativa. Esta análise revela que o gay discreto é mais procurado para se estabelecer um tipo de relacionamento que envolve o ato sexual, enquanto que o afeminado é visado apenas para amizade, quando não é rejeitado.

Este dado confirma a pouca preferência pelas identidades gays que têm como característica a feminilidade do “afeminado”, tal qual o gay “pão com ovo” e “maricona”. Ou seja, no geral, ser afeminado é uma característica qualificada como negativa entre os gays.

Do comportamento sexual

Tabela 11 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de posição sexual

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|-----------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Ativo | 193 (76) | 226 (89) | 192 (75,6) | 6 (2,4) |
| Passivo | 172 (67,7) | 231 (90,9) | 177 (69,7) | 7 (2,8) |
| Flexível | 224 (88,2) | 227 (89,4) | 204 (80,3) | 7 (2,8) |

Os números desta seção revelam que os participantes desta pesquisa preferem relações com pessoas que são versáteis (flexíveis) quanto ao seu comportamento sexual. Porém, a variável do relacionamento de amizade não é expressiva, ou seja, o comportamento sexual não interfere no relacionamento de amizade. O que justifica este dado é a irrelevância do comportamento sexual para a amizade.

Das demais categorias

Tabela 12 Análise descritiva da frequência e percentual dos relacionamentos estabelecidos para as variáveis de “velho”, “soropositivo” e “casado”

| Categoria | Namoro | Amizade | Sexo | Nenhum relacionamento |
|--------------|------------|------------|------------|-----------------------|
| | N (%) | N (%) | N (%) | N (%) |
| Velho | 97 (38,2) | 225 (88,6) | 117 (46,1) | 14 (5,5) |
| Soropositivo | 149 (58,7) | 231 (90,9) | 114 (44,9) | 12 (4,7) |
| Casado | 25 (9,8) | 197 (77,6) | 129 (50,8) | 33 (13) |

O gay “velho”, bem como o “soropositivo” e o “casado”, é mais visado para a amizade. No entanto, o gay “soropositivo” não tem uma rejeição para o relacionamento

namoro como as demais categorias desta seção. É importante destacar que metade dos participantes teriam relações sexuais com gays casados.

A diferença significativa do tipo de relacionamento “namoro” com os demais relacionamentos para a categoria “velho” reforça os dados anteriormente citados sobre a categoria “maricona”, a qual, segundo a sessão anterior sobre as representações, tem como característica a idade mais avançada, ou seja, gays mais velhos (mariconas) são pouco visados para namorar e fazer sexo.

As análises descritivas desta sessão e da anterior acerca da representação das identidades gays e dos tipos de relacionamento estabelecidos entre gays confirmam que há diferenças significativas entre gays que se dão em distintas esferas como fora citado anteriormente (estética, econômica, idade, cultural e de gênero). Estas diferenças influenciam na preferência para se estabelecer relacionamentos bem como na qualificação representativa das categorias de gays que foram construídas a partir destas esferas.

Sendo assim, pode-se *a priori* construir tipologias de perfis de gays as quais possuem tais preferências e qualificação mais positiva. Ou seja, é possível dizer qual o perfil de gay é melhor visto pela “comunidade gay” e mais visado para relacionamentos, principalmente nos tipos de relacionamento que envolvem o ato sexual, como o sexo casual e o namoro. A partir disto, pode-se dizer que os dados revelam um modelo padrão de gay entre os gays.

O padrão de gay é aquele masculinizado, de condição socioeconômica favorável, de idade menos avançada – jovem, adulto, dentro do padrão de beleza – malhado e/ou magro, discreto – com menos abertura e explicitação de sua orientação sexual.

Nas próximas sessões deste capítulo, apresenta-se de distintas formas como é construído este padrão a partir da identificação com a identidade gay e com a homofobia internalizada. Para isso, serão analisadas as diferenças significativas entre os grupos a partir das características do perfil dos participantes, das representações e dos tipos de relacionamento com relação às médias dos fatores das duas escalas utilizadas nesta pesquisa – Escala de Identidade “Need for Identification” e Escala de Homofobia Internalizada – as quais avaliam, respectivamente, a pertença e a autodefinição da identidade gay e a percepção interna e externa da homofobia. Sobre os fatores de pertença e de autodefinição, o primeiro avalia o nível de pertencimento à identidade gay do participantes enquanto o segundo avalia o nível de reconhecimento da identidade gay. Já os fatores da escala de homofobia internalizada – percepção interna e percepção externa – avaliam, respectivamente, o nível de internalização da homofobia e a percepção da homofobia que vem de contextos externos.

3.4 Comparação de Médias entre grupos do perfil dos participantes.

Tabela 13 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis sócio-demográficas (T-students)

| Variável | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção Interna | | Percepção externa | |
|-------------------------------|-------------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|-------------------|-----------------|-------------------|-----------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Trabalha | Não | 15,32 (6,23) | 0,73 (0,46) | 22,74 (4,71) | 0,21 (0,82) | 44,82 (7,93) | 1,01 (0,31) | 23 (2,87) | 1,51 (0,13) |
| | Sim | 14,76 (5,78) | | 22,6 (5,03) | | 43,82 (7,61) | | 22,44 (2,91) | |
| Religião | Não | 14,95 (6,09) | -0,15 (0,88) | 23,01 (4,64) | 1,53 (0,12) | 43,3 (7,23) | -2,57 (0,01) | 22,68 (2,98) | 0,12 (0,9) |
| | Sim | 15,06 (5,74) | | 21,97 (5,31) | | 46,04 (8,42) | | 22,63 (2,74) | |
| Relacionamento | Não | 15,33 (6,17) | 0,92 (0,35) | 22,65 (4,93) | -0,1 (0,98) | 45,32 (8,31) | 2,29 (0,02) | 22,81 (3,11) | 0,79 (0,42) |
| | Sim | 14,64 (5,75) | | 22,66 (4,87) | | 43,11 (6,98) | | 22,52 (2,67) | |
| Filhos | Não | 14,94 (5,91) | -0,53 (0,61) | 22,58 (4,91) | -1,89 (0,1) | 44,27 (7,72) | 0,44 (0,67) | 22,70 (2,88) | 0,84 (0,43) |
| | Sim | 16,57 (8,01) | | 25,28 (3,68) | | 42,71 (9,23) | | 21,57 (3,5) | |
| Sauna Gay | Não | 14,82 (6,05) | -1,1 (0,27) | 22,55 (4,95) | -0,83 (0,4) | 44,78 (7,7) | 2,64 (0,01) | 22,66 (2,89) | 0,006 (0,99) |
| | Sim | 15,85 (5,46) | | 23,21 (4,61) | | 41,42 (7,47) | | 22,66 (2,99) | |
| Sexo em local público | Não | 14,89 (6,25) | -0,19 (0,84) | 22,8 (5,2) | 0,33 (0,74) | 45,62 (8,02) | 2,11 (0,03) | 22,18 (2,86) | -1,99 (0,04) |
| | Sim | 15,04 (5,82) | | 22,58 (4,73) | | 43,45 (7,5) | | 22,93 (2,9) | |
| Identificação com grupos Gays | Não se identifica | 14,16 (5,96) | -2,97 (0) | 22,07 (5,24) | -2,72 (0) | 44,03 (7,7) | -0,52 (0,6) | 22,62 (2,99) | -0,35 (0,72) |
| | Se identifica | 16,41 (5,72) | | 23,67 (4,04) | | 44,56 (7,86) | | 22,75 (2,74) | |

Segundo os dados apresentados acima (Ver Tabela 13), não existe diferença entre os grupos de pessoas que trabalham e que não trabalham quanto aos aspectos de identificação com a identidade gay nem com a internalização dos valores negativos da

homossexualidade. Quanto à religião, os participantes que possuem religião possuem o nível de percepção interna maior que os que não possuem religião, ou seja, internalizam mais os valores negativos da homossexualidade. O grupo de pessoas que não estão em relacionamento também possui o nível de homofobia internalizada maior que os que não estão em relacionamento. Não existe diferença entre os grupos de gays que possuem filhos e os que não possuem filhos. O grupo de gays que não frequentam sauna gay possui o nível de homofobia internalizada maior que os que frequentam. O grupo de gays que já fizeram ou fazem sexo em local público possui o nível de homofobia internalizada menor que os que nunca fizeram, ao mesmo tempo que o nível de percepção da homofobia é maior que os que nunca fizeram sexo em local público. O grupo que se identifica com alguma categoria gay tem o nível de pertença e autodefinição maior que o grupo daqueles que não se identificam.

Tabela 14 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis nível de abertura e nível de masc./feminilidade (One-way ANOVA)

| Variável | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Interna | | Externa | |
|-------------------|------------------|-----------------|------|-----------------|------|-----------------|------|-----------------|------|
| | | M (DP) | P | M (DP) | P | M (DP) | P | M (DP) | P |
| Nível de Abertura | Pouca abertura | 12,59 (6,51) | | 20,11 (6,6) | | 54,18 (8,65) | | 24,44 (2,42) | |
| | Abertura parcial | 13,35 (5,22) | 0 | 21,84 (4,93) | 0 | 47,17 (6,05) | 0 | 22,85 (2,58) | 0 |
| | Muita abertura | 16,03 (5,92) | | 23,4 (4,36) | | 41,42 (4,36) | | 22,3 (2,99) | |
| Masc./Fem. | Masculino | 14,82 (5,98) | | 22,17 (4,93) | | 44,37 (7,89) | | 22,55 (3) | |
| | Neutro | 14,32 (5,81) | 0,19 | 22,65 (5,18) | 0,26 | 44,2 (7,91) | 0,95 | 22,45 (2,68) | 0,35 |
| | Feminino | 16,07 (6,05) | | 23,43 (4,42) | | 44,2 (7,41) | | 23,1 (2,99) | |

Quanto ao nível de abertura (Ver Tabela 14), o gráfico acima indica que quanto maior o nível de abertura, ou seja, a explicitação da sexualidade, maiores os níveis de pertença e autodefinição acerca da identidade gay e menor os níveis de percepção interna e externa da homofobia internalizada. Isto significa que quanto maior a abertura da sexualidade, menos se internaliza os valores negativos da homossexualidade, embora se perceba menos a homofobia externa. Não existe diferença entre os grupos de gays masculinos, neutros e femininos.

Tabela 15 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis nível de escolaridade e posição sexual (One-way ANOVA)

| Variável | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção Interna | | Percepção externa | |
|-----------------------|----------------------------|--------------|------|---------------|------|-------------------|------|-------------------|------|
| | | M (DP) | P | M (DP) | P | M (DP) | P | M (DP) | P |
| Nível de Escolaridade | Ensino Médio Completo | 13,59 (6,09) | | 22,63 (5,55) | | 45,54 (9,65) | | 22,22 (2,87) | |
| | Ensino Superior Incompleto | 15,28 (6,31) | | 22,76 (5,18) | | 44,86 (7,62) | | 22,94 (3,16) | |
| | Ensino Superior Completo | 14,66 (5,92) | 0,2 | 22,06 (4,8) | 0,67 | 44,66 (7,52) | 0,33 | 22,61 (2,89) | 0,85 |
| | Especialização | 12,8 (5,52) | | 22 (5,14) | | 43 (8,16) | | 22,65 (2,45) | |
| | Mestrado | 16,66 (5,41) | | 23,27 (4,07) | | 42,51 (7,31) | | 22,33 (2,48) | |
| | Doutorado | 15,76 (4,1) | | 24,23 (3,34) | | 41,15 (6,32) | | 22,38 (2,75) | |
| | Passivo | 15,85 (5,99) | | 22,66 (5,14) | | 44,37 (8,29) | | 23,5 (3,02) | |
| | Ativo | 15,41 (5,63) | 0,21 | 23,9 (4,49) | 0,18 | 42,56 (6,27) | 0,15 | 22,52 (2,54) | 0 |
| | Flexível | 14,44 (6,12) | | 22,18 (4,92) | | 44,96 (7,94) | | 22,3 (2,83) | |
| Posição Sexual | Outro | 11,83 (4,62) | | 21,66 (3,98) | | 40,16 (4,87) | | 20,33 (3,61) | |

Os dados do gráfico acima (Ver Tabela 15) indicam que os gays com comportamento sexual passivo percebem mais a homofobia externa, seguidos,

respectivamente, dos gays ativos, dos gays flexíveis e, por fim, dos que declararam os demais comportamentos sexuais. Não existe diferença entre os níveis de escolaridades quanto aos fatores da Escala de Identidade Social nem da Escala de Homofobia internalizada.

Os dados apresentados nas três tabelas anteriores (Ver Tabelas 13, 14 e 15) apresentam quais os gays apresentam maiores índices de pertença e autodefinição quanto à identidade gay e de internalização da homofobia e percepção da homofobia externa. Conforme estes dados, os gays que possuem religião, que não estão em relacionamento, que não frequentam sauna gay, que não fazem sexo em local público e que menos vivem abertamente e explicitamente sua sexualidade apresentam maiores escores de internalização de valores negativos da homossexualidade (homofobia internalizada).

Os gays que se identificam com alguma identidade gay e os que mais vivem abertamente e explicitamente sua sexualidade possuem maior pertença e autodefinição quanto à identidade gay, ou seja, têm maior pertencimento ao grupo gay e se autodefinem mais como gay.

Sobre a variável nível de abertura da sexualidade, os dados mostram que a abertura e explicitação da sexualidade está associada significativamente à percepção e ao reconhecimento enquanto gay, sendo que viver mais abertamente a homossexualidade torna-se mais pertencido à identidade gay do que viver “no armário” à medida que também reconhece-se mais enquanto gay. O que também influencia na internalização da homofobia e na percepção da homofobia externa, sendo que quanto mais se vive abertamente e explicitamente a homossexualidade menos se internaliza os valores negativos da homossexualidade e menos se percebe a homofobia. Todas estas

constatações confirmam a revisão sistemática de literatura apresentada no segundo capítulo desta dissertação, o qual traz estudos nacionais que já apontavam a relação do armário com a homofobia. Se no sentido amplo da homofobia esta variável – a abertura da sexualidade – já se demonstrava dependente, agora é possível dizer que ela também é uma variável dependente para a internalização da homofobia.

3.5 Comparação de Médias quanto às representações das Identidades Gays

Tabela 16 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função das variáveis de evocações das identidades gays (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|-------------------------|----------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|-------------------------------|----------------------------|-------------------------------|----------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Evocação de Gay | Positivo | 15,57 (5,84) | 0,99 (0,32) | 23,16 (4,73) | 0,73 (0,46) | 42,93 (7,15) | -2,99 (0) | 22,25 (2,74) | -2,79 (0) |
| | Negativo | 14,5 (6,35) | | 22,5 (5,35) | | 47,06 (8,19) | | 23,72 (3,1) | |
| Evocação de Pão com Ovo | Positivo | 15,32 (6,26) | 0,42 (0,67) | 22,56 (4,94) | 0,7 (0,94) | 41,08 (6,4) | -2,76 (0) | 22,76 (2,33) | 0,02 (0,97) |
| | Negativo | 14,75 (6) | | 22,48 (5,02) | | 44,94 (7,91) | | 22,74 (2,99) | |
| Evocação de Barbie | Positivo | 15,45 (6,03) | 0,45 (0,64) | 22,78 (4,75) | -0,06 (0,94) | 44,31 (8) | 0,42 (0,67) | 23,09 (2,82) | 1,11 (0,26) |
| | Negativo | 14,98 (6,26) | | 22,83 (4,68) | | 43,76 (7,64) | | 22,54 (3,12) | |
| Evocação de Maricon | Positivo | 14,46 (5,64) | 0,03 (0,97) | 22,8 (4,5) | 0,12 (0,9) | 41,33 (6,61) | -1,68 (0,1) | 21,86 (2,77) | -1,35 (0,19) |
| | Negativo | 14,41 (6,49) | | 22,64 (5,18) | | 44,48 (8,05) | | 22,9 (2,87) | |
| Evocação de Drag Queen | Positivo | 15,21 (5,9) | 1,17 (0,26) | 23,3 (4,54) | 1,9 (0,08) | 42,28 (6,09) | -3,21 (0) | 22,55 (2,88) | -0,21 (0,83) |
| | Negativo | 12,9 (5,93) | | 19,7 (5,79) | | 51,3 (8,64) | | 22,8 (3,58) | |
| Evocação de Urso | Positivo | 14,33 (6,05) | -1,25 (0,21) | 22,86 (4,85) | 0,04 (0,96) | 44,13 (7,59) | -0,15 (0,88) | 22,11 (2,87) | -1,37 (0,17) |
| | Negativo | 16,5 (6,59) | | 22,8 (5,13) | | 44,45 (7,91) | | 23,2 (2,96) | |
| Evocação de Hipster | Positivo | 13,5 (4,68) | 0,17 (0,86) | 24,07 (5,55) | 1,49 (0,14) | 45,14 (7,5) | -0,7 (0,48) | 22,42 (2,79) | -0,55 (0,58) |
| | Negativo | 13,18 (6,51) | | 21,36 (4,89) | | 47,09 (8,85) | | 22,95 (2,78) | |
| Evocação de Fino | Positivo | 14,78 (6,45) | -0,39 (0,69) | 22,75 (4,91) | 0,13 (0,89) | 45,9 (9,75) | 1,95 (0,05) | 23,26 (3,02) | 1,29 (0,2) |
| | Negativo | 15,27 (6,03) | | 22,62 (5,43) | | 42,84 (6,65) | | 22,49 (3,08) | |

Quanto aos grupos de participantes que apresentaram evocações positivas e negativas acerca das identidades gays, os dados sugerem (Ver Tabela 16) a diferença entre esses grupos com relação à internalização da homofobia para as evocações de “Gay”, “Pão com ovo” e “Drag Queen”, sendo que, para tais evocações, o grupo daqueles cuja representação é negativa possuem o nível de homofobia internalizada maior que os de representação positiva. Para a evocação “Gay”, os grupos também são diferentes quanto à percepção da homofobia externa, sendo que os gays com representação negativa percebem mais a homofobia externa que os de representação positiva.

Estes dados explicam a qualificação da representação destas categorias. Na sessão anterior, vimos que a categoria “pão com ovo” foi a que mais teve representação negativa. Nesta sessão, vimos que sua representação negativa sofre a influência da homofobia. E, ainda que não tiveram valores expressivos de representação negativa, vimos também nestes dados acima, que a categoria “drag queen”, bem como a identidade gay no geral, também possuem a influência desta variável. É importante destacar que estas são as categorias que se encontram na esfera de gênero e que, por isto, estão associadas a feminilidade, haja vista a frequência com que a palavra “afeminado” foi evocada na sessão da representação acerca das identidades gays. Isto confirma a rejeição ao feminino e a reprodução do machismo e da homofobia nos discursos entre os gays.

A inversão dos valores quanto ao fator da percepção externa para as evocações da categoria “gay” sugere que ao perceber a homofobia que vem do ambiente externo, o gay internaliza os valores negativos da homossexualidade. Adiante, veremos como a homofobia internalizada pode também influenciar nos tipos de relacionamento entre os gays.

3.6 Comparação de Médias quanto aos tipos de relacionamento

Nesta seção, apresentam-se as comparações de médias entre dois grupos – dos que estabelecem o relacionamento e os que não o estabelecem – quanto às categorias de relacionamento, sendo estas: namoro, amizade, sexo e rejeição. Apresentam-se as médias dos dois grupos com seus respectivos **desvio padrão** e o p-valor para cada comparação de média. Foram utilizadas as mesmas categorias da dimensão das representações, porém, por conta da relevância que se mostrou nos dados anteriormente apresentados, acrescentou-se os relacionamentos com as variáveis “afeminado” e “discreto”.

Relacionamentos com “Pão com ovo”

Tabela 17 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “pão com ovo” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|-------------------------|--------|-------------------------------|------------------------------|-------------------------------|---------------------------|-------------------------------|----------------------------|-------------------|------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Pão com ovo | Não | 14,85 (5,95) | -0,63 (0,52) | 22,39 (4,99) | -1,57 (0,11) | 45,76 (7,88) | 5,75 (0) | 22,66 (2,86) | -0,008 (0,99) |
| | Sim | 15,4 (6,02) | | 23,45 (4,53) | | 39,68 (5,15) | | 22,67 (3,03) | |
| Amizade com Pão com ovo | Não | 14,1 (6,14) | -1,28 (0,2) | 22,23 (5,55) | -0,69 (0,49) | 47,35 (9,28) | 3,61 (0) | 22,4 (3,11) | -0,75 (0,45) |
| | Sim | 15,26 (5,9) | | 22,78 (4,68) | | 43,28 (6,97) | | 22,74 (2,84) | |
| Sexo com Pão com ovo | Não | 14,76 (5,93) | -0,83 (0,4) | 22,49 (5,09) | -0,99 (0,32) | 46,08 (7,91) | 5,6 (0) | 22,6 (2,88) | -0,48 (0,62) |
| | Sim | 15,42 (6,02) | | 23,06 (4,48) | | 40,66 (6,01) | | 22,79 (2,95) | |
| Rejeição à Pão com ovo | Não | 15,42 (5,92) | 2,35 (0,02) | 23,18 (4,58) | 3,11 (0) | 42,83 (6,83) | -6,23 (0) | 22,64 (2,92) | -0,25 (0,8) |
| | Sim | 13,24 (5,86) | | 20,54 (5,54) | | 49,94 (8,65) | | 22,76 (2,83) | |

Quanto aos relacionamentos namoro, amizade e sexo com a categoria “Pão com ovo”, aqueles que não teriam tais relacionamentos com esta categoria apresentam o nível de homofobia internalizada maior que aqueles que teriam tais relacionamentos. Quanto à rejeição, os participantes que rejeitam a categoria “Pão com ovo” têm os níveis de pertença e autodefinição menores e o nível de homofobia internalizada maior que os que não rejeitam.

Estes números esclarecem a pouca preferência para se estabelecer relacionamentos com o gay “pão com ovo”. Esta categoria é menos visada para tais relacionamentos em virtude da internalização da homofobia e sua rejeição também se deve à pouca pertença e autodefinição da identidade gay.

Relacionamentos com “Barbie”

Tabela 18 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “barbie” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|---------------------|--------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|-------------------|----------------|-------------------------------|----------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Barbie | Não | 15 (6,02) | 0,32 (0,97) | 22,41 (5,04) | -1,28 (0,2) | 44,45 (7,85) | 0,71 (0,47) | 22,74 (2,9) | 0,6 (0,54) |
| | Sim | 14,97 (5,85) | | 23,23 (4,49) | | 43,71 (7,52) | | 22,5 (2,9) | |
| Amizade com Barbie | Não | 14,83 (6,08) | -0,29 (0,77) | 22,67 (5,07) | 0,03 (0,97) | 45,13 (8,12) | 1,3 (0,19) | 22,43 (3,41) | -0,93 (0,34) |
| | Sim | 15,07 (5,91) | | 22,65 (4,81) | | 43,76 (7,53) | | 22,79 (2,61) | |
| Sexo com Barbie | Não | 14,79 (6,37) | -0,46 (0,64) | 23,07 (5,15) | 1,17 (0,24) | 44,92 (8,64) | 1,27 (0,2) | 22,1 (2,88) | -2,77 (0) |
| | Sim | 15,14 (5,64) | | 22,33 (4,67) | | 43,68 (6,94) | | 23,11 (2,85) | |
| Rejeição com Barbie | Não | 15,17 (5,89) | 1 (0,32) | 22,88 (4,72) | 1,43 (0,15) | 43,83 (7,53) | -1,63 (0,1) | 22,68 (2,92) | 0,14 (0,88) |
| | Sim | 14,13 (6,3) | | 21,59 (5,59) | | 46,11 (8,55) | | 22,61 (2,83) | |

Da categoria “Barbie”, existe diferença apenas entre os grupos que fazem ou não sexo com esta categoria quanto à percepção da homofobia externa, sendo que os participantes que fazem sexo com o “Barbie” percebem mais a homofobia que os que não fazem sexo.

Relacionamentos com “Maricona”

Tabela 19 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “maricona” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|----------------------|--------|-----------------|----------------|-------------------------------|---------------------------|-------------------------------|----------------------------|-------------------------------|-------------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Maricona | Não | 15,26 (6,01) | 1,3 (0,19) | 22,73 (4,91) | 0,43 (0,66) | 45,31 (8,08) | 4 (0) | 22,8 (2,86) | 1,27 (0,2) |
| | Sim | 14,15 (5,77) | | 22,42 (4,87) | | 40,93 (5,48) | | 22,25 (3,01) | |
| Amizade com Maricona | Não | 15,22 (5,79) | 0,34 (0,73) | 21,92 (5,8) | -1,12 (0,26) | 47,29 (9,77) | 3,46 (0) | 22,66 (3,33) | -0,008 (0,99) |
| | Sim | 14,92 (6,02) | | 22,87 (4,59) | | 43,34 (6,83) | | 22,67 (2,77) | |
| Sexo com Maricona | Não | 15,08 (6,03) | 0,35 (0,72) | 22,59 (5,03) | -0,31 (0,75) | 44,85 (7,83) | 1,94 (0,05) | 22,4 (2,94) | -2,23 (0,02) |
| | Sim | 14,8 (5,83) | | 22,8 (4,61) | | 42,87 (7,42) | | 23,25 (2,73) | |
| Rejeição à Maricona | Não | 15,25 (6,05) | 1,76 (0,08) | 23,04 (4,58) | 2,86 (0) | 43,34 (7,07) | -4,28 (0) | 22,64 (2,84) | -0,24 (0,8) |
| | Sim | 13,6 (5,34) | | 20,68 (5,95) | | 48,82 (9,4) | | 22,78 (3,22) | |

Quanto à categoria “Maricona”, os grupos de participantes que não namoram nem são amigos tal categoria possuem o nível de percepção interna da homofobia internalizada maior que os que namoram e os que são amigos. Enquanto que os que fazem sexo com o “Maricona” percebem mais a homofobia externa. Com relação à rejeição, os que não rejeitam possuem uma autodefinição maior e o nível de homofobia internalizada menor que os que rejeitam.

Estes dados também esclarecem sobre a pouca preferência em se estabelecer tipos de relacionamentos com esta categoria. A internalização da homofobia, ou seja, a internalização dos valores negativos da homossexualidade influencia diretamente no relacionamento com esta categoria gay.

Relacionamento com “Drag Queen”

Tabela 20 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “drag queen” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|------------------------|--------|-------------------------------|---------------------------|-------------------------------|---------------------------|--------------------------------|----------------------------|-------------------|-----------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Drag Queen | Não | 14,95 (5,93) | -0,15 (0,88) | 22,63 (5,02) | -0,15 (0,87) | 45,45 (7,89) | 3,98 (0) | 22,75 (2,77) | 0,71 (0,47) |
| | Sim | 15,08 (6,06) | | 22,73 (4,61) | | 41,32 (6,57) | | 22,46 (3,19) | |
| Amizade com Drag Queen | Não | 13,26 (6,55) | -1,43 (0,16) | 20,88 (6,86) | -1,96 (0,05) | 49,42 (10,99) | 3,69 (0) | 22,34 (3,55) | -0,59 (0,55) |
| | Sim | 15,18 (5,87) | | 22,86 (4,59) | | 43,64 (7,08) | | 22,7 (2,82) | |
| Sexo com Drag Queen | Não | 15 (6,01) | 0,03 (0,97) | 22,73 (5,01) | 0,35 (0,72) | 45,25 (8,04) | 3,27 (0) | 22,6 (2,82) | -0,5 (0,61) |
| | Sim | 14,97 (5,89) | | 22,5 (4,63) | | 41,84 (6,46) | | 22,81 (3,09) | |
| Rejeição à Drag Queen | Não | 15,41 (5,98) | 3,84 (0) | 23,03 (4,6) | 3,46 (0) | 43,35 (7,03) | -5,28 (0) | 22,69 (2,92) | 0,38 (0,7) |
| | Sim | 11,68 (4,76) | | 19,75 (6,09) | | 51,03 (9,63) | | 22,48 (2,74) | |

Quanto aos relacionamentos namoro, amizade e sexo com “Drag Queen”, aqueles que não têm estes relacionamentos com tal categoria possuem os níveis de homofobia internalizada maior que os que estabelecem tais relacionamentos. Já quanto à rejeição do “Drag Queen”, os que não o rejeitam possuem os níveis de pertença e autodefinição maiores e o nível de homofobia internalizada menor que os que o rejeitam.

A internalização da homofobia se destaca nos relacionamentos estabelecidos com a categoria de “drag queen”, bem como a pertença e a autodefinição na identidade gay, que também esclarece a pouca preferência de relacionamentos que envolvam o ato sexual para esta categoria apresentada na sessão 3.

Relacionamento com “Urso”

Tabela 21 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “urso” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|------------------|--------|-----------------|----------------|-------------------------------|------------------------------|-------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Urso | Não | 15,16 (6,04) | 0,32 (0,74) | 22,59 (5,4) | -0,14 (0,88) | 43,87 (7,54) | -1,63 (0,1) | 22,51 (3,06) | 0,14 (0,88) |
| | Sim | 14,9 (5,94) | | 22,69 (4,62) | | 44,41 (7,87) | | 22,74 (2,82) | |
| Amizade com Urso | Não | 15,41 (6,07) | 0,6 (0,54) | 23,03 (5,01) | 0,64 (0,51) | 45,87 (8,19) | 1,77 (0,08) | 21,56 (3,03) | -3,19 (0) |
| | Sim | 14,86 (5,94) | | 22,55 (4,86) | | 43,74 (7,56) | | 22,99 (2,78) | |
| Sexo com Urso | Não | 15,84 (5,97) | 1,88 (0,6) | 23,54 (4,74) | 2,41 (0,01) | 44,18 (7,61) | -0,8 (0,93) | 22 (2,96) | -3 (0) |
| | Sim | 14,41 (5,9) | | 22,05 (4,91) | | 44,26 (7,86) | | 23,11 (2,78) | |
| Rejeição ao Urso | Não | 15,06 (5,96) | 0,85 (0,41) | 22,72 (4,9) | 0,97 (0,35) | 44,19 (7,79) | -0,37 (0,71) | 22,7 (2,91) | 1,06 (0,31) |
| | Sim | 13,45 (6,08) | | 21,27 (4,81) | | 45 (6,95) | | 21,81 (2,71) | |

Com relação à categoria “Urso”, aqueles que têm amizade e fazem sexo com esta categoria percebem mais a homofobia externa que os que não têm amizade e os que não fazem sexo. Já os que não fazem sexo têm uma autodefinição maior que os que fazem sexo com “urso”.

Relacionamento com “Hipster”

Tabela 22 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “hipster” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|---------------------|--------|-----------------|----------------|-------------------------------|------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------------------|----------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Hipster | Não | 14,6 (5,93) | -0,84 (0,4) | 22,53 (4,92) | -0,32 (0,74) | 45,55 (8,17) | 2,2 (0,02) | 22,49 (2,83) | -0,81 (0,41) |
| | Sim | 15,25 (5,99) | | 22,74 (4,89) | | 43,34 (7,34) | | 22,78 (2,95) | |
| Amizade com Hipster | Não | 15,73 (6,3) | 1,07 (0,28) | 22,68 (5,52) | 0,04 (0,96) | 44,96 (9,15) | 0,84 (0,39) | 22,77 (2,86) | 0,31 (0,75) |
| | Sim | 14,75 (5,85) | | 22,65 (4,69) | | 44 (7,26) | | 22,63 (2,92) | |
| Sexo com Hipster | Não | 15,08 (6,17) | 0,22 (0,81) | 22,89 (5,37) | 0,66 (0,5) | 45,35 (8,42) | 2,03 (0,04) | 22,07 (2,86) | -2,94 (0) |
| | Sim | 14,91 (5,81) | | 22,47 (4,48) | | 43,33 (7,06) | | 23,14 (2,86) | |
| Rejeição ao Hipster | Não | 15,25 (6,04) | 1,75 (0,08) | 22,94 (4,83) | 2,13 (0,03) | 43,76 (7,46) | -2,01 (0,04) | 22,68 (2,97) | 0,18 (0,85) |
| | Sim | 13,6 (5,36) | | 21,12 (4,98) | | 46,75 (8,8) | | 22,6 (2,55) | |

Com relação à categoria “hipster”, aqueles que não namoram nem fazem sexo com esta categoria, bem como aqueles que a rejeitam, possuem o nível de homofobia internalizada maior que os que namoram, fazem sexo e os que não rejeitam. Aqueles que fazem sexo com a categoria “hipster” percebem mais a homofobia externa e os que não rejeitam possuem uma autodefinição maior que os que rejeitam.

Relacionamento com “Fino”

Tabela 23 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “fino” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|------------------|--------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|-------------------|-----------------|-------------------------------|----------------------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Fino | Não | 15,32 (6,08) | 1,05 (0,29) | 22,73 (4,97) | 0,27 (0,78) | 43,87 (7,47) | -0,86 (0,38) | 22,81 (2,7) | 0,93 (0,35) |
| | Sim | 14,52 (5,79) | | 22,56 (4,79) | | 44,74 (8,13) | | 22,46 (3,16) | |
| Amizade com Fino | Não | 14,42 (6,29) | -0,85 (0,39) | 23,06 (4,88) | 0,75 (0,45) | 44,87 (8,18) | 0,73 (0,46) | 22,54 (2,94) | -0,38 (0,7) |
| | Sim | 15,18 (5,85) | | 22,52 (4,9) | | 44,01 (7,6) | | 22,71 (2,89) | |
| Sexo com Fino | Não | 15,26 (6,2) | 0,78 (0,43) | 22,83 (5,03) | 0,59 (0,55) | 44,8 (7,68) | 1,27 (0,2) | 22,18 (2,68) | -2,87 (0) |
| | Sim | 14,67 (5,68) | | 22,46 (4,74) | | 43,56 (7,8) | | 23,22 (3,05) | |
| Rejeição ao Fino | Não | 15,29 (5,75) | 1,63 (0,1) | 22,8 (4,82) | 0,98 (0,33) | 44,18 (7,67) | -0,22 (0,82) | 22,65 (2,97) | -0,2 (0,83) |
| | Sim | 13,48 (6,76) | | 21,95 (5,25) | | 44,48 (8,18) | | 22,74 (2,55) | |

Quanto à categoria “fino”, o grupo de gays que fazem sexo com tal categoria percebem mais a homofobia externa que o grupo de gays que não fazem sexo.

Relacionamento com “Afeminado”

Tabela 24 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “afeminado” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|-----------------------|--------|-----------------|-----------------|-------------------------------|------------------------------|--------------------------------|----------------------------|-------------------|-----------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Afeminado | Não | 14,69 (5,95) | -0,75 (0,44) | 22,09 (5,11) | -1,78 (0,07) | 46,91 (8,19) | 5,67 (0) | 22,69 (2,8) | 0,11 (0,9) |
| | Sim | 15,26 (5,98) | | 23,19 (4,63) | | 41,7 (6,37) | | 22,64 (3) | |
| Amizade com Afeminado | Não | 15,03 (6,14) | 0,04 (0,96) | 22,57 (5,37) | -0,9 (0,92) | 48,78 (10,97) | 3,36 (0) | 21,78 (3,77) | -1,71 (0,08) |
| | Sim | 14,98 (5,95) | | 22,67 (4,84) | | 43,66 (7,08) | | 22,77 (2,76) | |
| Sexo com Afeminado | Não | 14,76 (6,11) | -0,54 (0,58) | 22,51 (5,18) | -0,42 (0,67) | 56,92 (8,51) | 5,21 (0) | 22,44 (3,02) | -1,1 (0,27) |
| | Sim | 15,17 (5,85) | | 22,78 (4,66) | | 42,07 (6,31) | | 22,85 (2,8) | |
| Rejeição ao Afeminado | Não | 15,13 (5,96) | 1,3 (0,2) | 22,9 (4,81) | 2,57 (0,01) | 43,52 (7,2) | -4,24 (0) | 22,67 (2,91) | 0,19 (0,84) |
| | Sim | 13,35 (5,85) | | 19,85 (5,11) | | 52,5 (9,2) | | 22,55 (2,87) | |

Sobre o gay afeminado, os grupos de gays que não namoram, não têm amizade, não fazem sexo e os que rejeitam tal categoria possuem o nível de homofobia internalizada maior. Também os que não rejeitam o gay afeminado têm o nível de autodefinição maior que os que rejeitam.

A característica “afeminado” apareceu nas evocações das representações acerca da identidade gay para as categorias de “maricona”, “pão com ovo” e “drag queen”. Estas categorias de gays apresentaram nesta sessão as mesmas relevâncias no que se diz da internalização da homofobia. Esta evidencia confirma a implicação da homofobia, ainda que internalizada, nos relacionamentos entre gays por conta dos valores negativos que o feminino possui numa cultura homofóbica e machista.

Relacionamento com “Discreto”

Tabela 25 Comparação da média (e desvio padrão) de pertença, autodefinição, percepção interna e percepção externa em função de variáveis de relacionamentos com “discreto” (T-students)

| Categoria | Grupos | Pertença | | Autodefinição | | Percepção interna | | Percepção externa | |
|----------------------|--------|-------------------------------|------------------------------|-----------------|----------------|-------------------------------|-------------------------------|-------------------|-----------------|
| | | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) | M (DP) | t (p) |
| Namoro com Discreto | Não | 16,01 (6,09) | 2,02 (0,04) | 23,28 (4,95) | 1,51 (0,13) | 42,91 (6,99) | -2,12 (0,03) | 22,95 (2,93) | 1,17 (0,24) |
| | Sim | 14,42 (5,83) | | 22,31 (4,84) | | 44,96 (8,06) | | 22,5 (2,88) | |
| Amizade com Discreto | Não | 15,64 (5,53) | 0,92 (0,35) | 22,9 (4,64) | 0,4 (0,68) | 44,37 (9,13) | 0,14 (0,88) | 22,6 (2,91) | -0,16 (0,86) |
| | Sim | 14,82 (6,07) | | 22,6 (4,96) | | 44,19 (7,38) | | 22,68 (2,9) | |
| Sexo com Discreto | Não | 15,96 (6,22) | 1,63 (0,1) | 23,38 (5,2) | 1,47 (0,14) | 44,48 (7,81) | 0,32 (0,74) | 22,3 (2,99) | -1,26 (0,2) |
| | Sim | 14,58 (5,82) | | 22,35 (4,74) | | 44,12 (7,74) | | 22,82 (2,85) | |
| Rejeição ao Discreto | Não | 14,9 (5,92) | -0,71 (0,47) | 22,69 (4,89) | 0,36 (0,72) | 44,36 (7,84) | 1,09 (0,28) | 22,66 (2,91) | 0,004 (0,99) |
| | Sim | 15,95 (6,43) | | 22,28 (4,96) | | 42,71 (6,54) | | 22,66 (2,79) | |

O grupo que namora com o gay discreto possui o nível de pertença menor e o nível de homofobia internalizada maior que o grupo que não namora tal categoria. Esta constatação sugere que a internalização dos valores negativos da homossexualidade interfere na busca por relacionamentos por gays discretos.

3.7 Associação entre as Evocações acerca das Identidades Gays e perfil dos participantes

Nesta sessão é possível ver de que forma e quais as características dos participantes que influenciam nas representações. Para isso, apresenta-se os testes de associações – Quiquadrado (X^2) que foram realizados entre as variáveis do perfil dos participantes e as evocações. Foram utilizadas apenas as seguintes variáveis:

comportamento sexual, nível de masculinidade/feminilidade, nível de abertura da sexualidade e identificação com grupo gay. O critério utilizado para a escolha destas variáveis foi a relação que estas possuem com a homossexualidade.

Conforme os dados abaixo apresentados (Ver Tabela 26), não existe associação entre as evocações das identidades gays e as variáveis de comportamento sexual e nível de masculinidade/feminilidade. Ou seja, estas variáveis não estão relacionadas com as representações acerca das identidades gays.

Tabela 26 Análise associativa entre evocações e comportamento sexual e nível de masc./feminilidade (X²)

| masc./feminidade (X ²) | | | | | | | |
|------------------------------------|---------------|----------------------|------------|-----------|-------------------------------------|-------------|------------|
| Evocações | | Comportamento Sexual | | | Nível de Masculinidade/Feminilidade | | |
| | Passivo | Ativo | Flexível | Outro | Masculino | Neutro | Feminino |
| Gay | | | | | | | |
| Neutro | 20 (27%) | 19 (35,8%) | 33 (27,5%) | 3 (50%) | 35 (33%) | 21 (25,9%) | 19 (28,4%) |
| Positivo | 43 (58,1%) | 27 (50,9%) | 62 (51,7%) | 3 (50%) | 52 (49,1%) | 50 (61,7%) | 33 (49,3%) |
| Negativo | 11 (14,9%) | 7 (13,2%) | 25 (20,8%) | 0 (0%) | 19 (17,9%) | 10 (12,3%) | 15 (22,4%) |
| X (p) | 5,03 (0,53) | | | | | 4,64 (0,32) | |
| Pão com Ovo | | | | | | | |
| Neutro | 12 (16,2%) | 13 (24,5%) | 29 (24,2%) | 2 (33,3%) | 25 (23,6%) | 22 (27,2%) | 9 (13,4%) |
| Positivo | 6 (8,1%) | 8 (15,1%) | 11 (9,2%) | 0 (0%) | 11 (10,4%) | 7 (8,6%) | 7 (10,4%) |
| Negativo | 56 (75,7%) | 32 (60,4%) | 80 (66,7%) | 4 (66,7%) | 70 (66%) | 52 (64,2%) | 51 (76,1%) |
| X (p) | 5,34 (0,5) | | | | | 4,38 (0,35) | |
| Barbie | | | | | | | |
| Neutro | 29 (39,2%) | 23 (43,4%) | 51 (42,5%) | 3 (50%) | 45 (42,5%) | 31 (38,3%) | 30 (44,8%) |
| Positivo | 18 (24,3%) | 17 (32,1%) | 27 (22,5%) | 1 (16,7%) | 29 (27,4%) | 21 (25,9%) | 14 (20,9%) |
| Negativo | 27 (36,5%) | 13 (24,5%) | 42 (35%) | 2 (33,3%) | 32 (30,2%) | 29 (35,8%) | 23 34,3(%) |
| X (p) | 3,36 (0,76) | | | | | 1,58 (0,81) | |
| Maricona | | | | | | | |
| Neutro | 37 (50%) | 25 (47,2%) | 59 (49,2%) | 4 (66,7%) | 50 (47,2%) | 44 (54,3%) | 31 (46,3%) |
| Positivo | 6 (8,1%) | 5 (9,4%) | 4 (3,3%) | 0 (0%) | 5 (4,7%) | 6 (7,4%) | 4 (6%) |
| Negativo | 31 (41,9%) | 23 (43,4%) | 57 (47,2%) | 33,3(%) | 51 (48,1%) | 31 (38,3%) | 32 (47,8%) |
| X (p) | 4,36 (0,62) | | | | | 2,36 (0,67) | |
| Drag Queen | | | | | | | |
| Neutro | 41 (55,4%) | 31 (58,5%) | 70 (58,3%) | 3 (50%) | 61 (57,5%) | 51 (63%) | 34 (50,7%) |
| Positivo | 30 (40,5%) | 21 (39,6%) | 44 (36,7%) | 3 (50%) | 40 (37,7%) | 28 (34,6%) | 30 (44,8%) |
| Negativo | 3 (4,1%) | 1 (1,9%) | 6 (5%) | 0 (0%) | 5 (4,7%) | 2 (2,5%) | 3 (4,5%) |
| X (p) | 1,68 (0,94) | | | | | 2,63 (0,62) | |
| Urso | | | | | | | |
| Neutro | 58 (78,4%) | 47 (88,7%) | 79 (65,8%) | 5 (83,3%) | 81 (76,4%) | 56 (69,1%) | 52 (77,6%) |
| Positivo | 10 (13,5%) | 4 (7,5%) | 30 (25%) | 1 (16,7%) | 19 (17,9%) | 15 (18,5%) | 11 (16,4%) |
| Negativo | 6 (8,1%) | 2 (3,8%) | 11 (9,2%) | 0 (0%) | 6 (5,7%) | 10 (12,3%) | 4 (6%) |
| X (p) | 12,15 (0,059) | | | | | 3,57 (0,46) | |
| Hipster | | | | | | | |
| Neutro | 68 (91,9%) | 46 (86,8%) | 98 (81,7%) | 5 (83,3%) | 92 (86,8%) | 68 (84%) | 58 (86,6%) |
| Positivo | 3 (4,1%) | 4 (7,5%) | 7 (5,8%) | 0 (0%) | 3 (2,8%) | 7 (8,6%) | 4 (6%) |
| Negativo | 3 (4,1%) | 3 (5,7%) | 15 (12,5%) | 1 (16,7%) | 11 (10,4%) | 6 (7,4%) | 5 (7,5%) |
| X (p) | 6,43 (0,37) | | | | | 3,51 (0,47) | |
| Fino | | | | | | | |
| Neutro | 38 (51,4%) | 34 (64,2%) | 67 (55,8%) | 4 (66,7%) | 54 (50,9%) | 54 (66,7%) | 36 (53,7%) |
| Positivo | 13 (17,6%) | 8 (15,1%) | 19 (15,8%) | 1 (16,7%) | 20 (18,9%) | 8 (9,9%) | 13 (19,4%) |
| Negativo | 23 (31,1%) | 11 (20,8%) | 34 (28,3%) | 1 (16,7%) | 32 (30,2%) | 19 (23,5%) | 18 (26,9%) |
| X (p) | 2,66 (0,84) | | | | | 5,81 (0,21) | |

Conforme a Tabela 27, existe associação entre o nível de abertura e a qualidade das evocações acerca da identidades gay e as identidades “hipster” e “fino”. Enquanto para a variável “identificação com grupo gay”, houve associação apenas para o relacionamento com a identidade “fino”, o que sugere a relação entre estas variáveis. Sendo que aqueles que possuem maior nível de abertura têm mais representação positiva da identidade gay e aqueles que possuem menor nível de abertura têm mais representação negativa. Quanto a categoria hipster, não houve discrepância dos dados, apenas sugere-se a associação entre as duas variáveis. Já quanto a categoria fino, aqueles que têm menor abertura da sexualidade têm mais representação positiva a negativa, enquanto que os de abertura parcial e maior abertura possuem mais representação negativa a positiva.

Tabela 27 Análise associativa entre evocações e nível de abertura da sexualidade e identificação com grupo gay (X²)

| Evocações | Nível de abertura da sexualidade | | | Identificação com grupo gay | |
|--------------------|----------------------------------|------------------|----------------|-----------------------------|------------------------|
| | Pouca abertura | Abertura Parcial | Muita Abertura | Quem se identifica | Quem não se identifica |
| Gay | | | | | |
| Neutro | 9 (33,3%) | 20 (31,2%) | 46 (28,2%) | 46 (28,6%) | 29 (31,2%) |
| Positivo | 8 (29,6%) | 35 (54,7%) | 92 (56,4%) | 86 (53,4%) | 49 (52,7%) |
| Negativo | 10 (37%) | 9 (14,1%) | 25 (15,3%) | 29 (18%) | 15 (16,1%) |
| X (p) | | 10,28 (0,03) | | 0,26 (0,87) | |
| Pão com ovo | | | | | |
| Neutro | 2 (7,4%) | 12 (18,8%) | 42 (25,8%) | 35 (21,7%) | 21 (22,6%) |
| Positivo | 2 (7,4%) | 6 (9,4%) | 17 (10,4%) | 16 (9,9%) | 9 (9,7%) |
| Negativo | 23 (85,2%) | 46 (71,9%) | 104 (63,8%) | 110 (68,3%) | 63 (67,7%) |
| X (p) | | 5,93 (0,2) | | 0,02 (0,98) | |
| Barbie | | | | | |
| Neutro | 12 (44,4%) | 29 (45,3%) | 65 (39,9%) | 65 (40,4%) | 41 (44,1%) |
| Positivo | 7 (25,9%) | 17 (26,6%) | 40 (24,5%) | 45 (28%) | 19 (20,4%) |
| Negativo | 8 (29,6%) | 18 (28,1%) | 58 (35,6%) | 51 (31,7%) | 33 (35,5%) |
| X (p) | | 1,34 (0,85) | | 1,77 (0,41) | |
| Mariconas | | | | | |
| Neutro | 15 (55,6%) | 31 (48,4%) | 79 (48,5%) | 83 (51,6%) | 42 (45,2%) |
| Positivo | 0 (0%) | 5 (7,8%) | 10 (6,1%) | 12 (7,5%) | 3 (3,2%) |
| Negativo | 12 (44,4%) | 28 (43,8%) | 74 (45,4%) | 66 (41%) | 48 (51,6%) |
| X (p) | | 2,27 (0,68) | | 3,75 (0,15) | |
| Drag Queen | | | | | |
| Neutro | 18 (66,7%) | 36 (56,2%) | 92 (56,4%) | 94 (58,4%) | 52 (55,9%) |
| Positivo | 7 (25,9%) | 25 (39,1%) | 66 (40,5%) | 60 (37,3%) | 38 (40,9%) |
| Negativo | 2 (7,4%) | 3 (4,7%) | 5 (3,1%) | 7 (4,3%) | 3 (3,2%) |
| X (p) | | 2,95 (0,56) | | 0,44 (0,79) | |
| Urso | | | | | |
| Neutro | 22 (81,5%) | 52 (81,2%) | 115 (70,6%) | 120 (74,5%) | 69 (74,2%) |
| Positivo | 3 (11,1%) | 11 (17,2%) | 31 (19%) | 25 (15,5%) | 20 (21,5%) |
| Negativo | 2 (7,4%) | 1 (1,6%) | 17 (10,4%) | 16 (9,9%) | 4 (4,3%) |
| X (p) | | 6,33 (0,17) | | 3,56 (0,16) | |
| Hipster | | | | | |
| Neutro | 20 (74,1%) | 48 (75%) | 150 (92%) | 136 (84,5%) | 82 (88,2%) |
| Positivo | 3 (11,1%) | 7 (10,9%) | 4 (2,5%) | 8 (5%) | 6 (6,5%) |
| Negativo | 4 (14,8%) | 9 (14,1%) | 9 (5,5%) | 17 (10,6%) | 5 (5,4%) |
| X (p) | | 14,94 (0) | | 2,15 (0,34) | |
| Fino | | | | | |
| Neutro | 10 (37%) | 43 (67,2%) | 91 (55,8%) | 92 (57,1%) | 52 (55,9%) |
| Positivo | 9 (33,3%) | 9 (14,1%) | 23 (14,1%) | 19 (11,8%) | 22 (23,7%) |
| Negativo | 8 (29,6%) | 12 (18,8%) | 49 (30,1%) | 50 (31,1%) | 19 (20,4%) |
| X (p) | | 10,86 (0,02) | | 7,59 (0,02) | |

3.8 Associação entre os Relacionamentos com as identidades gays e perfil dos participantes

Nesta sessão, apresenta-se os dados do mesmo teste utilizado na sessão anterior - Qui quadrado (X^2) – com relação às características do perfil dos participantes. Também foram utilizadas as mesmas variáveis, sendo elas: nível de abertura, comportamento sexual, nível de masculinidade/feminilidade e identificação com grupos gays. Os dados serão apresentados em tabelas individuais para cada variável de identidade gay bem como de “afeminado” e “discreto”.²

Relacionamentos com “pão com ovo”

Tabela 28 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “pão com ovo” (X^2)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|-------------|-----------|-------------|------------|-------------|-----------|-------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 24(88,9%) | 3(11,1%) | 12(44,4%) | 15(55,6%) | 24(88,9%) | 3(11,1%) | 16(59,3%) | 11(40,7%) |
| Abertura Parcial | 53(82,8%) | 11(17,2%) | 18(28,1%) | 46(71,9%) | 47(73,4%) | 17(26,6%) | 48(75%) | 16(25%) |
| Muita Abertura | 113(69,3%) | 50(30,7%) | 29(17,8%) | 134(82,2%) | 96(58,9%) | 67(41,1%) | 140(85,9%) | 23(14,1%) |
| X (p) | 7,61 (0,02) | | 10,37 (0) | | 11,49 (0) | | 11,91 (0) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 59(79,7%) | 15(20,3%) | 18(24,3%) | 56(75,7%) | 57(77%) | 17(23%) | 56(75,7%) | 18(24,3%) |
| Ativo | 38(71,7%) | 15(28,3%) | 16(30,2%) | 37(69,8%) | 33(62,3%) | 20(37,7%) | 40(75,5%) | 13(24,5%) |
| Flexível | 88(73,3%) | 32(26,7%) | 23(19,2%) | 97(80,8%) | 73(60,8%) | 47(39,2%) | 104(86,7%) | 16(13,3%) |
| Outro | 5(83,3%) | 1(16,7%) | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 4(66,7%) | 2(33,3%) | 3(50%) | 3(50%) |
| X (p) | 1,59 (0,66) | | 2,93 (0,4) | | 5,76 (0,12) | | 8,31 (0,04) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 84(79,2%) | 22(20,8%) | 30(28,3%) | 76(71,7%) | 70(66%) | 36(34%) | 82(77,4%) | 24(22,6%) |
| Neutro | 57(70,4%) | 24(29,6%) | 18(22,2%) | 63(77,8%) | 54(66,7%) | 27(33,3%) | 66(81,5%) | 15(18,5%) |
| Feminino | 49(73,1%) | 18(26,9%) | 11(16,4%) | 56(83,6%) | 43(64,2%) | 24(35,8%) | 56(83,6%) | 11(16,4%) |
| X (p) | 2,05 (0,35) | | 3,31 (0,19) | | 0,1 (0,94) | | 1,1 (0,57) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 116(72%) | 45(28%) | 41(25,5%) | 120(74,5%) | 100(62,1%) | 61(37,9%) | 127(78,9%) | 34(21,1%) |
| Sim | 74(79,6%) | 19(20,4%) | 18(19,4%) | 75(80,6%) | 67(72%) | 26(28%) | 77(82,8%) | 16(17,2%) |
| X (p) | 1,76 (0,18) | | 1,23 (0,26) | | 2,58 (0,1) | | 0,57 (0,45) | |

² O critério para a utilização das variáveis “afeminado” e “discreto” foram os mesmos utilizados para a sessão 6.

Conforme a Tabela 28, existe associação entre as variáveis nível de abertura e namoro bem como amizade, sexo e rejeição com o gay “pão com ovo” e entre as variáveis comportamento sexual e rejeição também a esta identidade gay. Os números revelam que, ainda com a mínima preferência para se namorar com esta categoria, quanto maior a abertura da sexualidade maior as chances de se namorar, ter amizade e fazer sexo com esta categoria e menor as chances de rejeitá-la. Já quanto ao comportamento sexual, os gays com comportamento ativo rejeitam mais o “pão com ovo” que os passivos e os flexíveis.

Considerando a constatação anteriormente feita de que quanto maior o nível de abertura menos se internaliza a homofobia e mais se pertence e se autodefine enquanto gay; e também com esta constatação de quanto maior o nível de abertura mais se namora com o gay “pão com ovo” – que é o pobre, afeminado – pode-se dizer que existe a reprodução da homofobia nas práticas entre os gays no que se refere a esta identidade gay. Os dados desta pesquisa sugerem que esta reprodução se dá por conta da internalização dos valores negativos que influenciam na abertura da sexualidade e por conta da pouca pertença e reconhecimento enquanto gay, por tanto, quanto mais fora do “armário” e mais se reconhece enquanto gay menos se reproduz a prática homofóbica no estabelecimento de relacionamentos – namoro, amizade e rejeição – com esta categoria de gays.

Relacionamentos com “barbie”

Tabela 29 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “barbie” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 21(77,8%) | 6(22,2%) | 8(29,6%) | 19(70,4%) | 17(63%) | 10(37%) | 22(81,5%) | 5(18,5%) |
| Abertura Parcial | 48(75%) | 16(25%) | 22(34,4%) | 42(65,6%) | 23(35,9%) | 41(64,1%) | 55(85,9%) | 9(14,1%) |
| Muita Abertura | 109(66,9%) | 54(33,1%) | 56(34,4%) | 107(65,6%) | 72(44,2%) | 91(55,8%) | 133(81,6%) | 30(18,4%) |
| X (p) | 2,3(0,31) | | 0,24(0,88) | | 5,62(0,06) | | 0,63(0,72) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 54(73%) | 20(27%) | 27(36,5%) | 47(63,5%) | 33(44,6%) | 41(55,4%) | 61(82,4%) | 13(17,6%) |
| Ativo | 40(75,5%) | 13(24,5%) | 20(37,7%) | 33(62,3%) | 21(39,6%) | 32(60,4%) | 46(86,8%) | 7(13,2%) |
| Flexível | 79(65,8%) | 41(34,2%) | 36(30%) | 84(70%) | 56(46,7%) | 64(53,3%) | 98(81,7%) | 22(18,3%) |
| Outro | 5(83,3%) | 1(16,7%) | 3(50%) | 3(50%) | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 4(66,7%) | 2(33,3%) |
| X (p) | 2,56(0,46) | | 2,07(0,55) | | 1,03(0,79) | | 1,78(0,61) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 73(68,9%) | 33(31,1%) | 33(31,1%) | 73(68,9%) | 43(40,6%) | 63(59,4%) | 93(87,7%) | 13(12,3%) |
| Neutro | 59(72,8%) | 22(27,2%) | 29(35,8%) | 52(64,2%) | 44(54,3%) | 37(45,7%) | 60(74,1%) | 21(25,9%) |
| Feminino | 46(68,7%) | 21(31,3%) | 24(35,8%) | 43(64,2%) | 25(37,3%) | 42(62,7%) | 57(85,1%) | 10(14,9%) |
| X (p) | 0,43(0,8) | | 0,6(0,73) | | 5,22(0,07) | | 6,34(0,04) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 105(65,2%) | 56(34,8%) | 47(29,2%) | 114(70,8%) | 73(45,3%) | 88(54,7%) | 134(83,2%) | 27(16,8%) |
| Sim | 73(78,5%) | 20(21,5%) | 39(41,9%) | 54(58,1%) | 39(41,9%) | 54(58,1%) | 76(81,7%) | 17(18,3%) |
| X (p) | 4,95(0,02) | | 4,27(0,03) | | 0,27(0,59) | | 0,09(0,75) | |

Os dados apresentados na tabela acima (Ver Tabela 29) demonstram que há associação entre as variáveis nível de masculinidade e rejeição ao “Barbie” e identificação com grupos gays e namoro bem como amizade com esta categoria. Sendo que, quanto ao nível de masculinidade/feminilidade, quanto mais masculino menos se rejeita, porém o gay com nível neutro é o que mais rejeita, seguido do feminino. Por fim, o gay que não se identifica com grupos de gays – as identidades gays – são os que mais namoram e têm amizade com o gay “Barbie”.

As constatações acima apresentadas sugerem que os gays que possuem preferências por esta categoria são os masculinos e que não se identificam com as identidades gays. E considerando que aqueles que não se identificam com grupos gays

são os que possuem menor pertença e autodefinição da identidade gay, pode-se dizer que o relacionamento sexo com o gay “barbie” é influenciado pela maior pertença e autodefinição com a identidade gay, enquanto que os relacionamentos namoro e amizade com tal categoria é influenciado pela menor pertença a autodefinição com a identidade gay.

Relacionamentos com “maricona”

Tabela 30 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “maricona” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 22(81,5%) | 5(18,5%) | 9(33,3%) | 18(66,7%) | 21(77,8%) | 6(22,2%) | 20(74,1%) | 7(25,9%) |
| Abertura Parcial | 48(75%) | 16(25%) | 15(23,4%) | 49(76,6%) | 41(64,1%) | 23(35,9%) | 54(84,4%) | 10(15,6%) |
| Muita Abertura | 121(74,2%) | 42(25,8%) | 33(20,2%) | 130(79,8%) | 112(68,7%) | 51(31,3%) | 139(85,3) | 24(14,7%) |
| X (p) | 0,65(0,72) | | 2,32(0,31) | | 1,66(0,43) | | 2,16(0,33) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 57(77%) | 17(23%) | 19(25,7%) | 55(74,3%) | 51(68,9%) | 23(31,1%) | 60(81,1%) | 14(18,9%) |
| Ativo | 40(75,5%) | 13(24,5%) | 14(26,4%) | 39(73,6%) | 36(67,9%) | 17(32,1%) | 42(79,2%) | 11(20,8%) |
| Flexível | 90(75%) | 30(25%) | 24(20%) | 96(80%) | 85(70,8%) | 35(29,2%) | 105(87,5%) | 15(12,5%) |
| Outro | 3(50%) | 3(50%) | 0(0%) | 6(100%) | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 2,17(0,53) | | 3,06(0,38) | | 3,76(0,28) | | 2,42(0,48) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 82(77,4%) | 24(22,6%) | 24(22,6%) | 82(77,4%) | 76(71,7%) | 30(28,3%) | 88(83%) | 18(17%) |
| Neutro | 58(71,6%) | 23(28,4%) | 20(24,7%) | 61(75,3%) | 52(64,2%) | 29(35,8%) | 69(85,2%) | 12(14,8%) |
| Feminino | 51(76,1%) | 16(23,9%) | 13(19,4%) | 54(80,6%) | 46(68,7%) | 21(31,3%) | 56(83,6%) | 11(16,4%) |
| X (p) | 0,85(0,65) | | 0,59(0,74) | | 1,19(0,54) | | 0,16(0,92) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 117(72,7%) | 44(27,3%) | 38(23,6%) | 123(76,4%) | 109(67,7%) | 52(32,3%) | 129(80,1%) | 32(19,9%) |
| Sim | 74(79,6%) | 19(20,4%) | 19(20,4%) | 74(79,6%) | 65(69,9%) | 28(30,1%) | 84(90,3%) | 9(9,7%) |
| X (p) | 1,5(0,22) | | 0,34(0,55) | | 0,13(0,71) | | 4,52(0,03) | |

Existe associação apenas entre as variáveis identificação com grupos gays e a rejeição ao gay “maricona”, sendo que aquele que não se inclui em uma categoria de

gay rejeita mais esta identidade que aqueles que se incluem em determinada categoria gay.

Considerando que aqueles que se identificam com alguma categoria gay são os que possuem maior pertença e autodefinição da identidade gay, pode-se dizer que estes fatores influenciam na rejeição ao gay “maricona”. Sendo que aqueles se identificam com alguma identidade gay, por tanto, possui maior pertença e autodefinição, rejeitam menos esta categoria.

Relacionamento com “drag queen”

Tabela 31 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “drag queen” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|-------------|-----------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 23(85,2%) | 4(14,8%) | 8(29,6%) | 19(70,4%) | 24(88,9%) | 3(11,1%) | 19(70,4%) | 8(29,6%) |
| Abertura Parcial | 50(78,1%) | 14(21,9%) | 6(9,4%) | 58(90,6%) | 46(71,9%) | 18(28,1%) | 57(89,1%) | 7(10,9%) |
| Muita Abertura | 106(65%) | 57(35%) | 12(7,4%) | 151(92,6%) | 108(66,3%) | 55(33,7%) | 149(91,4%) | 14(8,6%) |
| X (p) | 6,92(0,03) | | 12,56(0) | | 5,78(0,055) | | 10,15(0) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 57(77%) | 17(23%) | 3(4,1%) | 71(95,9%) | 54(73%) | 20(27%) | 70(94,6%) | 4(5,4%) |
| Ativo | 33(62,3%) | 20(37,7%) | 6(11,3%) | 47(88,7%) | 35(66%) | 18(34%) | 45(84,9%) | 8(15,1%) |
| Flexível | 85(70,8%) | 35(29,2%) | 17(14,2%) | 103(85,8%) | 84(70%) | 36(30%) | 104(86,7%) | 16(13,3%) |
| Outro | 3(50%) | 3(50%) | 0(0%) | 6(100%) | 4(66,7%) | 2(33,3%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 4,44(0,21) | | 5,82(0,12) | | 0,73(0,86) | | 3,93(0,26) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 77(72,6%) | 29(27,4%) | 15(14,2%) | 91(85,8%) | 74(69,8%) | 32(30,2%) | 91(85,8%) | 15(14,2%) |
| Neutro | 52(64,2%) | 29(35,8%) | 8(9,9%) | 73(90,1%) | 59(72,8%) | 22(27,2%) | 72(88,9%) | 9(11,1%) |
| Feminino | 50(74,6%) | 17(25,4%) | 3(4,5%) | 64(95,5%) | 45(67,2%) | 22(32,8%) | 62(92,5%) | 5(7,5%) |
| X (p) | 2,32(0,31) | | 4,19(0,12) | | 0,56(0,75) | | 1,82(0,4) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 106(65,8%) | 55(34,2%) | 19(11,8%) | 142(88,2%) | 106(65,8%) | 55(34,2%) | 140(87%) | 21(13%) |
| Sim | 73(78,5%) | 20(21,5%) | 7(7,5%) | 86(92,5%) | 72(77,4%) | 21(22,6%) | 85(91,4%) | 8(8,6%) |
| X (p) | 4,53(0,03) | | 1,17(0,27) | | 3,77(0,052) | | 1,15(0,28) | |

Existe associação entre as variáveis nível de abertura namoro, bem como amizade e rejeição ao gay “drag queen” e identificação com grupos de gays e namoro

com “drag queen”. Sendo que, quanto maior o nível de abertura mais se estabelece relacionamentos de namoro e amizade e menos se rejeita o drag queen. Já quanto a identificação com grupos gays, aqueles que não se identificam namoram mais que os que se identificam com alguma categoria gay.

Considerando que aqueles que tem menos abertura é quem mais internaliza e menos percebe a homofobia bem como tem menos pertencimento e reconhecimento da identidade gay, sugere-se que essa menor preferência e maior rejeição ao gay drag queen pode estar relacionada a estes fatores. Da mesma forma que o menor pertencimento e reconhecimento da identidade gay pode estar relacionado a maior procura pelo namoro com drag queens.

Relacionamento com “urso”

Tabela 32 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “urso” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|------------|------------|------------|--------------|-----------|-------------|----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 7(25,9%) | 20(74,1%) | 11(40,7%) | 16(59,3%) | 14(51,9%) | 13(48,1%) | 25(92,6%) | 2(7,4%) |
| Abertura Parcial | 22(34,4%) | 42(65,6%) | 16(25%) | 48(75%) | 21(32,8%) | 43(67,2%) | 62(96,9%) | 2(3,1%) |
| Muita Abertura | 58(35,6%) | 105(64,4%) | 31(19%) | 132(81%) | 68(41,7%) | 95(58,3%) | 156(95,7%) | 7(4,3%) |
| X (p) | 0,96(0,61) | | 6,43(0,04) | | 3,11(0,21) | | 0,84(0,65) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 22(29,7%) | 52(70,3%) | 16(21,6%) | 58(78,4%) | 20(27%) | 54(73%) | 73(98,6%) | 1(1,4%) |
| Ativo | 25(47,2%) | 28(52,8%) | 15(28,3%) | 38(71,7%) | 30(56,6%) | 23(43,4%) | 48(90,6%) | 5(9,4%) |
| Flexível | 38(31,7%) | 82(68,3%) | 27(22,5%) | 93(77,5%) | 50(41,7%) | 70(58,3%) | 116(96,7%) | 4(3,3%) |
| Outro | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 0(0%) | 6(100%) | 3(50%) | 3(50%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 4,94(0,17) | | 2,73(0,43) | | 11,54(0,009) | | 7,38(0,06) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 36(34%) | 70(66%) | 25(23,6%) | 81(76,4%) | 45(42,5%) | 61(57,5%) | 101(95,3%) | 5(4,7%) |
| Neutro | 27(33,3%) | 54(66,7%) | 20(24,7%) | 61(75,3%) | 33(40,7%) | 48(59,3%) | 78(96,3%) | 3(3,7%) |
| Feminino | 24(35,8%) | 43(64,2%) | 13(19,4%) | 54(80,6%) | 25(37,3%) | 42(62,7%) | 64(95,5%) | 3(4,5%) |
| X (p) | 0,1(0,94) | | 0,64(0,72) | | 0,45(0,79) | | 0,11(0,94) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 59(36,6%) | 102(63,4%) | 32(19,9%) | 129(80,1%) | 70(43,5%) | 91(56,5%) | 151(93,8%) | 10(6,2%) |
| Sim | 28(30,1%) | 65(69,9%) | 26(28%) | 67(72%) | 33(35,5%) | 60(64,5%) | 92(98,9%) | 1(1,1%) |
| X (p) | 1,11(0,29) | | 2,18(0,13) | | 1,56(0,21) | | 3,75(0,053) | |

Existe associação entre as variáveis nível de abertura e amizade com “urso”, sendo que quanto maior o nível de abertura mais se estabelece amizade com tal identidade. Também existe associação entre as variáveis comportamento sexual e sexo com “urso”, sendo que os passivos fazem mais sexo com urso, seguidos dos flexíveis, dos que possuem outros comportamentos sexuais e, por fim, dos ativos.

Considerando que quanto maior o nível de abertura mais se internaliza os valores negativos da homossexualidade – homofobia internalizada – sugere-se que não estabelecer amizade com “urso” está relacionado com a internalização da homofobia.

Relacionamento com “hipster”

Tabela 33 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “hipster” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|------------|------------|------------|------------|-----------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 11(40,7%) | 16(59,3%) | 7(25,9%) | 20(74,1%) | 18(66,7%) | 9(33,3%) | 23(85,2%) | 4(14,8%) |
| Abertura Parcial | 32(50%) | 32(50%) | 13(20,3%) | 51(79,7%) | 28(43,8%) | 36(56,2%) | 54(84,4%) | 10(15,6%) |
| Muita Abertura | 59(36,2%) | 104(63,8%) | 41(25,2%) | 122(74,8%) | 67(41,1%) | 96(58,9%) | 137(84%) | 26(16%) |
| X (p) | 3,64(0,16) | | 0,65(0,72) | | 6,14(0,04) | | 0,02(0,98) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 26(35,1%) | 48(64,9%) | 23(31,1%) | 51(68,9%) | 34(45,9%) | 40(54,1%) | 60(81,1%) | 14(18,9%) |
| Ativo | 23(43,4%) | 30(56,6%) | 11(20,8%) | 42(79,2%) | 26(49,1%) | 27(50,9%) | 43(81,1%) | 10(18,9%) |
| Flexível | 49(40,8%) | 71(59,2%) | 26(21,7%) | 94(78,3%) | 52(43,3%) | 68(56,7%) | 105(87,5%) | 15(12,5%) |
| Outro | 3(50%) | 3(50%) | 1(16,7%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) | 5(83,3%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 1,26(0,73) | | 2,86(0,41) | | 2,45(0,48) | | 1,9(0,59) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 43(40,6%) | 63(59,4%) | 25(23,6%) | 81(76,4%) | 49(46,2%) | 57(53,8%) | 90(84,9%) | 16(15,1%) |
| Neutro | 34(42%) | 47(58%) | 21(25,9%) | 60(74,1%) | 38(46,9%) | 43(53,1%) | 66(81,5%) | 15(18,5%) |
| Feminino | 25(37,3%) | 42(62,7%) | 15(22,4%) | 52(77,6%) | 26(38,8%) | 41(61,2%) | 58(86,6%) | 9(13,4%) |
| X (p) | 0,34(0,84) | | 0,27(0,87) | | 1,19(0,54) | | 0,77(0,67) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 62(38,5%) | 99(61,5%) | 41(25,5%) | 120(74,5%) | 69(42,9%) | 92(57,1%) | 136(84,5%) | 25(15,5%) |
| Sim | 40(43%) | 53(57%) | 20(21,5%) | 73(78,5%) | 44(47,3%) | 49(52,7%) | 78(83,9%) | 15(16,1%) |
| X (p) | 0,49(0,48) | | 0,5(0,47) | | 0,47(0,49) | | 0,01(0,89) | |

Existe associação entre as variáveis nível de abertura e relacionamento “sexo” com a identidade hipster, sendo que quanto maior o nível de abertura mais se estabelece tal relacionamento com esta identidade. Não existe associação entre os relacionamentos com a identidade hipster e as variáveis comportamento sexual, nível de masculinidade/feminilidade e identificação com grupos de gays.

Relacionamento com “fino”

Tabela 34 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “fino” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 16(59,3%) | 11(40,7%) | 6(22,2%) | 21(77,8%) | 16(59,3%) | 11(40,7%) | 23(85,2%) | 4(14,8%) |
| Abertura Parcial | 39(60,9%) | 25(39,1%) | 13(20,3%) | 51(79,7%) | 36(56,2%) | 28(43,8%) | 57(89,1%) | 7(10,9%) |
| Muita Abertura | 94(57,7%) | 69(42,3%) | 45(27,6%) | 118(72,4%) | 84(51,5%) | 79(48,5%) | 131(80,4%) | 32(19,6%) |
| X (p) | 0,2(0,90) | | 0,43(0,48) | | 0,8(0,66) | | 2,56(0,27) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 44(59,5%) | 30(40,5%) | 20(27%) | 54(73%) | 39(52,7%) | 35(47,3%) | 59(79,7%) | 15(20,3%) |
| Ativo | 36(67,9%) | 17(32,1%) | 12(22,6%) | 41(77,4%) | 32(60,4%) | 21(39,6%) | 43(81,1%) | 10(18,9%) |
| Flexível | 66(55%) | 54(45%) | 31(25,8%) | 89(74,2%) | 61(50,8%) | 59(49,2%) | 104(86,7%) | 16(13,3%) |
| Outro | 3(50%) | 3(50%) | 1(16,7%) | 5(83,3%) | 4(66,7%) | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 2(33,3%) |
| X (p) | 2,74(0,43) | | 0,57(0,9) | | 1,78(0,61) | | 2,97(0,39) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 60(56,6%) | 46(43,4%) | 28(26,4%) | 78(73,6%) | 55(51,9%) | 51(48,1%) | 88(83%) | 18(17%) |
| Neut | 46(56,8%) | 35(43,2%) | 22(27,2%) | 59(72,8%) | 44(54,3%) | 37(45,7%) | 66(81,5%) | 15(18,5%) |
| Feminino | 43(64,2%) | 24(35,8%) | 14(20,9%) | 53(79,1%) | 37(55,2%) | 30(44,8%) | 57(85,1%) | 10(14,9%) |
| X (p) | 1,14(0,56) | | 0,9(0,63) | | 0,21(0,89) | | 0,33(0,84) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 91(56,5%) | 70(43,5%) | 42(26,1%) | 119(73,9%) | 78(48,4%) | 83(51,6%) | 132(82%) | 29(18%) |
| Sim | 58(62,4%) | 35(37,6%) | 22(23,7%) | 71(76,3%) | 58(62,4%) | 35(37,6%) | 79(84,9%) | 14(15,1%) |
| X (p) | 0,83(0,36) | | 0,18(0,66) | | 4,59(0,03) | | 0,36(0,54) | |

Existe associação apenas entre as variáveis identificação com grupos de gays e sexo com a identidade “fino”, sendo que aqueles que não se identificam com grupos gays fazem mais sexo com “fino” que os que se identificam. Estes que não se identificam com grupos de gays são os que têm menor pertença e reconhecimento

enquanto gay, então, sugere-se que sua preferência pelo sexo com a categoria fino – gay de melhor condição econômica – se dá em virtude destes fatores. Isto confirma a preferência pelo gay padronizado que têm dentre suas características o melhor poder econômico.

Relacionamento com “afeminado”

Tabela 35 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “afeminado” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|-----------|-------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 19(70,4%) | 8(29,6%) | 5(18,5%) | 22(81,5%) | 21(77,8%) | 6(22,2%) | 22(81,5%) | 5(18,5%) |
| Abertura Parcial | 32(50%) | 32(50%) | 8(12,5%) | 56(87,5%) | 25(39,1%) | 39(60,9%) | 58(90,6%) | 6(9,4%) |
| Muita Abertura | 72(44,2%) | 91(55,8%) | 15(9,2%) | 148(90,8%) | 67(41,1%) | 96(58,9%) | 154(94,5%) | 9(5,5%) |
| X (p) | 6,45(0,04) | | 2,24(0,32) | | 13,63(0) | | 5,66(0,059) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 38(51,4%) | 36(48,6%) | 8(10,8%) | 66(89,2%) | 36(48,6%) | 38(51,4%) | 67(90,5%) | 7(9,5%) |
| Ativo | 24(45,3%) | 29(54,7%) | 4(7,5%) | 49(92,5%) | 23(43,4%) | 30(56,6%) | 50(94,3%) | 3(5,7%) |
| Flexível | 58(48,3%) | 62(51,7%) | 16(13,3%) | 104(86,7%) | 52(43,3%) | 68(56,7%) | 111(92,5%) | 9(7,5%) |
| Outro | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 0(0%) | 6(100%) | 1(16,7%) | 5(83,3%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 1(0,8) | | 2,04(0,56) | | 2,48(0,47) | | 1,27(0,73) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 65(61,3%) | 41(38,7%) | 13(12,3%) | 93(87,7%) | 52(49,1%) | 54(50,9%) | 93(87,7%) | 13(12,3%) |
| Neutro | 29(35,8%) | 52(64,2%) | 9(11,1%) | 72(88,9%) | 32(39,5%) | 49(60,5%) | 78(96,3%) | 3(3,7%) |
| Feminino | 29(43,3%) | 38(56,7%) | 6(9%) | 61(91%) | 29(43,3%) | 38(56,7%) | 63(94%) | 4(6%) |
| X (p) | 12,93(0) | | 0,45(0,79) | | 1,74(0,41) | | 5,09(0,07) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 73(45,3%) | 88(54,7%) | 21(13%) | 140(%) | 72(44,7%) | 89(55,3%) | 146(90,7%) | 15(9,3%) |
| Sim | 50(53,8%) | 43(46,2%) | 7(7,5%) | 86(92,5%) | 41(44,1%) | 52(55,9%) | 88(94,6%) | 5(5,4%) |
| X (p) | 1,67(0,19) | | 1,82(0,17) | | 0,01(0,92) | | 1,26(0,26) | |

Existe associação entre as variáveis nível de abertura e namoro bem como sexo com “afeminado”; e entre as variáveis nível de masculinidade/feminilidade e namoro com “afeminado”. Sendo que, quanto ao namoro, quanto maior o nível de abertura mais se namora com tal identidade, enquanto que aqueles com abertura parcial fazem mais sexo com afeminados, seguidos dos com muita abertura e, por fim, dos com pouca

abertura da sexualidade. Quanto os gays com nível neutro de masculinidade/feminilidade namoram mais o gay afeminado, seguidos dos gays femininos e, por fim, dos mais masculinos.

Os primeiros dados apresentados confirmam a influência da homofobia internalizada e do reconhecimento e pertencimento à identidade gay nos relacionamentos namoro e sexo com gays afeminados – como o relacionamento com a categoria “pão com ovo” – sendo que os gays com menor abertura da sexualidade possuem menor pertencimento e reconhecimento da identidade gay e maior nível de homofobia internalizada e menor percepção da homofobia externa. Isto sugere a confirmação, mais uma vez, do quanto estes fatores influenciam nos níveis de abertura que, conseqüentemente, reproduzirá a homofobia através das práticas nos relacionamentos com as categorias apresentadas neste trabalho que possuem a característica “afeminado”.

Relacionamento com “discreto”

Tabela 36 Análise associativa entre variáveis do perfil e relacionamentos com “discreto” (X²)

| Variável | Namoro | | Amizade | | Sexo | | Rejeição | |
|------------------------|------------|-----------|------------|------------|------------|------------|------------|-----------|
| | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim | Não | Sim |
| Nível de Abertura | | | | | | | | |
| Pouca Abertura | 6(22,2%) | 21(77,8%) | 6(22,2%) | 21(77,8%) | 12(44,4%) | 15(55,6%) | 27(100%) | 0(0%) |
| Abertura Parcial | 20(31,2%) | 44(68,8%) | 13(20,3%) | 51(79,7%) | 16(25%) | 48(75%) | 60(93,8%) | 4(6,2%) |
| Muita Abertura | 65(39,9%) | 98(60,1%) | 32(19,6%) | 131(80,4%) | 47(28,8%) | 116(71,2%) | 146(89,6%) | 17(10,4%) |
| X (p) | 3,92(0,14) | | 0,1(0,95) | | 3,55(0,16) | | 3,78(0,15) | |
| Posição Sexual | | | | | | | | |
| Passivo | 28(37,8%) | 46(62,2%) | 15(20,3%) | 59(79,7%) | 16(21,6%) | 58(78,4%) | 69(93,2%) | 5(6,8%) |
| Ativo | 17(32,1%) | 36(67,9%) | 10(18,9%) | 43(81,1%) | 17(32,1%) | 36(67,9%) | 48(90,6%) | 5(9,4%) |
| Flexível | 45(37,5%) | 75(62,5%) | 26(21,7%) | 94(78,3%) | 40(33,3%) | 80(66,7%) | 110(91,7%) | 10(8,3%) |
| Outro | 1(16,7%) | 5(83,3%) | 0(0%) | 6(100%) | 2(33,3%) | 4(66,7%) | 5(83,3%) | 1(16,7%) |
| X (p) | 1,55(0,67) | | 1,74(0,62) | | 3,25(0,35) | | 0,87(0,83) | |
| Nível de Masculinidade | | | | | | | | |
| Masculino | 33(31,1%) | 73(68,9%) | 20(18,9%) | 86(81,1%) | 28(26,4%) | 78(73,6%) | 98(92,5%) | 8(7,5%) |
| Neutro | 31(38,3%) | 50(61,7%) | 21(25,9%) | 60(74,1%) | 28(34,6%) | 53(65,4%) | 72(88,9%) | 9(11,1%) |
| Feminino | 27(40,3%) | 40(59,7%) | 10(14,9%) | 57(85,1%) | 19(28,4%) | 48(71,6%) | 63(94%) | 4(6%) |
| X (p) | 1,8(0,4) | | 2,93(0,23) | | 1,52(0,46) | | 1,4(0,49) | |
| Identificação | | | | | | | | |
| Não | 60(37,3%) | 101(%) | 34(21,1%) | 127(78,9%) | 54(33,5%) | 107(66,5%) | 143(88,8%) | 18(11,2%) |
| Sim | 31(33,3%) | 62(7%) | 17(18,3%) | 76(81,7%) | 21(22,6%) | 72(77,4%) | 90(96,8%) | 3(3,2%) |
| X (p) | 0,39(0,52) | | 0,29(0,58) | | 3,4(0,06) | | 4,91(0,02) | |

Existe associação entre as variáveis identificação com grupos de gays e a rejeição ao discreto. Sendo que aqueles que não se identificam com alguma identidade gay rejeitam mais o discreto que aqueles que se identificam.

No geral, as duas últimas sessões demonstraram que não existem critérios rígidos para a reprodução da homofobia nas representações acerca das identidades gays, ou seja, não existem diferenças na homossexualidade dos participantes que possam influenciar nos discursos sobre as identidades gays. Apenas as representações das identidades “gay”, “hipster” e “fino” tiveram associação com as variáveis nível de abertura da sexualidade e identificação com grupos gays. No entanto, quanto as práticas de relacionamento entre gays é expressivamente claro que esta reprodução ocorre, principalmente, por conta da característica a qual durante todo este capítulo,

principalmente na última sessão (Ver Relacionamento com “pão com ovo”, “drag queen” e “maricona”), apontou-se como uma das qualidades mais negativas – o feminino. Nota-se, por tanto, o quanto é significativo a questão de gênero nas relações sociais entre gays.

3.9 Correlação entre as características da homossexualidade e os fatores das Escalas de Identidade e Homofobia internalizada

Foi realizado o teste de Correlação de Pearson, o qual analisa a correlação entre as variáveis. Para esta sessão, foram selecionadas os fatores das escalas utilizadas nesta pesquisa – Escala de Identidade “Need for Identification” e Escala de Homofobia Internalizada – e as variáveis “nível de masculinidade/feminilidade”, “identificação com grupos gays” e “nível de abertura da sexualidade”³.

Quadro 3 Análise correlacional entre percepção interna, percepção externa, pertença, autodefinição, nível de masc./feminilidade, nível de abertura da sexualidade e identificação com grupo gay (R de Pearson e sig.)

| | Percepção Interna | Percepção Externa | Pertença | Autodefinição | Nível De Masc./Fem. | Nível De Abertura | Identificação |
|---------------------|--------------------------|--------------------------|-------------------------|-------------------------|---------------------|-------------------|---------------|
| Percepção Interna | | | | | | | |
| Percepção Externa | 0,193 (0,002) | | | | | | |
| Pertença | -0,205 (0,001) | 0,013 (0,836) | | | | | |
| Autodefinição | -0,303 (0) | -0,12 (0,845) | 0,667 (0) | | | | |
| Nível De Masc./Fem. | -0,018 (0,773) | 0,069 (0,274) | 0,074 (0,24) | 0,102 (0,104) | | | |
| Nível De Abertura | -0,544 (0) | -0,216 (0,001) | 0,228 (0) | 0,225 (0) | 0,021 (0,744) | | |
| Identificação | 0,033 (0,599) | 0,022 (0,729) | 0,182 (0,004) | 0,158 (0,012) | 0,073 (0,244) | -0,009 (0,884) | |

³ A variável comportamento sexual não foi incluída nesta sessão por não se tratar de uma variável categorizada em níveis.

O Quadro 2 deixa visível que não existe correlação entre as variáveis nível de abertura, nível de masculinidade/feminilidade, comportamento sexual e identificação com grupos gays. Sendo que a variável nível de masculinidade/feminilidade foi a única que não apresentou correlação com nenhuma outra variável.

Existe correlação positiva entre o fator percepção interna e o fator percepção externa e correlação negativa entre o fator percepção interna e os fatores pertença e autodefinição bem como a variável nível de abertura. Também existe correlação negativa entre o fator percepção externa e as variáveis nível de abertura e comportamento sexual.

Sobre o fator pertença, existe correlação positiva com o fator autodefinição e as variáveis nível de abertura bem como identificação com grupos gays e correlação negativa com a variável comportamento sexual. E sobre o fator autodefinição, existe correlação positiva com as variáveis nível de abertura e identificação com grupos gays.

Estes dados confirmam as análises anteriores de que quanto maior a internalização da homofobia menor o nível de pertença e reconhecimento da identidade gay e menor o nível de abertura. Também quanto mais se percebe a homofobia menor a abertura da sexualidade. Consequentemente, quanto maior o nível de abertura maior o pertencimento e o reconhecimento da identidade gay, ou seja, maior a identificação como gay e com os grupos gays.

CAPÍTULO 4

DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo compreender como ocorre a homofobia entre gays a partir da estratificação e hierarquização e da reprodução do preconceito contra as identidades gays. Foi possível analisar as representações acerca dessas identidades, as quais revelaram os discursos que constroem o estereotipo existente sobre tais identidades e a forma como os diversos tipos de gays se relacionam entre si.

Para além das identidades gays utilizadas neste estudo – pão com ovo, maricon, drag queen, urso, hipster, fino, barbie – utilizou-se de características que demonstrassem as diferenças que ocorrem entre este grupo social, sendo elas o nível de abertura da sexualidade, a qual diz respeito a abertura e explicitação da sexualidade em quatro âmbitos – família, amigos, trabalho e escola; o nível de masculinidade e feminilidade; o comportamento sexual – ativo, passivo, flexível; e a identificação com grupos gays. Estas quatro características estruturam as formas de se viver a identidade gay.

A homossexualidade se refere a orientação sexual de pessoas que se sentem atraídas afetiva e sexualmente por pessoas do mesmo sexo. Como dito no capítulo teórico deste estudo (Ver Capítulo 1), a homossexualidade masculina fundamenta o conceito de “gay”. Este último revela-se como uma identidade social construída a partir da homossexualidade vivida de uma forma que faz surgir uma cultura gay, dotada de signos, códigos, símbolos e regras.

A homossexualidade, nos tempos que foi considerada doença, por exemplo, foi o estigma pelo qual os homossexuais foram perseguidos e excluídos da sociedade.

Segundo Goffman (1988), o estigma é o atributo que torna o sujeito desacreditado para a aceitação social. Ou seja, a homossexualidade foi e, em determinados espaços, continua sendo um estigma, pois trata-se de uma característica que justifica a depreciação de homossexuais. No entanto, com o surgimento da identidade gay, ela também passou a ser um estigma tanto para a sociedade quanto para homossexuais.

Esta depreciação por conta do estigma da homossexualidade configura o conceito de homofobia, o qual, segundo Borrillo (2010) é a inferiorização da homossexualidade em detrimento da heterossexualidade. A homofobia é, por tanto, o conjunto de crenças e práticas que tornam a homossexualidade inferior a heterossexualidade.

Segundo Fry e Macrae (1985), com o surgimento do movimento político referente a homossexualidade – o movimento gay – surge a identidade gay e com ela um padrão de beleza, consumo e relacionamento, que reproduzem a lógica heterossexual, a “ideologia heterossexual reproduzida nos meios homossexuais” (Fry & Macrae, 1985). Este estudo revela a partir das representações das identidades gays e dos relacionamentos que são estabelecidos entre gays que o padrão gay é o homossexual jovem, masculinizado, que corresponde ao padrão de beleza (magro e sarado) e de classe socioeconômica favorável.

Para Goffman (1988), a pessoa estigmatizada aprende e incorpora o ponto de vista dos “normais” – heterossexuais – reproduzindo as crenças em relação à sua identidade⁴. Este processo possibilita compreender a internalização dos valores negativos da homossexualidade – homofobia internalizada – compreendida por Pereira e Leal (2002, 2005) como um processo que acomete os homossexuais.

⁴ É importante destacar que não são todos os heterossexuais que possuem tais crenças negativas quanto a homossexualidade.

Segundo Borrillo (2010), homossexuais não estão imunes a sentimentos homofóbicos. O autor apresenta a noção de “homofobia interiorizada” como a interiorização da hostilidade à própria orientação sexual fruto do desenvolvimento em ambientes hostis à homossexualidade. Para o autor, o sentimento homofóbico leva o homossexual a lutar contra os próprios desejos, o que provoca, às vezes, distúrbios psicológicos como sentimento de culpa, vergonha, ansiedade e depressão.

A internalização dos valores negativos da homossexualidade que leva à reprodução da homofobia se deve ao mecanismo social responsável pela hierarquização entre os grupos sociais, o preconceito social (Prado & Machado, 2008). Segundo Prado e Machado (2008), o preconceito atua para a conservação e a extensão dos processos de dominação social. Ou seja, a finalidade do preconceito é não permitir que relações subordinadas se tornem relações políticas.

Da mesma forma que a homofobia por parte de heterossexuais mantém a superioridade da heterossexualidade na sociedade em geral, a sua reprodução entre gays faz surgir este padrão de gay e mantém a superioridade de gays masculinizados, jovens, de classe socioeconômica favorável e correspondentes ao padrão de beleza presente na sociedade, conforme os dados apresentados nesta pesquisa.

Este estudo possibilitou visualizar que os gays – homossexuais masculinos – reproduzem, a partir do “padrão gay” e de determinadas características que serão explanadas adiante, o preconceito contra os subgrupos de gays, ou melhor, as identidades gays em seus discursos sobre tais subgrupos sociais e nos tipos de relacionamento com tais categorias.

Os gays afeminados, velhos, fora do padrão de beleza e com situação socioeconômica desfavorável são os que possuem representação negativa e são menos

visados para os relacionamentos que envolvem o ato sexual – sexo casual e namoro. Estas características desdobram em identidades gays, ou seja, em subcategorias ou subgrupos de gays, como o gay “pão com ovo” e “maricona”. Aqueles participantes que possuem representação negativa acerca destas duas identidades e que não estabelecem os relacionamentos de namoro ou sexo ou rejeitam tais identidades são os que possuem os níveis de internalização da homofobia maiores que os demais, o que confirma a reprodução da homofobia por parte dos gays.

No entanto, não são todos os gays que reproduzem a homofobia. A partir da análise da forma como se vive a homossexualidade por parte dos participantes desta pesquisa, pôde-se ver que das características da homossexualidade, o nível de abertura da sexualidade foi a variável que mais se destacou na relação com a reprodução do preconceito. Sendo que quanto maior o nível de abertura menos se reproduz o preconceito. Da mesma forma que são estes gays que estão fora do armário que mais se identificam com a identidade gay, ou seja, que mais pertencem a identidade gay e mais se reconhecem como gay.

Segundo Goffman (1988), uma das características do estigmatizado é o controle de informações sobre seu estigma. Isto sugere que a pessoa homossexual pode manipular a informação da sua homossexualidade. Trata-se do encobrimento do seu estigma, o qual tem como função passar despercebido com relação a seu atributo (Goffman, 1988). Sobre a pessoa que encobre o estigma, o autor salienta que “supõe-se que ela deve pagar um alto preço psicológico, um nível muito alto de ansiedade, por viver uma vida que pode entrar em colapso a qualquer momento” (Goffman, 1988, pag. 98).

É por conta desta possibilidade de se manipular que homossexuais vivem no “armário”, controlando não apenas a informação como também vivendo a sua orientação sexual no âmbito privado. No entanto, a visibilidade do estigma é passível através das relações sociais que são estabelecidas. Como diz o autor,

“Estar ‘com’ alguém é chegar em alguma ocasião social em sua companhia, caminhar com ele na rua, fazer parte de sua mesa em um restaurante, e assim por diante. A questão é que, em certas circunstâncias, a identidade social daqueles com quem o indivíduo está acompanhado pode ser usada como fonte de informação sobre a sua própria identidade social, supondo-se que ele é o que os outros são” (Goffman, 1988, pag. 57).

Para o mesmo autor, este indivíduo estigmatizado – gay – tende a estratificar seus “iguais” de acordo com o grau de visibilidade do seu estigma e vive este processo do encobrimento, muitas vezes, sem ao menos reconhecê-lo. É por estes motivos que acontece esta reprodução do preconceito nos tipos de relacionamento e que os gays não o compreendem como preconceito. Muitas são as vezes que gays afirmam não gostar de se relacionar com gays afeminados justificados pelo argumento “apenas não curto”. O não curtir afeminados está carregado da internalização dos valores negativos da homossexualidade, conforme os dados apresentados nessa pesquisa.

De todas as identidades analisadas neste estudo, a “pão com ovo” foi a que teve maior representação negativa e menor preferência para se estabelecer relacionamentos. Isto sugere que tal identidade carrega o estigma e o estereótipo (conjunto de crenças

naturalizadas) do gay. Os demais grupos e/ou identidades gays reproduzem o preconceito com tal categoria por vivenciarem o descrédito do “ser gay” perante a sociedade.

A rejeição a tal categoria foi comprovada através da análise dos relacionamentos com gays afeminados, que é, de acordo com a sessão das representações acerca das identidades gays, uma das características do “pão com ovo”. Isto revela o horror ao feminino não só presente na sociedade que é machista como também dentro dos próprios grupos gays.

Segundo Fry e Macrae (1985), a naturalização da homossexualidade está investida do estereótipo passivo e afeminado do homossexual, que tem relação com a naturalização do homem macho, viril e heterossexual. São estes pré-dispositivos externos ao grupo gay que são fundamentos para a reprodução de seus valores entre gays. Esta reprodução de valores só é possível através da sua internalização. Então, gays internalizam os valores negativos do “ser afeminado” e reproduzem-nos entre seus pares através dos discursos – representação acerca do feminino – e dos relacionamentos.

Esta naturalização do homem como macho, viril e heterossexual diz respeito ao conceito de heteronormatividade que serve para a manutenção dos privilégios à heterossexualidade (Louro, 2009), colocando-a como uma norma na sociedade e servindo de sustentação para a dominação masculina.

Muitos autores (Louro, 2009; Batista, 2014; Oliveira, 2013; Pocahy, 2012) têm trazido o conceito de homonormatividade para tratar da normatividade da homossexualidade. Segundo Oliveira (2013), a homonormatividade está a serviço da heteronormatividade para a garantia da aceitação do homossexual que reproduza os parâmetros da heterossexualidade.

A homofobia entre gays – homofobia intragrupal – trata-se, por tanto, da reprodução da heteronormatividade, a serviço da homonormatividade nas relações sociais entre gays, que se dá nos âmbitos dos discursos e das práticas – representações e relacionamentos, respectivamente.

A afeminação do sujeito homossexual masculino (gay) possibilita que sua sexualidade esteja visível ou possa ser questionada. Não significa que todo homem afeminado seja homossexual ou gay. No entanto, é entendimento da sociedade, haja vista que o padrão de homem imposto pela heteronormatividade é que o homem seja masculinizado. Então, o ser afeminado apresenta-se como um suposto atributo perceptível da homossexualidade, sendo então uma forma de passar a informação da sexualidade do sujeito afeminado.

A invisibilidade desta inferiorização do feminino dentro do grupo gay maior possibilita que os gays afeminados continuem sendo marginalizados através dos discursos preconceituosos e, principalmente, nos tipos de relacionamento que são estabelecidos com estes. Segundo Prado e Machado (2008), a naturalização das hierarquias sociais não permite que a inferiorização seja reconhecida como injustiça, por tanto, uma das estratégias do preconceito é a invisibilidade dos grupos sociais através da naturalização. Então, invisibiliza-se esta rejeição aos gays afeminados e leva-se a tratar esta rejeição como natural. Por este motivo que não estabelecer relacionamento com gays afeminados está em lugar comum dentro da “comunidade gay”.

É importante destacar que o gay drag queen não teve tamanha rejeição para os relacionamentos, principalmente quanto ao relacionamento amizade. Isto se deve ao fato de este ser um artista que se apresenta em casas de shows voltadas para o público LGBT e que, por tanto, possuem a qualidade de levar entretenimento ao público gay.

Sobre o gay “pão com ovo”, não é apenas o gay afeminado como também o gay com menor condição socioeconômica. Sobre esta última característica, pode-se notar como a questão econômica revela-se como de importância para os gays. No entanto, não se trata da rejeição apenas ao feminino ou ao gay afeminado. Este estudo revela que existe um valor negativo atribuído ao gay que é de mais idade. Haja vista os dados apresentados sobre a identidade mariconna, a qual teve a evocação “velho” como uma das mais frequentes na dimensão da representação acerca das identidades.

O gay velho, ou melhor, o mariconna tem a idade mais avançada e, por tanto, também não possui o corpo dentro dos padrões de beleza da sociedade. Isto o torna um sujeito com representação mais negativa e com menor preferência para se estabelecer relacionamentos, principalmente aqueles que envolvem o ato sexual como o namoro e o sexo casual.

Aqueles que também não se relacionam com o mariconna possuem o nível de homofobia internalizada maior. Isto sugere que a homofobia internalizada não tenciona apenas quanto às questões de gênero. Existe a relação entre este processo de internalização dos valores negativos da homossexualidade e o padrão de beleza bem como a idade mais avançada. Esta relação confirma a padronização do ser gay através destas características estéticas.

Em contrapartida a esta rejeição vivenciada pelo gay pão com ovo e mariconna, pôde-se ver a qualificação positiva e a preferência dos relacionamentos pelas identidades urso e barbie. Estas categorias possuem como característica a masculinidade e virilidade – urso – bem como o padrão de corpo sarado – barbie. Aqueles que possuem representação positiva sobre tais identidades e estabelecem relacionamentos como o namoro e o sexo são os que também internalizam mais a homofobia. Isto

confirma a relação da internalização dos valores negativos da homossexualidade com as questões estéticas.

Da mesma forma que tais categorias tiveram estes resultados “positivos” neste estudo, houve a evidência da preferência por gays discretos, ou seja, aqueles que não se assumem como gay e não são afeminados. Pode-se dizer que são estes gays que estão no “armário”, em virtude da discrição da sua homossexualidade. Também existe nas análises que foram feitas sobre os relacionamentos com esta categoria a sua relação com a internalização dos valores negativos da homossexualidade por parte daqueles que têm preferência por esta categoria. Por tanto, a preferência por gays, ou melhor, homossexuais discretos é característica do gay que reproduz a homofobia.

Pode-se dizer que estas identidades gays que não correspondem ao padrão gay – pão com ovo e mariconas, principalmente – também constituem-se de estigmas, pois contém atributos depreciativos e carregam estereótipos acerca da sua representação social que possibilita a sua inferiorização.

Os relacionamentos namoro e sexo casual são aqueles nos quais a reprodução da homofobia se mostra com mais frequência. A amizade não é um tipo de relacionamento na qual a homofobia se reproduz. A diferença deste último relacionamento com os primeiros é que nestes há a possibilidade da relação sexual. A qual têm como princípio para que ocorra a atração física e sexual. Isto significa que, de fato, o gay que reproduz a homofobia através das práticas nos relacionamentos estabelecidos com seus “pares” não sente atração física e sexual – e quando do relacionamento namoro, a atração afetiva – por gays que não correspondam ao padrão gay.

O estabelecimento da amizade com tais categorias estigmatizadas revelam o que, segundo Goffman (1988) se refere à familiaridade dos “normais” com os

estigmatizados. Para o autor, a familiaridade com o estigmatizado não diminui o menosprezo com ele.

Ainda que a intimidade com o estigmatizado reduza o menosprezo, “há no âmago um ordenamento completo de previsões socialmente padronizadas que temos quanto à sua conduta e natureza” (Goffman, 1988, pag. 63). Tais previsões se referem ao conjunto de crenças acerca de tais categorias que qualificam-nas como categorias negativas e inferiores – estereótipo.

Tendo em vista a finalidade do preconceito – manutenção da hierarquia social – pode-se dizer que a homofobia intragrupal ocorre para que haja esta hierarquia das identidades gay, ou melhor, da vivência da homossexualidade a partir da sua padronização. O preconceito homofóbico intragrupal está a serviço da homofobia enquanto preconceito social bem como da dominação masculina, do padrão de beleza, da superioridade das classes socioeconômicas mais favoráveis e da normatização da juventude. O que se aponta nesta constatação é que a homofobia intragrupal evidencia-se como um processo que ocorre nas relações sociais entre gays que inferioriza determinadas identidades gays e determinadas formas de se viver a homossexualidade entre os próprios gays. Sendo que os gays que são inferiorizados são os mesmos que fogem da padronização gay, ou seja, da normatividade gay - homonormatividade.

Considerações Finais

Este estudo possibilitou compreender melhor as relações sociais entre gays, principalmente na forma como se reproduz o preconceito homofóbico entre gays. Foi possível perceber que a homofobia intragrupal está para além da reprodução da heteronormatividade em tais relações. Este preconceito intragrupal ocorre em virtude da padronização do “ser gay” em determinadas características fundamentadas em aspectos

da idade, da condição socioeconômica, da estética e das questões de gênero – esta por última diz respeito à heteronormatividade.

A vivência da homossexualidade se dá de distintas formas, no entanto, a abertura e explicitação da sexualidade demonstrou-se como uma das características significativas para a reprodução do preconceito. Esta constatação é muito importante quando se considera a importância dos movimentos sociais na sociedade, pois os movimentos sociais que militam pelos homossexuais – movimentos gay, lésbico, bi e LGBT, em geral – sempre trouxeram para a sociedade a importância do *coming out* – sair do armário (Ver Capítulo I).

Concluiu-se que estar no armário – ou melhor, ter pouca abertura da sexualidade – está relacionado com a internalização dos valores negativos da homossexualidade, bem como com a pouca pertença e reconhecimento da identidade gay, que reflete diretamente na pouca preferência para estabelecimento de relacionamentos com as identidades não-homonormativas.

Por tratar-se de um estudo exploratório, os dados relevantes que este apresenta ainda precisam ser ampliados, principalmente no que se refere à noção da identidade gay e sua relação com a homonormatividade, ou seja, na relação com a padronização gay e a constituição de identidades localizadas a partir de recortes normativos – de gênero, idade, classe socioeconômica e étnico-racial. Isso porquê coube a esse estudo a observância do fenômeno preconceito e sua reprodução nas relações sociais.

REFERÊNCIAS

- Batista, D. C. (2014). Seria azul a cor mais quente? Reflexões sobre hetero e homonormatividade no filme de Abdellatif Kechiche. *X ANPED SUL*. Outubro de 2014. Florianópolis, p. 1-16.
- Bento, B. (2006). *A (re)invenção da transexualidade: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 256 p.
- Borges, Z. N. et. al. (2011). “Percepção de professoras de ensino médio e fundamental sobre a homofobia na escola em Santa Maria (Rio Grande do Sul/Brasil)”. UFPR. *Educar em Revista*. Abril de 2011. nº 39, p. 21-38.
- Borges, Z. N. & Meyer, D. E. (2008). Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. *Ensaio: Avaliação e políticas públicas em educação*. V. 16. N. 58, p. 59-75.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: História e Crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 141 p.
- Borrillo, D. (2009). A homofobia. In: Lionço, T. & Diniz, D. (Orgs.). *Homofobia e Educação: um desafio ao silêncio*. (1ª ed.). Brasília: Letras Livre. p.15-46.
- Brasil. (2004). Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem Homofobia: programa de combate à violência e à discriminação contra GLBT e de promoção da cidadania homossexual*. Brasília: Ministério da Saúde.
- Brasil. (2016). Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos. Secretaria Especial de Direitos Humanos. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil: Ano 2013*. Brasília: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos.

Butler, J. (2000). *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'*. In: Louro, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, p. 151-172.

Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Dinis, N. F. (2011). Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*. Abril de 2011. nº 39, p. 39-50.

Freire, L., & Cardinali, D. (2012). O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Dezembro de 2012. nº 12, p. 37-63.

Fry, P. (1982). Da hierarquia à igualdade: A construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: Fry, P. *Para inglês ver. Identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 135 p.

Fry, P. & Macrae, E. (1985). *O que é homossexualidade?* Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense.

Goffman, E. (1988). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan S.A.

Green, J. N. (2000). *Além do Carnaval. A Homossexualidade masculina no Brasil do Século XX*. São Paulo: Editora UNESP.

Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade?. In: Silva, T. T. (Org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes. p. 103-131.

- Koller, S. H., Couto, M. C. P. P. & Hohendorff, J. V. (2014). *Manual de Produção Científica*. 1ª ed. Porto Alegre: Penso.
- Laqueur, T. W. (2001). *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Lionço, T. (2008). Bioética e sexualidade: o desafio para a superação de práticas correcionais na atenção à saúde de travestis e transexuais. *Série Anis*. Brasília, n. 54, p. 1-6.
- Louro, G. L. (2009). Heteronormatividade e homofobia. In: Junqueira, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação/UNESCO, p. 85-93.
- Marsiaj, J. (2003). Gays ricos e bichas pobres: Desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. *Cadernos AEL*. Vol. 10. p. 131-147.
- Mayhew, M. G., Gardner, J., & Ashkanasy, N. M. (2010). Measuring Individuals' Need for Identification: Scale Development and Validation. *Personality and Individual Differences*. 46, p. 356-361.
- Mello, M. A. (2007, 19 de Agosto). A Igualdade é Colorida. *Folha de São Paulo*. Recuperado de: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz1908200709.htm>
- Nunan, A. et. al. (2010). O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. *Interação em Psicologia*. Julho de 2010. Vol. 14, nº 2, p. 255-262.
- Oliveira, J. M. (2013). Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação". *Psicologia & Sociedade*. Belo Horizonte: V. 25 n.1, p. 68-78.

Pecheny, M. (2004). Identidades discretas. In: Rios, L. F.; Almeida, V.; Parker, R.; Pimenta, C. & Terto Junior, V. (Org.). *Homossexualidade: Produção cultural, cidadania e saúde*. Rio de Janeiro: ABIA, p. 16-33.

Pereira, H., & Leal, I. (2002). A homofobia internalizada e os comportamentos para a saúde numa amostra de homens homossexuais. *Análise Psicológica*, 1, 107-113.

Pereira, H., & Leal, I. P. (2005). Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, 3(23), 323-328. Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/191>

Perucchi, J. et. al. (2014). Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*. Março de 2014. Vol. 19, nº 1, p. 67-76.

Pocahy, F. A. (2012). Entre vapores & vídeos pornô: dissidências homo/eróticas na trama discursiva do envelhecimento masculino. *Estudos Feministas*. Maio – Agosto de 2012. Florianópolis: V. 20 n. 2, p. 357-376.

Prado, M. A. M., & Machado, Frederico. V. (2008). *Preconceito contra homossexualidades: a hierarquia da invisibilidade*. 1ª ed. São Paulo: Cortez. 144 p.

Ramos, S., & Carrara, S. (2006). A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre o ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*. 2006. Vol. 16, nº 2, p. 185-205.

Ross, M. W. & Rosser, B. R. (1996). Measurement and correlates of internalized homophobia: a factor analytic study. *J Clin Psychol*. Janeiro de 1996. V. 52 n. 1, p.15-21.

Scorsolini-Comin, F. & Santos, M. A. (2012). Insensatos Afetos: homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. *Barbarói*. Junho de 2012. nº 36, p. 50-66.

Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*. 20 (2), p. 71-99. Porto Alegre.

Sedgwick, E. K. (2007). A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*. Junho de 2007. p. 19-54.

Silva, B. B., & Cerqueira-Santos, E. (2014). Apoio e Suporte Social na Identidade Social de Travestis, Transexuais e Transgênero. *Revista da SPAGESP*, 15(2), p. 27-44.

Siqueira, M. V. S. et. al. (2009). Homofobia e violência moral no trabalho no distrito federal. *Organizações & Sociedade*. Julho – Setembro de 2009. Salvador: V. 16, n. 50, p. 447-461.

Soliva, T. B., & Silva Junior, J. B. (2014). Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Agosto de 2014. nº 17, p. 124-148.

Teixeira Filho, F. S. et. al. (2012). Homofobia e Sexualidade em adolescentes: trajetórias sexuais, riscos e vulnerabilidades. *Psicologia: ciência e profissão*. Vol. 32, nº 1, p. 16-33.

Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F.S. (2013). Homofobia familiar: Abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. V. 65. N. 3. p. 376-391.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*. Fevereiro de 2001. Ano 9, p. 460-482.

ANEXO 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Aos Participantes

Estamos realizando uma pesquisa sobre questões de homofobia e reprodução de preconceito entre grupos gays. Caso concorde em participar, você dará sua opinião pessoal sobre este tema. Sua participação consistirá em responder a um questionário, durante o tempo de 20 minutos aproximadamente. Será apresentado um questionário que você deverá ler e, em seguida, responder sua opinião sobre o tema. O questionário consistirá de dados psicossociais, inventário de representação, tabela de associação e escalas.

Serão tomados todos os cuidados para garantir sigilo e confidencialidade dos dados. Seu nome ou qualquer identificação jamais serão perguntados ou revelados. As informações obtidas através dos questionários serão analisadas para que se possa produzir conhecimentos e investigar um grupo. Os dados obtidos serão guardados no Departamento de Psicologia da UFS e destruídos após o período de cinco anos. Sua participação é voluntária, podendo ser interrompida em qualquer etapa, sem nenhum prejuízo ou punição. É possível que algumas questões relacionadas a experiências de vida possam causar sentimentos desagradáveis. Se isso ocorrer, você poderá interromper a participação. Caso seja necessário, você poderá ser encaminhado para algum serviço que ofereça atendimento psicológico. Temos uma lista de locais que podem te dar apoio e informações complementares. Não há nenhuma forma de compensação financeira por

participar deste projeto. A sua colaboração é muito importante. O pesquisador responsável pelo estudo é o Mestrando Gabriel Henrique Pereira de Figueiredo (gabrielhenryque@hotmail.com 65 9239-5165). Desde já, agradecemos sua contribuição para o desenvolvimento desta atividade de pesquisa e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos.

Autorização:

Clicando no link abaixo eu declaro que fui informado dos objetivos e da justificativa desta pesquisa de forma clara e detalhada. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa em qualquer momento do processo. Ao assinar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais. Ao assinar este Termo, dou meu consentimento livre e esclarecido, concordando em participar deste estudo.

ANEXO 2**Questionário de pesquisa****Informações gerais**

Favor marcar com um **X** na resposta que melhor se apresente para você.

1. Sexo:

() Masculino () Feminino () Outro Qual? _____

2. Quanto à sua orientação sexual, como você se define?

3. Qual a sua idade? _____ anos.**4. Cidade na qual reside atualmente: _____****5. Grau de Escolaridade (completo):**

() Analfabeto () Ensino Fundamental () Ensino Médio
() Ensino Superior () Especialização () Mestrado
() Doutorado

6. Você trabalha?

() Sim () Não

7. Qual a sua ocupação? _____**8. Qual a sua renda individual média? _____****9. Qual a renda familiar média? _____****10. Possui religião?**

() Não () Sim Qual? _____

11. Está em algum relacionamento?

- ☐ Não ☐ Sim Qual?
 ☐ Namoro ☐ Mora junto ☐ Casado
 oficialmente
 ☐ União Estável ☐ Relacionamento Aberto
 ☐ Relacionamento casual

12. Tem Filhos?

- ☐ Não ☐ Sim Quantos?_____

13. Marque com um X a alternativa que descreve quantas pessoas sabem de forma aberta/explicita sobre como vive sua vida afeita e sexual?

| | 1- Ninguém saber | 2-Poucos sabem | 3-Alguns sabem | 4-Muitos sabem | 5-Todos sabem | Não se aplica |
|----------|------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|------------------|------------------|
| Família | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Amigos | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Trabalho | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |
| Escola | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | |

Obs: Caso não esteja trabalhando e/ou freqüentando a escola marque a opção não se aplica.

14. Costuma ter relações sexuais com camisinha?

- ☐ Sim ☐ Não

15. Costuma fazer teste de DST/Aids?

- ☐ Não ☐ Sim Com que freqüência?_____

16. É soro positivo?

- ☐ Sim ☐ Não ☐ Não sei

17. Nas relações sexuais, costuma ser:

- ☐ Ativo ☐ Passivo ☐ Flexível ☐ Outro _____

18. Em uma escala de 0 a 10, como se considera:

| | | | | | | | | | | |
|----------|---|---|---|---|----------|---|---|---|---|-----------|
| 0 | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
|----------|---|---|---|---|----------|---|---|---|---|-----------|

Diga as 5 (cinco) primeiras palavras que lhe vêm a mente quando pensa:

1. Gay

5. Drag Queen

2. Bicha pão com ovo

6. Urso/Bear

3. Barbie

7. Hipster

4. Maricona

8. Fina/Rica

RELACIONAMENTO

Na Tabela a seguir, apresentaremos tipos de gays e algumas características. Marque um X com o tipo de relacionamento que se estabeleceria com outro gay com estas características:

| Gays | Namoro | Amizade | Relação sexual (Sexo) | Nenhum relacionamento |
|-------------------|--------|---------|-----------------------|-----------------------|
| Bicha poc poc | | | | |
| Bicha pão com ovo | | | | |
| Barbie | | | | |
| Maricona | | | | |
| Cafuçu | | | | |
| Drag Queen | | | | |
| Urso | | | | |
| Hipster | | | | |
| Fina | | | | |
| Fashionista | | | | |
| Ativista | | | | |
| Negro/Preto | | | | |
| Branco | | | | |
| Amarelo | | | | |
| Pardo | | | | |
| Rico | | | | |
| Pobre | | | | |
| Graduado | | | | |
| Não graduado | | | | |
| Desempregado | | | | |
| Empregado | | | | |

| | | | | |
|---------------|--|--|--|--|
| Gordo | | | | |
| Magro | | | | |
| Sarado | | | | |
| Obeso | | | | |
| Católico | | | | |
| Evangélico | | | | |
| Umbandista | | | | |
| Espírita | | | | |
| Candomblé | | | | |
| Afeminado | | | | |
| Discreto | | | | |
| Velho | | | | |
| Soro positivo | | | | |
| Ativo | | | | |
| Passivo | | | | |
| Flexível | | | | |
| Casado | | | | |
| Pai | | | | |

IDENTIDADE

Em relação ao(s) grupo(s) gay(s) do(s) qual(is) faz parte, responda o questionário a seguir:

| <div style="display: flex; justify-content: space-between; font-size: 0.8em;"> Concordo totalmente Concordo na maior parte Nem concordo nem discordo Discordo na maior parte Discordo totalmente </div> | | |
|---|--|-----------|
| A | Eu tenho muito em comum com outros membros dos grupos que faço parte | □ □ □ □ □ |
| B | Eu gosto dos grupos os quais faço parte | |
| C | Não importa qual grupo eu pertença, eu gostaria de pensar em mim como alguém que representa o que o grupo significa ou apóia | □ □ □ □ □ |
| D | Eu preferiria dizer \ usar o termo ‘nós’ a ‘eles’ quando falo dos grupos ao qual faço parte | |
| E | Eu me sinto confortável com outras pessoas sabendo sobre os membros do grupo ao qual faço parte | □ □ □ □ □ |
| F | Quando penso em mim, penso sobre os grupos ao qual faço parte | |
| G | Ser um membro de grupos me dá um forte senso de que eu sou | □ □ □ □ □ |
| H | Ser parte de grupos me proporciona uma identidade | |
| I | Meu entendimento sobre quem sou é proveniente dos grupos aos quais faço parte | □ □ □ □ □ |
| J | Sem os grupos aos quais faço parte, eu me sentiria incomplet@ | |
| K | Meus grupos ilustram que eu sou | □ □ □ □ □ |

HOMOFOBIA

Pensando sobre o tema da homofobia, responda as próximas questões. Leia cada afirmativa cuidadosamente e decida pela resposta que melhor descreve a sua opinião em relação aos *gays*, *lésbicas*, *bissexuais* etc. Marque com um X a resposta correspondente.

| ITEM | Discordo Totalmen t e | Discordo | Concordo | Concordo totalment e |
|--|--------------------------------|----------|----------|----------------------------|
| 1. Homens gays obviamente efeminados fazem-me sentir desconfortável. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 2. Prefiro ter parceiros/as sexuais anônimos/as. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 3. A vida seria mais fácil se eu fosse heterossexual. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 4. A maioria dos meus amigos/as são gays, lésbicas e/ou bissexuais. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 5. Não me sinto confiante para me “atirar” a uma pessoa do mesmo sexo que eu. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 6. Sinto-me confortável em bares gays/lésbicos. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 7. Situações sociais com homens gays ou mulheres lésbicas fazem-me sentir desconfortável. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 8. Não gosto de pensar na minha homossexualidade/bissexualidade. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 9. Quando penso em homens gays, mulheres lésbicas ou pessoas bissexuais, penso em situações negativas. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 10. Sinto-me confortável ao ser visto em público com um homem explicitamente gay ou uma mulher explicitamente lésbica. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 11. Sinto-me confortável ao falar sobre homossexualidade/bissexualidade num local público. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 12. É importante para mim controlar quem sabe da minha homo/bissexualidade. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 13. A maioria das pessoas tem reações negativas à homossexualidade. | (1) | (2) | (3) | (4) |

| | | | | |
|---|-------|-------|-------|-------|
| 14. A homossexualidade não é contra a vontade de Deus. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 15. A sociedade ainda pune as pessoas por serem gays, lésbicas ou bissexuais. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 16. Eu protesto se contarem alguma piada contra gays ou lésbicas na minha presença. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 17. Preocupo-me com o meu envelhecimento sendo homossexual/bissexual. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 18. Preocupo-me em deixar de ficar atraente. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 19. Eu preferia ser heterossexual. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 20. A maioria das pessoas não discrimina os gays e as lésbicas. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 21. Sinto-me confortável com a minha homossexualidade/bissexualidade. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 22. A homossexualidade é moralmente aceitável. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 23. Não me preocupa que descubram que sou gay/lésbica/bissexual. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 24. A discriminação contra gays e lésbicas ainda é comum. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 25. Mesmo que pudesse mudar a minha orientação sexual, não mudaria. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 26. A homossexualidade é tão natural quanto a heterossexualidade. | (1) | (2) | (3) | (4) |
| 27. Mulheres lésbicas obviamente masculinas fazem-me sentir desconfortável. | (1) | (2) | (3) | (4) |

AUTO-IDENTIFICAÇÃO

Com qual grupo gay você se identifica?

Você se sente pertencido a este grupo?

() Sim () Não Qual o motivo?_____

Como é ser gay na 'comunidade' gay?
